

Ana Rubia Wolf Gomes

**DETERMINANTES DE PERMANÊNCIA DE CATADORES EM
ASSOCIAÇÃO DE CATADORES DE MATERIAIS RECICLÁVEIS**

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade Federal de Santa Catarina, como parte dos requisitos para obtenção do título de doutor, soborientação da prof.^a Dr.^a Olga Mitsue Kubo.

Área de concentração:
aprendizagem, processos
organizacionais e trabalho.

Linha de pesquisa: análise do
comportamento em aprendizagem,
processos organizacionais e trabalho.

Florianópolis
2014

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

GOMES, Ana Rubia Wolf
DETERMINANTES DE PERMANÊNCIA DE CATADORES EM ASSOCIAÇÃO
DE CATADORES DE MATERIAIS RECICLÁVEIS / Ana Rubia Wolf
GOMES ; orientadora, Olga Mitsue KUBO - Florianópolis, SC,
2014.
171 p.

Tese (doutorado) - Universidade Federal de Santa
Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Programa
de Pós-Graduação em Psicologia.

Inclui referências

1. Psicologia. 2. Psicologia. 3. Análise do
Comportamento. 4. Associação de Catadores. 5. Catadores de
Materiais Recicláveis. I. KUBO, Olga Mitsue. II.
Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-
Graduação em Psicologia. III. Título.

Ana Rubia Wolf Gomes

***Determinantes de permanência de catadores em associação de
catadores de materiais recicláveis***

Tese aprovada como requisito parcial à obtenção do grau de Doutor em Psicologia, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina.

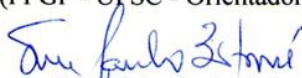
Florianópolis, 27 de fevereiro de 2014.



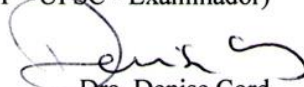
Dra. Carmen Leontina Ojeda Deampo Moré
(Coordenadora - PPGP/UFSC)



Dra. Olga Mitsue Kubo
(PPGP - UFSC - Orientadora)



Dr. Silvio Paulo Botomé
(PPGP - UFSC - Examinador)



Dra. Denise Cord
(PSI - UFSC - Examinadora)



Dr. Gabriel Gomes de Luca
(UFPR - Examinador)



Dra. Juliane Viecili
(UNISUL - Examinadora)

AGRADECIMENTOS

Aos colegas de pós pelos momentos de aprendizado!

Aos membros da banca pela disposição em avaliar o meu trabalho!

À professora orientadora Dr^a Olga Mitsue Kubo por toda a paciência, confiança, carinho, força e jeito fácil de explicar conceitos que me eram tão difíceis, sempre presente no meu processo de aprender as coisas do trabalho e as coisas da vida!

Ao professor Dr. Sílvio Paulo Botomé pela forma de me fazer aprender a aprender sobre a Análise do Comportamento, a Psicologia e a Ciência!

À Fundacentro por ter permitido me dedicar à pesquisa!

À Rucilda e à Geane por me abrirem as portas!

Aos catadores da associação e à Solange, catadores e catadoras que permitiram que eu conhecesse seu trabalho, suas histórias de vida, seus problemas, suas felicidades, seus anseios, relatos tão emocionantes!

Aos meus pais e aos pais do Jean pela pousada com comida boa e cama quentinha nas noites que antecederam os dias de aulas!

À Vanessa meu apoio, incentivo e exemplo de profissional!

À Roseane, Eliane e Paulo pelos momentos de paz e reflexão proporcionados quando mais precisei!

À Lola, Vicente e amigos por todo o cuidado e amor sempre!

À Keiko, Manu, Andréa e Fran por cuidarem dos meus amores sempre que precisaram neste longo período de pós!

Aos meus amores: Max (Lolô), Cal (*eterna* Bebê), Mel (Melzinha), Russo (Russão Migão) e Hariiiiiinhaaaaa (Princesa) por simplesmente existirem na nossa vida e a tornarem tão feliz todos os dias!

Ao meu querido Jean, meu amor, meu porto seguro, companheiro de vida, de estudos, de tudo, sem você esta tese não teria existido!

Profundo Namaste a todos!

*“O período de maior ganho em conhecimento e experiência
é o período mais difícil da vida de alguém”
(Dalai Lama)*

RESUMO

Pesquisas sobre associações de catadores de materiais recicláveis têm indicado que há uma grande rotatividade de associados nessas organizações. O objetivo deste estudo foi identificar quais os determinantes de permanência de catadores em associação de catadores de materiais recicláveis contribuindo para uma revisão das condições oferecidas por uma associação dessa natureza, assim como a sua própria função como organização cuja responsabilidade social é evidentemente grande. Participaram 30 associados (21 mulheres e nove homens) de uma associação de catadores de materiais recicláveis de uma cidade com cerca de 120 mil habitantes do sul do país. A coleta de dados ocorreu por meio de entrevistas que investigaram as variáveis: idade, sexo, grau de escolaridade, tempo de trabalho como catador, tempo de trabalho na associação, definição de associação, vantagens e desvantagens para o catador trabalhar em uma associação, aspectos pelos quais ingressaram, permanência e saída da associação, mudanças necessárias, acidentes e quantidade de dependentes. Os associados ingressaram na associação principalmente por dificuldades financeiras; chegada de cidade do interior; dificuldades em conseguir outro emprego pela idade; baixa escolaridade; ou problemas de saúde. Aproximadamente 70% dos associados não tinha exercido o trabalho de catador na rua. Foi identificada como principal vantagem para permanecer na associação a estrutura física, mas foram relatadas dificuldades de relacionamento entre os membros dos dois grupos. As mulheres pareciam mais satisfeitas com o trabalho que os homens, os quais se referiam a ele como algo temporário e que sairiam da associação caso conseguissem outro trabalho. Associar-se para cooperar num processo de trabalho parece ser um processo difícil e que tem pouco apoio no que diz respeito às dificuldades de relações entre os membros e clareza do processo associativo. A responsabilidade de capacitar as pessoas que trabalham numa associação de catadores parece ser mais do que prover estrutura física apropriada. É necessário que seja considerado como parte da função de uma associação, capacitar as pessoas para um trabalho compartilhado (trabalho em equipe), em que relações sociais sejam consideradas parte das relações de trabalho. Outro aspecto que os dados possibilitaram identificar diz respeito ao cumprimento da função da associação em acolher e incentivar catadores de rua. A baixa adesão de catadores de rua ao trabalho em associação é um relevante dado para avaliar a função primordial pelo qual uma associação foi constituída.

Palavras-chave: catadores, associação, reciclagem, materiais recicláveis, análise do comportamento, Psicologia

ABSTRACT

Researches on associations of recyclable pickers have indicated that there is a large turnover of members in these organizations. The aim of this study was to identify the determinants of permanence of pickers in the associations of recyclable materials contributing to a review of the conditions offered by such kind of associations, as well as its own function as an organization whose social responsibility is clearly great. Thirty members (21 women and 9 men) of an association of recyclable pickers from a city with about 120,000 inhabitants in the south of the country participated. Data collection occurred through interviews that investigated the variables: age, sex, education level, duration of working as a picker, working time in the association, association definition, advantages and disadvantages to the picker to work in a association, aspects why entered, stayed and departed from the association, necessary changes, accidents and number of dependents. The members joined the association mainly due to financial difficulties; arrival from countryside city; difficulties in obtaining other employment due to age, low education, or health problems. Approximately 70 % of members had not worked as street pickers. The physical structure was identified as the main advantage to stay in the association, but relationship difficulties were reported between members of the two groups. Women seemed more satisfied with the work that the men, who referred to it as something temporary and that, would leave the association if they could get other work. Join to cooperate in a working process seems to be a difficult process and it has little support in relation to dealing with the relationship difficulties of between members and transparency of the associative process. The responsibility to empower people who work in an association of pickers seems to be more appropriate than providing physical structure. It needs to be considered as part of the function of an association, enabling people for a shared work (teamwork), in which social relations are considered part of labor relations. Another aspect of the data allowed us to identify concerns related to the function of the association to foster and incentive the street pickers. The low uptake of pickers to work at an association is relevant information to assess the primary function for which an association was formed.

Keywords: collectors, association, recycle, recyclable materials, Behavior Analysis, Psychology.

ASTRATTO

Ricerche sulle associazioni dei collettori di materiali riciclabili hanno indicato che esiste un grande giro degli associati in queste organizzazioni. L'obiettivo di questo studio è stato identificare quali i fattori determinanti della permanenza dei collettori in una associazione di collettori di materiali riciclabili contribuendo per una revisione delle condizioni offerte da un'associazione di questa natura, così come la sua propria funzione come organizzazione, la cui responsabilità sociale è nettamente grande. Hanno partecipato 30 associati (21 donne e nove uomini) di un'associazione di collettori di materiali riciclabili di una città con circa 120 mila abitanti del sud del paese. La raccolta di dati è stata fatta attraverso interviste che hanno investigato gli aspetti: età, sesso, grado di scolarità, tempo di lavoro come collettore, tempo di lavoro nell'associazione, definizione di associazione, vantaggi e svantaggi di lavorare in un'associazione, aspetti per i quali ci sono entrati, permanenza e uscita dell'associazione, cambiamenti necessari, incidenti e quantità di dipendenti. Gli associati hanno ingressato nell'associazione principalmente per le difficoltà finanziarie, arrivo dalle città dell'interiore, difficoltà di trovare un'altro impiego a causa dell'età, bassa scolarità o problemi di salute. Circa 70 % degli associati non aveva lavorato come collettore nella via. È stato identificato come principale vantaggio per restare nell'associazione la struttura fisica, ma sono state citate le difficoltà di rapporto tra i partecipanti dei due gruppi. Le donne sembravano più soddisfatte con il lavoro degli uomini, i quali si riportavano al lavoro come qualcosa temporanea e che uscirebbero dell'associazione caso riuscissero a trovare un altro lavoro. Associarsi per cooperare in un processo di lavoro sembra essere un processo difficile e che ha poco appoggio per quello che riguarda le difficoltà dei rapporti tra i partecipanti e la chiarezza del processo associativo. La responsabilità di allenare le persone che lavorano in un'associazione di collettori sembra essere oltre a solo provvedere la struttura fisica appropriata. È necessario che sia considerato come parte della funzione di un'associazione allenare le persone per un lavoro diviso (lavoro in squadra), dove i rapporti sociali siano considerati parte dei rapporti di lavoro. Altro aspetto che i dati hanno possibilitato di identificare riguarda il compimento della funzione dell'associazione in accogliere e incentivare i collettori di materiali riciclati della via. La bassa adesione dei collettori al lavoro in associazione è un dato rilevante per valutare la funzione primordiale per la quale un'associazione è stata costituita.

Parole-chiave: collettori, associazione, materiali riciclabili, Analisi del Comportamento, Psicologia.

LISTA DE FIGURAS

- Figura 1. Representação esquemática dos diferentes tipos de relação básica entre os três tipos de componente de um comportamento. Adaptado de Botomé (2001, p. 701). 50
- Figura 2. Esquema ilustrativo de um conjunto de relações básicas entre os componentes de um comportamento e as possibilidades de alteração na força dessas relações. Reproduzido de Botomé e Kubo (2003). 54
- Figura 3. Associado separando material na esteira. Fonte: internet. 56
- Figura 4. Associado trabalhando na prensa. Fonte: internet. 56
- Figura 5. Vista aérea da área ocupada pelo barracão da associação. Fonte: internet. 57
- Figura 6. Diagrama do espaço interno da associação 58
- Figura 7. Foto da fachada do barracão da associação. Fonte: internet. 59
- Figura 8. Foto de uma das entradas de acesso do barracão da associação. Fonte: internet. 59
- Figura 9. Foto do espaço interno das instalações da associação – esteira. Fonte: internet. 60
- Figura 10. Foto do espaço interno das instalações da associação – fardos. Fonte: internet. 60
- Figura 11. Foto do espaço interno das instalações da associação. Fonte: internet. 61
- Figura 12. Foto da sala de aula, local das entrevistas. Fonte: internet. 67

LISTA DE TABELAS

| | | |
|--------------------|--|----|
| <u>Tabela 2.1.</u> | Características das associadas de uma associação de reciclagem (n=21) | 63 |
| <u>Tabela 2.2.</u> | Características dos associados de uma associação de reciclagem (n=9) | 66 |
| <u>Tabela 3.1.</u> | Distribuição das quantidades e percentuais de indicações feitas por associadas de uma associação de reciclagem ao indicarem o motivo de entrada na associação (n=21) | 74 |
| <u>Tabela 3.2.</u> | Distribuição das quantidades e percentuais de indicações feitas por associados de uma associação de reciclagem ao indicarem o motivo de entrada na associação (n=9) | 76 |
| <u>Tabela 3.3.</u> | Distribuição das quantidades e percentuais de indicações feitas por associadas de uma associação de reciclagem ao indicarem o que faziam antes de trabalharem na associação (n=21) | 78 |
| <u>Tabela 3.4.</u> | Distribuição das quantidades e percentuais de indicações feitas por associados de uma associação de reciclagem ao indicarem o que faziam antes de trabalharem na associação (n=9) | 79 |
| <u>Tabela 3.5.</u> | Distribuição das quantidades e percentuais de indicações feitas por associadas de uma associação de reciclagem ao definirem o que é uma associação de materiais recicláveis, da sua importância para a sociedade e ambiente (n=21) | 80 |
| <u>Tabela 3.6.</u> | Distribuição das quantidades e percentuais de indicações feitas por associados de uma associação de reciclagem ao definirem o que é uma associação de materiais recicláveis, da sua importância para a sociedade e ambiente (n=9) | 83 |
| <u>Tabela 3.7.</u> | Distribuição das quantidades e percentuais de indicações feitas por associadas de uma associação de reciclagem ao indicarem quais são as vantagens para o catador trabalhar em uma associação de catadores de materiais recicláveis (n=21) | 84 |
| <u>Tabela 3.8.</u> | Distribuição das quantidades e percentuais de indicações feitas por associados de uma associação de reciclagem ao indicarem quais são as vantagens para o catador trabalhar em uma associação de catadores de materiais recicláveis (n=9) | 87 |
| <u>Tabela 3.9.</u> | Distribuição das quantidades e percentuais de | 89 |

| | | |
|---------------------|---|----|
| | indicações feitas por associadas de uma associação de reciclagem ao indicarem o motivo de permanência na associação (n=21) | |
| <u>Tabela 3.10.</u> | Distribuição das quantidades e percentuais de indicações feitas por associados de uma associação de reciclagem ao indicarem o motivo de permanência na associação (n=9) | 90 |
| <u>Tabela 3.11.</u> | Distribuição das quantidades e percentuais de indicações feitas por associadas de uma associação de reciclagem ao indicarem quais são as desvantagens para o catador trabalhar em uma associação de catadores de materiais recicláveis (n=21) | 92 |
| <u>Tabela 3.12.</u> | Distribuição das quantidades e percentuais de indicações feitas por associados de uma associação de reciclagem ao indicarem quais são as desvantagens para o catador trabalhar em uma associação de catadores de materiais recicláveis (n=9) | 93 |
| <u>Tabela 3.13.</u> | Distribuição das quantidades e percentuais de indicações feitas por associadas de uma associação de reciclagem ao indicarem se já se machucaram durante o trabalho na associação (n=21) | 94 |
| <u>Tabela 3.14.</u> | Distribuição das quantidades e percentuais de indicações feitas por associados de uma associação de reciclagem ao indicarem se já se machucaram durante o trabalho na associação (n=9) | 95 |
| <u>Tabela 3.15.</u> | Distribuição das quantidades e percentuais de indicações feitas por associadas de uma associação de reciclagem ao indicarem o motivo pelo qual sairiam da associação (n=21) | 96 |
| <u>Tabela 3.16.</u> | Distribuição das quantidades e percentuais de indicações feitas por associados de uma associação de reciclagem ao indicarem o motivo pelo qual sairiam da associação (n=9) | 97 |
| <u>Tabela 3.17.</u> | Distribuição das quantidades e percentuais de indicações feitas por associadas de uma associação de reciclagem ao indicarem o que mudariam na associação (n=21) | 98 |
| <u>Tabela 3.18.</u> | Distribuição das quantidades e percentuais de indicações feitas por associados de uma associação de reciclagem ao indicarem o que mudariam na associação (n=9) | 99 |

SUMÁRIO

| | | |
|---|---|----|
| I | Determinantes de permanência de catadores em associação de catadores de materiais recicláveis | 23 |
| | Características das condições de trabalho dos catadores | 27 |
| | 1. como fonte de identificação de variáveis relevantes de permanência em associações | |
| | 2. Formalização da profissão como condição para investimentos públicos nas associações para tornar o trabalho dos catadores mais humanizado e significativo | 29 |
| | 3. Aspectos da coleta seletiva de materiais recicláveis no Brasil: indicadores da necessidade da organização do trabalho dos catadores de materiais recicláveis em associações que efetivamente transforme seu trabalho em trabalho humanizado | 31 |
| | 3.1 Primeiras associações de catadores de materiais recicláveis no Brasil: nova forma de organização do trabalho dos catadores | 33 |
| | 3.2 Características das associações de catadores de materiais recicláveis: nova forma de organização do trabalho dos catadores ou engodo para a manutenção da miséria desse trabalho? | 34 |
| | 3.3 Princípios indicados na literatura como melhor forma de constituir associações de catadores de materiais recicláveis | 35 |
| | 3.4 Relações entre as associações de catadores de materiais recicláveis e os governos municipais, estaduais e federal como facilitadoras da manutenção de associações e diminuição da quantidade dos materiais recicláveis encaminhados para aterros sanitários | 37 |
| | 3.5 Tipos de benefícios obtidos nas associações de catadores de materiais recicláveis que possam determinar a permanência dos catadores | 42 |
| | 3.6 Tipos de dificuldades encontradas no trabalho associativo que possam determinar a saída dos catadores de materiais recicláveis das associações | 44 |
| | 3.7 Alto índice de acidentes de trabalho relatados em pesquisas realizadas com catadores de materiais recicláveis | 46 |

| | | |
|-------|---|----|
| 4. | Contribuições da Análise do Comportamento para o exame e avaliação das relações entre comportamento profissional do catador e os determinantes de permanência em uma associação de catadores de materiais recicláveis | 49 |
| II | O processo para caracterizar os determinantes de permanência de catadores em associação de catadores de materiais recicláveis | 55 |
| 1. | Características da associação | 56 |
| 1.1 | Histórico da associação | 57 |
| 2. | Fontes de informação | 62 |
| 3. | Participantes | 62 |
| 4. | Situação e ambiente | 67 |
| 4.1 | Instalações e condições de realização das entrevistas | 67 |
| 4.1.a | Com as assistentes sociais da prefeitura | 67 |
| 4.1.b | Com os associados | 67 |
| 5. | Equipamentos e material | 68 |
| 5.1 | Para a entrevista com as assistentes sociais | 68 |
| 5.2 | Para a entrevista com a presidente e os associados | 68 |
| 6. | Procedimento | 68 |
| 6.1 | Elaboração dos instrumentos de coleta de dados | 68 |
| 6.1.a | Aspectos que orientaram a formulação de perguntas às assistentes sociais | 68 |
| 6.1.b | Aspectos que orientaram a formulação de perguntas à presidente da associação | 68 |
| 6.1.c | Aspectos que orientaram a formulação de perguntas aos associados | 69 |
| 6.2 | De contato com as assistentes sociais, a presidente da associação e os associados | 69 |
| 6.2.a | Realização da entrevista com as assistentes sociais e com a presidente da associação | 70 |
| 6.2.b | Realização da entrevista com os associados | 70 |
| 7. | Organização, tratamento e análise dos dados | 71 |
| III | Aspectos estruturais e sociais que constituem uma associação de catadores de materiais recicláveis identificados pelos próprios associados | 73 |

| | | |
|------------|---|------|
| IV | Associação de catadores de materiais recicláveis: de fato ela oferece contingências suficientes para o catador de rua se tornar um catador associado? | 101 |
| V | Referências | 125 |
| Apêndice A | Roteiro de entrevista com as assistentes sociais | 133 |
| Apêndice B | Roteiro de entrevista com a presidente da associação | 135 |
| Apêndice C | Roteiro de entrevista com os associados | 137 |
| Apêndice D | Termo de Consentimento Livre e Esclarecido | 139 |
| | Lista de Figuras | xv |
| | Lista de Tabelas | xvii |

I

DETERMINANTES DE PERMANÊNCIA DE CATADORES EM ASSOCIAÇÃO DE CATADORES DE MATERIAIS RECICLÁVEIS

Desde as últimas décadas do século XX e também no início do século XXI há indicações sobre uma catástrofe iminente que pode ser a pior da história da humanidade se não forem tomadas ações para evitá-la: o agravamento da crise climática global. Os seres humanos têm contribuído para as alterações do clima no mundo e medidas mais eficazes são necessárias para a manutenção da vida na Terra. O aumento populacional, a revolução tecnológica e as consequências das ações dos homens sobre o ambiente contribuem para a crise climática global (Gore, 2006). A emissão de poluentes na atmosfera, o desmatamento, as alterações produzidas pela degradação do ambiente pelo homem, incluindo o aumento da produção do lixo no mundo podem ter contribuído para as mudanças climáticas observadas e para o aumento da frequência de condições climáticas adversas: como furacões, tornados, invernos e verões com recordes de temperaturas baixas e altas em todo o planeta, inundações devido ao derretimento das geleiras nos pólos e consequente aumento do nível dos oceanos.

A humanidade tem enfrentado dificuldades em solucionar problemas com relação à preservação do ambiente. O crescimento das cidades, o aumento da aquisição de produtos e consequente descarte de embalagens e produções do lixo têm poluído o ambiente (Cunha e Melchior, 2005; Barboza e Zanella, 2007). Por exemplo, vários tipos de lixo são encontrados suspensos no mar a milhares de quilômetros da origem ou até em corpos de animais marinhos que, por terem ingerido esses materiais, morrem e desequilibram o ecossistema ao qual pertencem. O impacto da disposição inadequada do lixo é considerado um problema de saúde pública, pois pode promover a proliferação de vetores causadores de doenças, conter substâncias tóxicas, como metais pesados e microorganismos patogênicos, os quais são facilitadores da transmissão de doenças infecciosas e degenerativas aos seres humanos.

No planeta Terra a quantidade de lixo tem aumentado significativamente, os dados no Brasil, mostram uma geração de 61.936.368 toneladas em 2011 (Castilhos Jr; Ramos; Alves; Forcellini; Gracioli, 2011). As prefeituras encontram dificuldades para recolher, transportar, depositar e tratar o lixo recolhido diariamente em locais que não poluam o ambiente ou que não prejudiquem as comunidades vizinhas aos aterros sanitários. Mas parece que o problema da quantidade de lixo a ser encaminhada aos aterros

seria ainda maior se já não houvesse o recolhimento de grande parte dos materiais descartados pelos chamados “catadores de materiais recicláveis”. Milhares de trabalhadores informais têm evitado que de 10 a 20% dos materiais recicláveis não sejam encaminhados aos aterros sanitários das cidades. Os catadores são responsáveis por cerca de 90% do material pós-consumo que são encaminhados às indústrias de reciclagem no Brasil (Ribeiro, Jacobi, Besen, Günther, Demajorovic e Viveiros, 2009).

Nas últimas décadas do século XX e primeira década do século XXI, esses trabalhadores se organizaram em associações e cooperativas com o objetivo de terem melhores condições de trabalho que nas ruas. No entanto, por meio de pesquisas realizadas (Ribeiro e Besen, 2007; Quissini, Conto, Schneider, Carli e Gelatti, 2007; Ribeiro e col., 2009; Carmo e Arruda, 2010), foi descoberta a alta rotatividade de catadores de materiais recicláveis nas associações ou cooperativas, cuja função deveria ser garantir aos catadores melhores condições de trabalho, de saúde e financeiras. Alguns determinantes desse fenômeno já são indicados por esses pesquisadores, porém algumas lacunas ainda existem. Na tentativa de preencher essas lacunas, parece ser relevante produzir conhecimento sobre quais são os determinantes de permanência de catadores em cooperativa de materiais recicláveis.

Medidas são necessárias para reduzir a quantidade de resíduos depositados nos aterros sanitários, pois entre esses resíduos há materiais que podem ser separados e encaminhados às indústrias de reciclagem, aumentando o tempo de uso dos aterros. Além dos benefícios locais, a separação e a reciclagem resultariam em um impacto ambiental menos prejudicial e talvez até social benéfico, evitando que mais matéria-prima fosse utilizada, por exemplo, na produção de papel e plástico. Essa redução implicaria na diminuição da derrubada de árvores, menor uso do petróleo como matéria-prima e menor emissão de poluentes que possam contribuir com o aquecimento global, além da oportunidade de trabalho para aqueles que recolhem os materiais recicláveis descartados pela população.

De acordo com notícias jornalísticas (Gomes, s.d.) desde o dia 1º de novembro de 2010 os grandes produtores de lixo (aqueles que produzem mais de 600 litros de resíduos por semana, como supermercados, centros comerciais e fábricas) de uma capital do sul do país e região metropolitana, não puderam mais depositar resíduos sólidos no aterro sanitário que até então era utilizado. A determinação foi dada pela Secretaria do Meio Ambiente da referida capital. Situado a 23 quilômetros do centro da cidade, o aterro sanitário funcionou por 21 anos, recebendo mais de 2.000 toneladas diariamente. A utilização do aterro sanitário tinha

sido prorrogada diversas vezes em benefício das 16 cidades que o utilizavam. Quando o aterro começou a ser explorado em 1989, sua área total era de 410 mil m². Na época, o planejamento foi desenvolvido para que o aterro funcionasse por aproximadamente 11 anos e cinco meses. Sua área total chegou a 509 mil m². Segundo dados divulgados pelo Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano da cidade, até o ano de 2005, o aterro já tinha recebido 8.400.000 toneladas de lixo. No ano de 2009 já eram mais de 11.000.000 de toneladas. As consequências de conviver com o lixo foram divulgadas em um relato de pesquisa feita pela Aliança para o Desenvolvimento Comunitário local (Adecom - entidade criada pelos moradores da região do aterro), na qual é apresentado que, de 167 moradores de 47 casas visitadas próximas ao aterro, 95% dos residentes sofrem com doenças respiratórias, 90% de cefaléias (dores de cabeça), e 40% têm problemas no estômago.

A partir do fechamento do aterro foram credenciadas áreas provisórias para o recebimento do lixo produzido pelas 16 cidades, mas ainda sem solução definitiva para a destinação do lixo da capital e cidades da região. Concomitante ao problema da destinação do lixo dos municípios, a globalização e a internacionalização da economia provocaram mudanças no mundo do trabalho que acarretaram o aumento do desemprego (Andrade, 2008). O aumento da oferta de mão de obra, por sua vez, diminuiu os salários e muitos trabalhadores sem emprego tiveram que trabalhar na informalidade (Pereira, Carvalho e Ladeia, 2008). No entanto, Gore (2006) destaca que a crise climática global pode trazer oportunidades: novos tipos de empregos, novos lucros, construção de “motores limpos”, aproveitamento da energia solar e eólica e o incentivo aos processos de reciclagem. A reciclagem consome menos energia que enviar materiais recicláveis para os aterros sanitários ou fabricar mais papel, garrafas e latas a partir de matérias-primas. “Se 100.000 pessoas que atualmente não separam material reciclável comessem a separá-los, elas reduziriam coletivamente as emissões de carbono em 42.000 toneladas por ano” (Gore, 2006). Como benefícios, a reciclagem reduz a poluição e diminui o uso de recursos naturais, inclusive de árvores, que absorvem dióxido de carbono (Gore, 2006; Ferreira, Rabelo, Vasconcelos, Marques e Muniz, 2006). A reciclagem de materiais pode ainda gerar empregos e diminuição da necessidade de importação de matérias-primas (Castilhos Júnior e col., 2011).

No Brasil, a preocupação com o ambiente e a destinação dos resíduos sólidos se tornou mais discutida a partir da década de 90. A Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento no Rio de Janeiro, a “Rio 92”, e a publicação da *Agenda 21*, elaborada no

evento, auxiliaram na elaboração de programas de resíduos sólidos. A conferência teve como um dos objetivos formular propostas que conciliassem o desenvolvimento socioeconômico com a conservação e proteção do ambiente (Carmo, 2009). A redução de resíduos, diminuição da destinação aos aterros, por meio da implantação de programas de coleta seletiva e de iniciativas de educação ambiental, passou a ser prática entre a sociedade e o setor público (Ribeiro e col., 2009).

Para Bosi (2008) a reciclagem em grande escala no Brasil só começou a ocorrer quando o recolhimento e a separação dos resíduos se mostraram viáveis e de baixo custo, ou seja, realizável por trabalhadores cuja remuneração compensasse investimentos de tecnologia. A taxa de lucro deveria competir com preços determinados, por exemplo, pelo mercado mundial responsável por derivados de petróleo e pela produção de alumínio e de celulose, por isso a força de trabalho surgiu composta de trabalhadores sem contrato e com uma produtividade que pudesse ser definida pelo pagamento por produção: uma população sem condições para retornar às ocupações formais. Esses fatores garantiram, em grande parte, o crescimento da reciclagem no país. Uma categoria de trabalhadores informais se tornou mais presente nas ruas das cidades: os catadores de materiais recicláveis. Esses perceberam nos materiais recicláveis uma fonte de renda. Sem emprego formal, os catadores com seus carrinhos passaram a buscar no recolhimento, seleção e venda de materiais recicláveis descartados nas ruas a sua sobrevivência. De acordo com textos jornalísticos (Cabral, 2009; Rech, 2008; Michalski, 2009), há cerca de 15 mil catadores em uma das capitais do sul do país, recolhendo aproximadamente 92% dos materiais recicláveis produzidos na cidade.

Os catadores de materiais recicláveis desempenham um importante trabalho na manutenção do ambiente. Dados da pesquisa Ciclossoft (CEMPRE, 2010) indicam que a coleta seletiva de Curitiba - PR retirou das ruas 530 toneladas de materiais recicláveis por mês durante o ano de 2008.

Medeiros e Macedo (2006) indicam um fenômeno chamado “precarização do trabalho” ocorrendo com os trabalhadores: aumento do caráter precário das condições de trabalho, executado por tempo determinado, sem renda fixa, sem assinatura em carteira, sem contribuição à Previdência Social, sem direito à aposentadoria, mal remunerado, pouco reconhecido, com falta de perspectivas de crescimento profissional, o chamado “bico”. Para as autoras ocorreu uma crise do trabalho assalariado do sistema capitalista: aumento do desemprego e precarização do trabalho, exclusão de trabalhadores do mercado formal de trabalho e exclusão do convívio social. Nas primeiras décadas do século XXI muitos catadores

nessas condições nas grandes e pequenas cidades do Brasil e do mundo, apesar das preocupações com o ambiente não serem recentes e o problema da produção do lixo ter se agravado a cada ano que passa. O trabalho dos catadores é uma alternativa para a diminuição do material que é encaminhado aos aterros. No entanto, é necessário caracterizar o catador e as atividades que realiza. Muitas pessoas que vêem catadores nas ruas não saberiam responder perguntas como: Quem são os catadores? Catam o quê? São moradores de rua?

1. Características das condições de trabalho dos catadores como fonte de identificação de variáveis relevantes de permanência em associações

De acordo com Fernandes (2004), para muitas pessoas o catador é considerado “um estorvo”, “um problema social”, cuja imagem está normalmente vinculada à noção preconceituosa de “vagabundos”, “vadios”, “malandros” e “desocupados”. No ano 2000 estimava-se que no Brasil mais de 40 mil pessoas viviam diretamente da “catação” em aterros sanitários, e mais de 30 mil nas ruas, constituindo a “catação” sua única fonte de renda (UNICEF, 2000). Após quase dez anos, estimativas indicam que há mais de 800 mil pessoas envolvidas nessa atividade (Ribeiro e col., 2009). Segundo Pereira, Carvalho e Ladeia (2008) o trabalho executado pelos catadores é um dos tipos de trabalho informal mais procurado por pessoas desempregadas ou que precisam complementar a renda. Nas cidades, trabalhadores desqualificados ou despreparados para as novas exigências do mercado somam-se àqueles que já perderam seus empregos. (Fernandes, 2004). É importante salientar que nem sempre essa ocupação foi resultado de uma livre escolha: muitos tinham outras profissões que deixaram de ser exercidas por incapacidade física, pelo envelhecimento do trabalhador ou por diminuição de oferta de emprego na atividade (Bosi, 2008).

A “catação” se torna uma alternativa de trabalho, para muitas dessas pessoas, ocupação de caráter precário, informal e muitas vezes impróprio à saúde humana. A atividade da “catação” oferece um grande risco à saúde desses trabalhadores, que frequentemente entram em contato com agentes físicos (objetos cortantes, níveis inadequados de ruído e iluminação), agentes químicos (resultado dos materiais ou da decomposição do lixo orgânico) e agentes biológicos (vetores de doenças). Os catadores muitas vezes não utilizam luvas de proteção ou máscara (Fernandes, 2004; Albizu, Lima e Piaskowy, 2008). Mesmo com todas essas dificuldades, algumas pessoas passam a trabalhar como catadores. Quais seriam os determinantes para essas pessoas se tornarem catadores?

Pesquisa como a realizada por Bosi (2008) indica que grande parte desses catadores nasceu e cresceu no campo. Chegando com pouca idade às cidades só foram aceitos em ocupações sem exigência de qualificação profissional, ou baixa escolaridade. O último relatório com indicadores educacionais, divulgado pela UNESCO no dia 29 de janeiro de 2014, destacou que o Brasil é a oitava nação com maior número de analfabetos adultos entre 160 países pesquisados. O País ficou atrás da Índia, China, Paquistão, Bangladesch, Nigéria, Etiópia e Egito. Segundo a Unesco, quase 14 milhões de pessoas declararam que não sabem ler nem escrever. Na proporção da população de analfabeto da América Latina, que soma 36 milhões de pessoas, os brasileiros chegam a 38,5% (notícia jornalística). Dados da pesquisa de Ferreira e col. (2006) com catadores da cidade de Goiânia indicam que a falta de oportunidades de emprego e a baixa escolaridade, são os principais fatores que tornam essas pessoas “catadores de materiais recicláveis”. Pesquisas realizadas (Carmo, 2009; Fernandes, 2004; Ferreira e col., 2006) indicam que a primeirarazão destacada pelos catadores é que a “opção” por catar papel se dá pela “liberdade” que esse trabalho oferece em termos de quantidade de jornada diária de trabalho, horário flexível, mais tempo livre, opção de trabalhar ou não e de não ter alguém lhe dando ordens diretamente.

Segundo Bosi (2008) outros fatores influenciam as pessoas a se tornarem catadores de materiais recicláveis: “a idade avançada” para o mercado de trabalho, a perda parcial e acidental da capacidade física para trabalhar em outras ocupações ou no campo e porque os benefícios de aposentadoria ou pensão não eram suficientes para a sobrevivência. Segundo pesquisa realizada por Fernandes (2004) na cidade de Curitiba, a idade avançada aparece como um dos motivos de exclusão desse trabalhador do mercado formal de trabalho. O site do Fórum Lixo & Cidadania do Paraná (s.d.) ratifica a existência de pessoas com idade avançada no grupo de catadores e acrescenta outras variáveis que possam levar à “catação”: pessoas recém-chegadas à cidade, desempregados, assalariados que nas horas de descanso catam recicláveis para melhorar sua renda e pessoas com problemas de saúde. É uma atividade que exige muito esforço físico por parte dos trabalhadores pois arrastam em seus carrinhos uma média de 300 quilos de materiais a cada viagem, descontando o peso do carrinho (Fernandes, 2004).

Um carrinho cheio de material reciclável, sendo puxado por um catador, é uma cena forte: muito peso, muito esforço e pouco reconhecimento. A percepção que algumas pessoas têm dos catadores e do seu trabalho podem indicar preconceito, pois além de serem chamados de “carrinheiros”, “carroceiros”, “garrafeiros”, “papeleiros”, alguns o chamam

de “homens do saco” ou “mulheres do saco”, “trapeiros” ou “burros sem rabo” (Sousa e Mendes, 2006; Carmo, 2009; Pereira, Carvalho e Ladeia, 2008), podendo ser confundidos com marginais e desocupados pela população. Muitos deles não possuem residência fixa, o que pode contribuir para situações de exploração por parte dos atravessadores e submissão por parte dos catadores. Entre os catadores há aqueles que, por não possuírem seus próprios carrinhos, são obrigados a “emprestá-los” dos depósitos que exigem certa quantidade de papel e horário rígido para devolução do mesmo – uma espécie de “uso em comodato”. Fernandes (2004) relata que há casos em que donos de depósitos obrigam os catadores a deixarem os próprios filhos como garantia da devolução do carrinho; ou mesmo de trabalhadores que trabalham em troca de comida no próprio depósito. De acordo com um texto jornalístico, a maioria dos catadores não tem dinheiro para a aquisição do carrinho próprio, procuram os depósitos para os quais entregam o material separado em troca do instrumento de trabalho e, algumas vezes, um lugar para viver, dividindo o espaço com o lixo acumulado. A relação de dependência dos catadores autônomos com os “atravessadores” (também conhecidos por “sucateiros”) também é relatada em pesquisas de Carmo e Arruda (2010) e Pereira, Carvalho e Ladeia (2008).

Medeiros e Macedo (2006) destacam que os catadores são intermediados pelos “sucateiros”, esses pesam e estabelecem o preço a ser pago. Em seus depósitos, esses atravessadores acumulam os recicláveis prensando-os em fardos, até conseguirem uma quantidade que viabilize o transporte para as grandes indústrias de reciclagem. O processo produtivo é muito lucrativo, no entanto, o catador trabalha em condições precárias, subumanas e não obtém renda que lhe assegure uma sobrevivência digna. O que os governos municipais, estaduais e federais têm feito para modificar essa situação? Qual é a responsabilidade dos governantes com os catadores? Que tipo de assistência aos catadores é atribuição dos governantes?

2. Formalização da profissão como condição para investimentos públicos nas associações para tornar o trabalho dos catadores mais humanizado e significativo

Apesar do preconceito e, muitas vezes, da exploração, a profissão de catadores de materiais recicláveis já é reconhecida desde 2001 na Classificação Brasileira de Ocupações do Ministério do Trabalho e Emprego (CBO) ¹ sob o código 5192-05. Feitosa e Aquino (2009) afirmam que, ao se denominarem como “catadores de materiais recicláveis” e não “de lixo”, os catadores buscam a valorização da profissão, pela

¹ <http://www.mtecbo.gov.br>

característica de transformação conferida ao reciclável; de outra forma, o lixo significa o que não tem valor e que pode ser descartado. Uma alternativa à denominação "catadores" é proposta por Vieira e Ricci (2008), que sugerem que os catadores sejam chamados de "agentes ambientais", para enfatizar o relevante papel dos catadores na preservação ambiental e eliminar o estigma que é atribuído a pessoas que sobrevivem com a coleta dos materiais recicláveis retirados do lixo. Os trabalhadores também vinculam seu trabalho com a preservação do ambiente e com uma forma de educação ambiental junto à população. Apesar do reconhecimento da profissão ser um instrumento de fortalecimento desses trabalhadores, que desse modo têm direito a receber investimentos do Ministério do Trabalho e Emprego, principalmente no que diz respeito aos programas de qualificação profissional, Ferreira e col. (2006) relataram em pesquisa realizada com catadores de Goiânia, o poder público não oferecia nenhum tipo de curso para que eles pudessem desenvolver as "competências" descritas na Classificação Brasileira de Ocupações do Ministério do Trabalho e Emprego para a atividade.

Em 2006, passou a vigorar o Decreto n. 5.940 (BRASIL, 2006) que instituiu a separação dos resíduos recicláveis descartados pelos órgãos e entidades da administração pública federal direta e indireta, na fonte geradora, e sua destinação a associações e cooperativas de catadores de materiais recicláveis. Estabeleceu-se, desse modo, uma articulação entre as associações e cooperativas e os órgãos e as entidades públicas para a realização da coleta seletiva solidária. Já em 2007, foram definidas Diretrizes para o Saneamento Básico, por meio da Lei n. 11.445. A partir daí, em áreas com sistema de coleta seletiva de lixo, a contratação da prestação de serviços de processamento e comercialização de resíduos sólidos urbanos recicláveis ou reutilizáveis pode ser feita por associações ou cooperativas formadas exclusivamente por pessoas de baixa renda, reconhecidas pelo poder público como catadores de materiais recicláveis. No ano de 2010 foi aprovada a Lei n. 12.305 que instituiu a Política Nacional de Resíduos Sólidos com diretrizes relativas à gestão integrada e ao gerenciamento dos resíduos. Essa lei (art. 42) permite ao poder público instituir medidas indutoras e linhas de financiamento para atender, prioritariamente, às iniciativas, dentre outras, de implantação de infraestrutura física e aquisição de equipamentos para cooperativas ou outras formas de associações de catadores de materiais reutilizáveis ou recicláveis formadas por pessoas físicas de baixa renda. Esses instrumentos jurídicos, por um lado, contribuem para fortalecer a organização dos catadores e, por outro, disseminam ideias e valores que atuam no convencimento do trabalho informal, difundindo-o como alternativa social

frente à diminuição da intervenção do Estado na promoção do emprego assalariado e na garantia de direitos sociais (Barboza, 2007).

No ano de 2003, o Governo Federal criou o comitê de inclusão social de catadores de materiais recicláveis. Esse deveria implantar projetos que garantissem condições dignas de vida e trabalho à população catadora de materiais recicláveis, bem como apoiar a gestão e destinação adequada de resíduos sólidos nos municípios brasileiros. Tornar-se catador é uma profissão que faz do excluído um trabalhador inserido no mundo do trabalho, diferenciando-o do mendigo ou vadio. Paradoxalmente, mesmo ocorrendo em condições adversas, a catação possibilita a sobrevivência de muitos trabalhadores, que se encontravam excluídos e sem alternativas para a subsistência. Os catadores buscam, aos poucos, se organizarem em cooperativas e associações, visando melhores condições de trabalho e maior renda.

Apesar de a profissão ter sido reconhecida, os governos municipais, estaduais e federais parecem ter poucas relações com as cooperativas de catadores de materiais recicláveis. Seria importante que essa relação se fortalecesse? O que deve ser feito para que isso aconteça?

3. Aspectos da coleta seletiva de materiais recicláveis no Brasil: indicadores da necessidade da organização do trabalho dos catadores de materiais recicláveis em associações que efetivamente transformem seu trabalho em trabalho humanizado

Cada brasileiro produz em média de 500 gramas a um quilo de lixo diariamente (Farias, 2003, em Vieira e Ricci, 2008). Mudanças nos hábitos de consumo das pessoas, como adquirir produtos com embalagens descartáveis, têm aumentado a produção do lixo. Um exemplo dessas mudanças é o do recipiente do leite, que até os anos 60 era comercializado em garrafas de vidro retornáveis que foram substituídas por sacos de plástico e, logo em seguida, pelas caixas do tipo "longos vida" (Pacheco e Silva e Ribeiro, 2009), as quais poluem o ambiente quando não recicladas, apesar de serem compostas por plástico, papel e alumínio.

Qual é o panorama apresentado sobre a reciclagem praticada no Brasil? A partir de dados da pesquisa Ciclosoft de 2008 divulgada por CEMPRE (2010), 405 municípios no Brasil têm programas de coleta seletiva, representando 7% dos municípios brasileiros, sendo cerca de 14% da população atendida pela coleta seletiva. Dos 405 municípios que possuem coleta seletiva, 174 (43%) têm relação direta com cooperativas de catadores. Os dados da pesquisa em 2008 também revelam que a concentração dos programas permanece nas regiões Sudeste (48%) e Sul (35%) do país, somando 83%. Os catadores são os maiores responsáveis

pela coleta de materiais recicláveis: cerca de 90% dos resíduos que são encaminhados às indústrias de reciclagem brasileiras são produto do trabalho desses profissionais (Farias, 2003, em Vieira e Ricci, 2008). O trabalho dos catadores também garante os altos índices de reciclagem de materiais como latas de alumínio (73%) e papelão (71%), fazendo com que o Brasil ocupe posição de destaque no que se refere à reciclagem (CEMPRE, 2010). Para os pesquisadores Vieira e Ricci (2008) e Franceschini e Ribeiro (2009), os catadores possuem informações e capacidades necessárias para identificar, coletar, separar e vender os materiais recicláveis que eles identificam e recolhem nas ruas. Mas qual é a responsabilidade da população no processo da coleta seletiva?

A colaboração da população no processo, executando a correta separação entre resíduos orgânicos e inorgânicos, são requisitos de fundamental importância para o sucesso do projeto com catadores. O problema dos resíduos não se restringe apenas à destinação final dos mesmos. A falta de comportamentos coerentes com a separação dos materiais recicláveis do lixo é a variável de maior importância a sofrer interferência dos agentes públicos (Vieira e Ricci, 2008). Quando há pouca visibilidade da atuação das cooperativas, é mais restrito o apoio e o interesse da população (Ribeiro e col., 2009). Torna-se, portanto, necessário esclarecer a população dos benefícios da reciclagem e sobre os programas de coleta seletiva existentes nos municípios. Muitos dos materiais são perdidos ou há redução no valor de comercialização desses materiais, pelo contato com o lixo orgânico. Por meio da parceria entre prefeitura e catadores, com o apoio da população, a quantidade de material provavelmente será maior, o que aumenta o preço de venda dos materiais recicláveis e aumenta o lucro para cada catador que participa de cooperativas ou associações (Ferreira e col., 2006).

Uma das alternativas para a melhoria das condições de trabalho e renda é a organização desses catadores em cooperativas e associações de catadores de materiais recicláveis, como indicam Pereira, Carvalho e Ladeia (2008). O catador que trabalha informalmente com a coleta de resíduos recicláveis poderá ter melhores condições de trabalho em associação ou cooperativa, pois terá à sua disposição um local adequado para a separação, enfardamento e armazenamento do material, que quando vendido em quantidade maior, tem melhor preço e, muitas vezes, pode ser vendido diretamente para as indústrias, sem a necessidade de um intermediário na negociação. O catador, apoiado pela prefeitura, é uma importante alternativa para um eficiente gerenciamento integrado dos resíduos sólidos, pois com o trabalho dos catadores diminuem os custos

para os governos, tanto na coleta, quanto na disposição final do lixo (Ferreira e col., 2006).

Em algumas cidades brasileiras, alguns catadores deixaram de ser autônomos para se tornarem associados ou cooperados. Na cidade de Curitiba, o “projeto ECO Cidadão”², iniciado em dezembro de 2007, criou ao longo de cinco anos, 25 parques de reciclagem, melhorando as condições de trabalho e organização da coleta seletiva informal de materiais recicláveis feita pelos catadores de Curitiba, com a expectativa da inclusão e apoio direto a 2.500 catadores da cidade em cooperativas de catadores. De acordo com informações divulgadas pela Aliança Empreendedora (s.d.), o projeto foi um dos maiores e mais representativos, no que se refere à inclusão e apoio a organizações de catadores, do Brasil.

Vender maior quantidade de recicláveis a um preço melhor, poder estocar por um período de tempo maior, prensar o material são algumas das vantagens indicadas por Medeiros e Macedo (2006) para o catador que participa de uma cooperativa de catadores de materiais recicláveis. A importância do trabalho dos catadores já é comprovada pela quantidade de material retirado das ruas para ser reciclado por catadores autônomos e cooperados. Os governos municipais, estaduais e federais parecem ser importantes aliados na organização desses trabalhadores. A organização dos catadores em cooperativas é recente? Quais são as experiências que já foram registradas? Quais os benefícios?

3.1. Primeiras associações de catadores de materiais recicláveis no Brasil: nova forma de organização do trabalho dos catadores

A partir da década de 1990 surgiram as primeiras iniciativas de formação de cooperativas e associações de catadores e os primeiros programas de gestão integrada e compartilhada em diversas cidades, destacando-se os casos de Belo Horizonte (MG), Porto Alegre (RS), São Paulo e Santos (SP) (Sobral, 1998; Jacobi, 2006; em Ribeiro e col., 2009). Em suas propostas, foram feitos investimentos em novas tecnologias, ações voltadas à mobilização social, à valorização do trabalho dos funcionários de limpeza pública e ao desenvolvimento de parcerias com os grupos de catadores (Ribeiro e col., 2009). Organizações de catadores, tais como a Cooperativa dos Catadores de Papel e Papelão (Coopamare), em São Paulo (SP), e a Associação dos Catadores de Papel, Papelão e Material

² Realizado por meio de uma parceria entre a Aliança Empreendedora (organização da sociedade civil de interesse público - OSCIP), Prefeitura de Curitiba, Fundação AVINA e Movimento Nacional dos Catadores de Materiais Recicláveis.

Reaproveitável (Asmare), em Belo Horizonte (MG), receberam apoio de movimentos sociais, instituições da sociedade civil e da Igreja, e se transformaram em "atores" sociais estratégicos no processo de interlocução com os governos municipais (Jacobi e Teixeira, 1996; Martins; 2004; Besen, 2006; em Ribeiro e col., 2009).

A partir da organização dos catadores em associações ou cooperativas, os trabalhadores puderam sair do mercado informal e receber benefícios proporcionados pelas associações ou cooperativas. O mercado da reciclagem também proporcionou a muitos catadores a saída dos "lixões" e ingresso em cooperativas e associações, recebendo uma melhor remuneração por seu trabalho, além de benefícios sociais. Para Quissini e col. (2007), a criação das associações e cooperativas se justifica por fatores ambientais, sociais e econômicos, pois além da redução do uso da matéria-prima e água, redução dos custos com os aterros, aumento da vida útil dos aterros, há a criação de empregos diretos e indiretos, inclusive com a instalação de indústrias recicladoras na região.

A organização dos catadores em cooperativas é indicada nos estudos citados como essencial, pois muitos deixaram de exercer seu trabalho em "lixões" nos quais estavam expostos a todo tipo de condição adversa e arriscando a própria vida. A sociedade e os próprios catadores têm clareza do que é trabalhar em cooperativa? Quais são seus direitos e seus deveres em uma organização desse tipo?

3.2. Características das associações de catadores de materiais recicláveis: nova forma de organização do trabalho dos catadores ou engodo para a manutenção da miséria desse trabalho?

O que é ser um catador cooperado? Quais os princípios que regem esse tipo de organização? O cooperativismo pode ser definido como o conjunto de membros de um grupo econômico ou social de uma sociedade ou empresa que desempenha uma determinada atividade econômica em benefício comum. As cooperativas de catadores demonstram a importância ambiental do trabalho dos catadores e fortalecem a economia da cidade, gerando trabalho e promovendo a inclusão social da população de baixa renda (Ferreira e col., 2006).

A disponibilidade, nas cooperativas, de equipamentos como balança, prensa, esteira, entre outros, contribui para a valorização do material separado e proporciona maior renda ao catador. O grupo que possui uma melhor infraestrutura tem condições de coletar, triar, enfardar e comercializar uma quantidade maior de resíduos valorizados pelo mercado e possibilita a aumentar sua renda (Quissini e col., 2007; Pacheco e Silva e Ribeiro, 2009; Ribeiro e col., 2009).

Nas cooperativas, de acordo com Ribeiro e col. (2009), há dois “fundos de recolhimento obrigatórios”: o Fundo de Reserva (10%), que é destinado a reparar perdas de qualquer espécie e atender ao desenvolvimento das atividades da cooperativa, e o Fundo de Assistência Técnica, Educacional e Social (Fates). Este é destinado à prestação de assistência aos associados, familiares dos associados e, quando previsto nos estatutos, aos empregados da cooperativa, constituído de 5%, pelo menos, das sobras líquidas apuradas no exercício (SEBRAE, 2006). Quando as cooperativas não recolhem os fundos previstos, além de não atenderem à legislação cooperativista, as organizações ficam prejudicadas na manutenção do trabalho e assistência aos cooperados. Foi constatada por Ribeiro e col. (2009) uma desconformidade legal nas cooperativas estudadas, o que pode criar dificuldades para a continuidade do trabalho das organizações. Com relação ao Instituto Nacional do Seguro Social (INSS) dos cooperados, 78,1% não recolhiam a contribuição, o que os prejudicava em relação aos benefícios sociais de aposentadoria por invalidez ou por tempo de serviço. A partir das evidências de que a maioria das organizações não recolhia impostos e os recursos dos fundos, e a maioria dos membros não pagava o INSS, pode-se concluir que a ocupação nas organizações ainda não estava gerando uma renda que permitisse a efetiva inclusão de seus membros no mercado de trabalho. A maioria das organizações pesquisadas (75%) iniciou suas atividades sem capacitação prévia para a prática cooperativista, para gestão e para acompanhamento dos seus resultados, sendo que, do total da amostra, apenas 25% receberam capacitação prévia para a prática cooperativista. A partir dos dados apresentados, é possível identificar a necessidade de que os trabalhadores que irão constituir uma cooperativa possam dispor de informações necessárias e que saibam dos deveres para a legalização e manutenção da mesma, evitando equívocos e complicações futuras.

3.3. Princípios indicados na literatura como melhor forma de constituir associações de catadores de materiais recicláveis

A maioria das associações e cooperativas de catadores segue os preceitos da economia solidária (Ribeiro e col., 2009). Essa pode ser definida como o conjunto de práticas de relações econômicas, sociais e culturais que vem sendo construídas no Brasil e no mundo como estratégias de sobrevivência pelas “pessoas excluídas” da economia de mercado. O funcionamento da cooperativa deve estar fundamentado em relações de cooperação solidária, na valorização do trabalho humano, na promoção das necessidades básicas como eixo da atividade econômica e comercial e na relação de respeito à natureza (Andrade, 2008). O conceito de autogestão é

a base conceitual da prática de economia solidária, que para Singer (2002, em Ribeiro e col., 2009) pode ser resumida como “ninguém manda em ninguém”, ou “todos mandam igual”, o que significa que o gerenciamento da cooperativa tem de ser obrigatoriamente feito a partir do sistema cada um tem direito a um voto. No entanto, a prática da autogestão exige esforços adicionais porque, além das tarefas rotineiras, existe a preocupação com problemas gerais da cooperativa, o envolvimento em conflitos interpessoais e participação em reuniões. São formas alternativas e mais justas de distribuição dos rendimentos. Na economia solidária não há relação com a “figura do patrão”.

Em pesquisa realizada por Pacheco e Silva e Ribeiro (2009), foi constatado que a atividade da "catação" não era percebida pelos participantes como um trabalho importante, sendo realizada na falta de oportunidade de outro tipo de trabalho. Os catadores indicaram que queriam ser “empregados”, “receber salário fixo”, o que não ocorre, ao menos no início, em um projeto de economia solidária. A remuneração dos catadores organizados tem se dado, em geral, de forma igualitária, ou por produção, por meio da renda obtida com a venda do material reciclável coletado. Os catadores dividem a renda obtida com a venda dos materiais recicláveis coletados, e não remunerados pelas prefeituras pelos serviços prestados de coleta e triagem do material recolhido nas ruas (Ribeiro e col., 2009). A pesquisa indica que a maioria dos catadores permanece na organização na falta de um emprego melhor.

Conforme explicita Garcez Ghirardi, Lopes, Barros e Galvani (2005), a organização indicada pela economia solidária e pelo movimento cooperativista pressupõe: a descentralização de poder e de informações, a autonomia e independência dos cooperados e a responsabilidade do grupo pelo processo de trabalho. No entanto, há relatos de que os catadores que participam das cooperativas ainda não conhecem os princípios básicos do cooperativismo e da economia solidária (Sousa e Mendes, 2006; Pereira, Carvalho e Ladeia, 2008).

A partir do Decreto Federal nº 5.940 de 25/10/2006 foi dado importante incentivo à atividade de reciclagem executada pelas cooperativas de catadores. O decreto instituiu a separação dos resíduos recicláveis descartados pelos órgãos públicos e entidades da administração pública federal direta e indireta, obrigando todos os órgãos públicos a separar resíduos recicláveis e destinar às associações e cooperativas de catadores, aumentando a quantidade de material destinado às associações e cooperativas de catadores e contribuindo para a sustentabilidade dessas cooperativas e associações (Vieira e Ricci, 2008; Pereira, Carvalho e Ladeia, 2008), pois os órgãos públicos, muitas vezes, são grandes

produtores de materiais recicláveis de elevado valor, como, por exemplo, o papel branco.

A partir da organização dos catadores em cooperativas ou associações os governantes poderiam proporcionar melhores condições de trabalho a esses trabalhadores. Mas no que se constituiria essa relação?

3.4. Relações entre as associações de catadores de materiais recicláveis e os governos municipais, estaduais e federal como facilitadoras da manutenção de associações e diminuição da quantidade dos materiais recicláveis encaminhados para aterros sanitários

Durante várias décadas, a coleta de materiais recicláveis nos grandes centros urbanos esteve praticamente restrita aos catadores autônomos. O descaso por parte do setor público e dos movimentos sociais em relação à importância como agentes efetivos da coleta seletiva contribuiu para que o trabalho dos catadores permanecesse marginalizado. Isso dificultou o desenvolvimento de organizações ou de estabelecer parcerias entre o setor público e grupos organizados (Ribeiro e col., 2009). Ao se tornarem cooperados, os catadores passaram, aos poucos, o sistema de gerenciamento de resíduos sólidos em alguns municípios no final dos anos 1980 e início da década de 1990. Para associações como a Cooperativa dos Catadores de Papel e Papelão (Coopamare), em São Paulo (SP), ou a Associação dos Catadores de Papel, Papelão e Material Reaproveitável (Asmare), em Belo Horizonte (MG), aliadas aos movimentos sociais, proporcionaram uma nova perspectiva para a relação do poder municipal com os grupos organizados de catadores (Besen, 2006, em Ribeiro e col., 2009). Qual foi o determinante para que os governos incentivassem a criação das cooperativas de catadores?

A falta de áreas disponíveis e adequadas para a instalação de aterros sanitários tem pressionado o poder público municipal a desenvolver programas de coleta seletiva para diminuir o volume de resíduos a serem destinados aos aterros. Já a opção por fazê-lo em parceria com as organizações de catadores está associada a menores custos e à inclusão social e geração de trabalho e renda (Ribeiro e col., 2009; Vieira e Ricci, 2008). Segundo os autores as parcerias têm sido estabelecidas com o intuito de reduzir os custos dos programas, criar postos de trabalho e promover a inclusão social, já que os governos oferecem áreas, recursos financeiros, equipamentos, materiais diversos e prescinde da contratação da mão-de-obra para implantação de programas de coleta seletiva. Apesar dos modelos de parceria variarem de acordo com a legislação municipal (Ribeiro e col., 2009), o estabelecimento de acordos, parcerias, apoios e políticas públicas municipais é necessário para a manutenção das associações e das

cooperativas de catadores (Vieira e Ricci, 2008). As leis e decretos municipais, em geral, autorizam convênios entre o poder público e as organizações de catadores. O convênio é o instrumento que estabelece as normas da parceria e define os deveres e direitos de cada parceiro na execução do programa.

A constituição em cooperativas de trabalho representa a estrutura jurídica legal mais indicada para a organização dos catadores, pois possibilita reduzir impostos, decidir coletivamente e legalizar a comercialização de recicláveis, possibilitando também emitir notas fiscais (Ribeiro e col., 2009). No entanto, as parcerias entre as prefeituras e as organizações de catadores são tênues, pois pode sofrer mudanças a cada troca de administração municipal. (Ribeiro e Besen, 2007). Barboza e Zanella (2007) também destacam a necessidade de políticas públicas efetivas que aumentem a probabilidade dos catadores organizarem-se em cooperativas. As boas relações entre as associações de catadores e os parceiros são fundamentais para a sustentabilidade das organizações, portanto quanto mais relações deste tipo as organizações constroem, maior é o seu potencial de continuidade (Ribeiro e col., 2009).

Em 2005, Ribeiro e col.(2009) realizaram uma pesquisa em 32 organizações de catadores de São Paulo e região metropolitana. O objetivo era identificar e estabelecer critérios de avaliação dos programas municipais de coleta seletiva, na perspectiva de sua sustentabilidade socioeconômica e ambiental. A análise e discussão dos resultados possibilitaram a elaboração de indicadores de sustentabilidade para os programas municipais de coleta seletiva desenvolvidos em parceria e para as organizações de catadores. Os resultados obtidos pela pesquisa possibilitaram a identificação de múltiplas variáveis que aumentam ou reduzem o potencial de sustentabilidade dos programas e, a partir desses, os pesquisadores desenvolveram indicadores de sustentabilidade para programas municipais de coleta seletiva e para organizações de catadores.

A importância da sustentabilidade dessas iniciativas é justificada por diversos fatores, um dos principais é a maior parte dos municípios do país ter sequer resolvido os problemas para dar uma destinação adequada dos resíduos sólidos urbanos. Apesar de melhorias constatadas nos últimos anos, conforme demonstrado na pesquisa de Ribeiro e col. (2009), 50% dos municípios ainda destinavam seus resíduos para o lixo, e cerca de 60% do que era coletado ainda era destinado inadequadamente a “lixões”, aterros não controlados ou rios. A maioria dos municípios brasileiros parece não conseguir diminuir a quantidade de lixo que é depositada nos aterros.

O que são indicadores de sustentabilidade de uma organização? No que eles influenciam a relação entre o poder público e as cooperativas de catadores? A sustentabilidade é um tema complexo e de difícil mensuração. Desde a década de 1980 há um grande esforço por parte de organizações governamentais e não-governamentais em desenvolver propostas de construção de indicadores de sustentabilidade. O seu principal objetivo é fornecer subsídios à formulação de políticas públicas nacionais e acordos internacionais (Tayra & Ribeiro, 2006, em Ribeiro e col., 2009).

As administrações municipais têm dificuldades técnicas e gerenciais na realização da coleta, tratamento e destinação final dos resíduos sólidos. Normalmente as prefeituras não cobram taxas ou tarifas pelos serviços prestados, e isso tem gerado um déficit orçamentário que repercute na falta de sustentabilidade dos sistemas municipais de gestão de resíduos sólidos, afetando também os programas de coleta seletiva com inclusão dos catadores (Ribeiro e col., 2009).

Há indicativos de que as relações estabelecidas entre as prefeituras e as cooperativas de catadores, apesar de imprescindíveis para a manutenção das organizações, enfrentam dificuldades no que diz respeito à avaliação da sustentabilidade das mesmas. A pesquisa realizada por Ribeiro e col. (2009) indica que o arranjo institucional entre as prefeituras e as organizações de catadores era tênue e não era um sistema sustentável na limpeza pública dos municípios. Existiam problemas de estabilidade e de garantia de continuidade do funcionamento das organizações nos sistemas municipais, pois nem todas tinham convênios formais firmados e todas manifestavam insegurança em relação às trocas de governo municipal, inclusive aquelas que existiam há mais tempo. Os pesquisadores indicaram escassez de informações sistematizadas quanto à coleta seletiva na maioria dos municípios e nas demais fontes consultadas. Os órgãos estaduais e as instituições que tratam da coleta seletiva e fornecessem acesso a bancos de dados sobre o assunto apresentam informações desatualizadas nem não englobam todos os municípios pesquisados.

De acordo com os dados disponíveis (Ribeiro e col., 2009), há três fatores que dificultam o cálculo de custos dos programas: (1) a dificuldade de acesso aos custos pelos órgãos gestores municipais; (2) o acobertamento pelos técnicos municipais dos custos, por serem considerados altos e colocarem em risco a continuidade dos programas e (3) a modificação dos sistemas e modelos de coleta seletiva adotados e o processo de incorporação aos programas das parcerias com organizações de catadores. O custo por tonelada coletada seletivamente deveria ser um dos indicadores importantes para o monitoramento dos programas de coleta seletiva. Entretanto, a falta de confiabilidade dos dados e de padronização

de uma planilha de cálculo que permita comparações dificulta a sua inclusão na matriz de sustentabilidade econômica dos programas. É possível notar um baixo nível de acompanhamento pelo poder público e uma precariedade na avaliação financeira dos programas de coleta seletiva.

Como podem ser construídos indicadores de sustentabilidade que poderão avaliar a situação de uma cooperativa de catadores de materiais recicláveis? Um projeto de reciclagem de materiais bem gerenciado pode apresentar resultados positivos por meio de propostas de alternativas concretas de tratamento e redução da geração de resíduos, do desenvolvimento tecnológico e da organização de produção, de acordo com Cunha e Melchior (2005), desenvolvendo e utilizando tecnologias de reciclagem, executando projetos em parcerias com universidades, centros de pesquisa, comunidades locais e governos. Na pesquisa de Ribeiro e col. (2009), foram considerados aspectos "quantitativos" (observados, discriminados e quantificados) e outros "qualitativos" (de mais difícil "quantificação") para compor um índice numérico. O método aplicado na construção dos índices de sustentabilidade se apoiou em um sistema de pontuação atribuído a cada variável ou indicador considerado, baseado em valoração. Os pesquisadores estabeleceram uma escala gradativa de sustentabilidade, em graus baixo, médio e alto, a qual possibilita qualificar a sustentabilidade e estabelecer comparação entre programas municipais de coleta seletiva e entre organizações de catadores. Para alguns municípios, o grau de sustentabilidade das cooperativas não dependia exclusivamente dos programas municipais de coleta seletiva implantados. Algumas classes de variáveis, tais como "desenvolvimento social e organizacional" e "parcerias", são elementos cada vez mais essenciais para garantir seu maior grau de sustentabilidade (Ribeiro e col., 2009).

Algumas classes de variáveis que impactam sobre o índice de sustentabilidade já foram identificadas:

As variáveis que, em conjunto, mais afetaram negativamente o índice de sustentabilidade das organizações de catadores foram: inexistência de convênios firmados com as prefeituras; falta de área própria e de equipamentos e veículos próprios; baixa capacidade das organizações de proporcionarem benefícios aos seus membros; inexistência de taxa específica de resíduos; baixo índice de recuperação de materiais recicláveis, e; restrita abrangência

da coleta. As variáveis que afetaram positivamente a pontuação foram: situação regularizada das organizações; existência de parcerias do programa; existência de cursos de capacitação; os cooperados trabalharem mais de seis horas por dia. O fato de haver mais de seis horas de trabalho pelos membros da organização mostrava que existia material suficiente para ser triado, o que representa melhores condições de trabalho e renda (Ribeiro e col., 2009).

Com relação ao baixo índice de materiais não recicláveis, lixo, ou “rejeito” que é um importante indicador de eficiência do programa, apenas um dos programas estudados apresentou índice próximo da sustentabilidade (7%); os demais se situaram em grau médio, baixo ou não responderam essa questão. Um alto índice de rejeito diminui significativamente o alcance dos impactos ambientais e econômicos positivos do programa. Para os cooperados, reduz-se o ganho por horas trabalhadas, já que parcela considerável do material separado não tem valor de mercado. Uma quantidade cada vez maior de rejeito significa para a prefeitura elevar os custos com transporte dos resíduos coletados até os centros de triagem e destes para os aterros sanitários. A quantidade do rejeito funciona como indicador da eficiência do sistema de coleta e da qualidade da separação do material na fonte geradora e na central de triagem. Menor índice de rejeito indica maior participação da população na separação correta entre o lixo e materiais recicláveis. Os altos índices de rejeito demonstram a necessidade de intensificar as campanhas de educação para a separação correta dos materiais recicláveis do lixo (Ribeiro e col., 2009). Em São Paulo, foi observado que, quando a coleta era feita pelos catadores, o índice de rejeito era muito baixo, em geral menos de 10%. Quando era realizado por caminhões compactadores contratados pela prefeitura, passava a uma média de 30%, podendo chegar a 40% (Ribeiro e col., 2009). Tais resultados levam à recomendação de que a coleta seletiva seja operada por equipes das próprias organizações de catadores, como forma de maior envolvimento e efetividade do sistema. Por sua vez, a sustentabilidade econômica dos programas não pôde ser avaliada devido à falta ou precariedade de dados disponíveis nas prefeituras. Isso indica deficiências de produção de informação pelos programas e o desconhecimento do custo real do sistema.

Os programas disponíveis, tal como estão estruturados, são pouco eficientes do ponto de vista da inclusão social e geração de postos de trabalho (Ribeiro e col., 2009). No que diz respeito à sustentabilidade ambiental, os volumes de resíduos reciclados e desviados de aterros por estes programas são bastante restritos, e não chegam a modificar positivamente os sistemas de gerenciamento de resíduos sólidos municipais. Cabe ressaltar que a maior quantidade de materiais coletados ainda é coletada por catadores autônomos. Portanto, naqueles modelos que não houver inclusão desses catadores, há maior probabilidade de não ampliarem os programas (Ribeiro e col., 2009).

Nenhum dos programas estudados atingia alto grau de sustentabilidade socioeconômica e ambiental, de acordo com os resultados apresentados por Ribeiro e col. (2009). Com relação às organizações de catadores indicadas na pesquisa, apenas duas atingiam alto grau. No outro extremo, três programas e duas organizações apresentavam baixo grau de sustentabilidade, e os demais programas e organizações permaneciam em grau médio. Portanto, é necessário que as dificuldades enfrentadas pelas associações e cooperativas sejam identificadas e caracterizadas para que essas organizações possam apresentar bons índices de sustentabilidade.

Para Castilhos Júnior e col.(2013) é muito importante o envolvimento dos governos com o trabalho realizado pelos catadores, pois se não houver parceria a tendência é que existam conflitos constantes entre as duas partes e prejuízos, principalmente para os catadores. O município de Diadema (SP) foi o primeiro a estabelecer a remuneração aos catadores pelos serviços de coleta e limpeza urbana. Na pesquisa realizada pelo autor foi os catadores indicaram a falta bens materiais (sede, veículos, prensas, esteiras, EPI, uniformes, entre outros), apoio técnico, incentivo social, financeiro e psicológico vindos de todos os segmentos sociais, além do reconhecimento da importância dessa profissão e efetiva inclusão social desses trabalhadores. É importante frisar, portanto, que o desafio das entidades de apoio é torná-los capacitados a organizar o trabalho coletivo da cooperativa, a partir de si mesmos, e avaliar as oportunidades de vida e suas alternativas.

3.5. Tipos de benefícios obtidos nas associações de catadores de materiais recicláveis que possam determinar a permanência dos catadores

Quais os determinantes já indicados na literatura para que os catadores continuem fazendo parte de associações e cooperativas? Os programas de coleta seletiva em parceria com organizações de catadores podem gerar muitos benefícios. A valorização do trabalho do catador,

promovendo a cidadania e a inclusão social, parece ser muito importante, pois em muitas cidades os programas retiraram adultos e crianças dos "lixões" (Ribeiro e col., 2009). Outro benefício importante desses programas tem sido a garantia de maior quantidade e de melhor qualidade do material reciclável, contribuindo para aumentar as oportunidades de venda direta às indústrias por melhores preços. Com a parceria entre prefeitura e catadores, assegura-se, por meio da coleta seletiva realizada pela prefeitura, o fornecimento contínuo de materiais recicláveis para os catadores. Outro fator a ser ressaltado é que a separação mais eficiente gera matéria-prima de boa qualidade que, somada à estrutura de armazenamento disponível, possibilita estocar maiores quantidades de recicláveis, ampliando o poder de negociação na comercialização do material.

Nas associações e cooperativas há a possibilidade de construção de relações entre os catadores. Na pesquisa realizada por Andrade (2008), a opinião dos catadores sobre a associação se traduz no desejo de um espaço de união, de trabalho, respeito, conversa e trabalho conjunto, sem um "chefe". Ao mesmo tempo, afirmam ser necessário alguém que coordene, direcione, diga o que fazer, na figura do presidente da associação, ou de alguém de fora que saiba mais sobre associação de catadores (Andrade, 2008). Os catadores parecem considerar a comunicação, a união, a paciência, o respeito e a "crença de que pode dar certo" como os princípios da associação. Nas entrevistas da pesquisa realizada por Vieira (2011) evidenciou-se que os catadores se ressentem do preconceito social dirigido a eles. Na pesquisa realizada por Santos e col. (2013) foram indicados como fatores para o ingresso na atividade de catação: a inexistência de patrão, a flexibilidade da jornada de trabalho e a liberdade decorrente dessas características. O pesquisador evidenciou que muitos catadores são ex-presidiários, e que buscam na catação a possibilidade de ganho de dinheiro sem a burocracia decorrente de um emprego formal, nos quais, muitas vezes, eles são barrados antes de assinarem a carteira de trabalho por terem sido ex-detentos.

Meireles (2009) indica que embora trabalhem em condições precárias, os catadores associados gozam de melhores condições de trabalho que os que trabalham na rua: melhor infraestrutura, evidenciadas pelo melhor asseio no depósito pertencente às associações, pela existência de instalações sanitárias, eletrodomésticos em bom estado que permitem preparar refeições, locais para descanso, sala de reuniões, bem como existência de parcerias que garantem grande volume de material sem que seja necessária a saída do catador. Há discussão sobre os problemas ligados à atividade, formação de lideranças, conscientização política, maior autonomia em relação ao trabalho, laços grupais mais sólidos. O autor

indica a participação de catadores em associações ou cooperativas como uma forma de melhores condições de trabalho e vida dos catadores.

Mesmo com todos os benefícios decorrentes de ser cooperado ou associado, ainda é possível encontrar índices de rotatividade de catadores relativamente altos em cooperativas e associações de catadores. Qual ou quais as possíveis razões disso?

3.6. Tipos de dificuldades encontradas no trabalho associativo que possam determinar a saída dos catadores de materiais recicláveis das associações

Quais as variáveis já indicadas na literatura para a saída de catadores de uma associação ou cooperativa? A gestão compartilhada dos resíduos sólidos, como alternativa de organização de populações de baixa renda que pudesse, ao mesmo tempo, aumentar a eficiência dos programas e reduzir seus custos, tem enfrentado diversos problemas não antecipados que desafiam a continuidade dessas iniciativas em muitos dos municípios que optaram por implantá-la (Ribeiro e col., 2009). Os resultados mostram que os membros das organizações eram pouco assistidos por elas. Isso revelou a precariedade do funcionamento dessas organizações no sistema cooperativista, cujo objetivo é promover o bem-estar dos membros e acesso a benefícios.

Ao estudar a compreensão de autogestão e economia solidária em cooperativas de limpeza, Pires (s.d.) indica que muitos cooperados relataram ter um “emprego” na cooperativa e referiram-se em relação à remuneração como “salário”, termos provenientes do trabalho formal, e não sócios ou “trabalhadores associados”, provenientes de um trabalho autogestionário, no qual o pagamento é denominado “retirada”. Os entrevistados por Pires (s.d.) relatam falta de união e de colaboração entre os cooperados e o desejo de deixar a cooperativa por um trabalho com carteira assinada, demonstrando que ser cooperado parece ser uma alternativa temporária, mesmo que haja o benefício de “não haver chefe”. Isso demonstra falta de clareza sobre as características de uma cooperativa, definições de autogestão e economia solidária, mas parece não ser exclusivo de cooperativas de limpeza, mas também de cooperativas formadas por catadores.

Muitos catadores, afirma Carmo (2009), desconfiam dos órgãos oficiais por causa de experiências negativas que tiveram no passado. Mesmo considerando os ganhos sociais significativos, o modelo proposto não consegue prospectar os milhares de catadores autônomos que continuam a atuar nas ruas dos grandes centros urbanos e que resistem à perda da sua autonomia e à integração às cooperativas (Ribeiro e col.,

2009). Mas não só a falta de conhecimento dos conceitos de economia solidária e cooperativismo entre os membros associados são os únicos determinantes da não permanência no trabalho. Pesquisas relatam várias dificuldades no dia-a-dia das cooperativas de catadores de materiais recicláveis. Para Feitosa e Aquino (2009), há problemas sociais (tais como o alto índice de violência, conflitos familiares, uso de drogas, trabalho infantil, condições precárias de moradia e trabalho, baixa escolaridade, baixa frequência de comportamentos de cooperar, baixa autoestima, renda insuficiente para manter famílias numerosas), a sazonalidade de crises econômicas e condições climáticas (em períodos chuvosos o material é escasso e durante as crises o valor do material é reduzido ao mínimo). Além disso, a forma como a cooperativa é gerenciada, os tipos de liderança a omissão das políticas públicas e falta de conscientização da população diante de questões ambientais também parecem determinar, em algum grau, a não permanência do catador no trabalho. Em 2005, Garcez Ghirardi, Lopes, Barros e Galvani realizaram uma pesquisa com moradores de rua que pretendiam montar uma cooperativa e descobriram que a organização em cooperativa de trabalho se caracterizava, para uma parcela do grupo de participantes, não como uma possibilidade de gerar trabalho e renda, mas como uma alternativa temporária, transitória, diante da situação de desemprego vigente. A necessidade de busca cotidiana por emprego era constantemente enfatizada por algumas pessoas do grupo. Assim, por vezes a discussão sobre cooperativismo adquiria um caráter irrelevante perante o reconhecimento grupal do *emprego* como única forma desejável de trabalho, e essa perspectiva se opunha à articulação das pessoas em torno de um projeto de trabalho coletivo.

Na maior parte das organizações, os cooperados desenvolvem atividades de coleta, triagem e comercialização de materiais recicláveis e divulgam os programas, de alguma forma, nos municípios. Poucas cooperativas, porém, faziam atividades de beneficiamento e reciclagem de algum tipo de material (Ribeiro e col., 2009). A atividade de transformação dos materiais recicláveis, além da triagem dos materiais, constitui uma forma de aumentar os rendimentos das organizações de catadores. Na pesquisa realizada pelos autores apenas oito organizações realizavam essa atividade, o que indica que ainda existe alta probabilidade de ampliar o trabalho e de aumentar a renda a partir do beneficiamento de materiais como o plástico e o papel. É promissor esse tipo de atuação para a ampliação das atividades das organizações e geração de mais postos de trabalho e renda. No entanto, é necessário monitorar os projetos existentes para verificar se a reciclagem pode realmente ser desenvolvida com sucesso por essas organizações. Em praticamente todas as organizações a única

fonte de renda dos membros é a venda dos materiais recicláveis. Os catadores precisam ir além da “catação” e venda dos materiais recicláveis como formas de agregarem valor ao seu trabalho. Eles provavelmente terão renda adequada se desenvolver as etapas subsequentes à catação: separação, compressão, reprocessamento dos materiais e produção de novos bens. Para isso, os catadores terão de se organizar para exigir uma política ambientalista e social a ser desenvolvida por autoridades municipais (Singer, 2003). É importante destacar que quanto menos organizados, menor é a possibilidade de reconhecimento social e de apoio (Carmo, 2009), pois segundo Vieira (2011) o comportamento do catador é imediatista, considerando a sua necessidade de sobrevivência, muitos buscam na associação apenas um apoio e não um espaço para exercerem sua cidadania e autonomia.

3.7. Alto índice de acidentes de trabalho relatados em pesquisas realizadas com catadores de materiais recicláveis

Pesquisas (Sousa e Mendes, 2006; Albizu, Lima e Piaskowy, 2008; Ribeiro e col., 2009; Lanzillotta, Saldanha, Silva e Mattos, 2007; Batista, Lima e Silva, 2013; Castilhos Júnior e col. 2013) indicam a ocorrência frequente de acidentes de trabalho nas cooperativas, mas parece que, para os catadores, esses acidentes são inerentes ao trabalho que realizam. No desenvolvimento da atividade, nos centros de triagem de materiais recicláveis, os catadores estão expostos a agentes físicos (ruído, iluminação, temperatura, maquinário, utensílios de trabalho), agentes químicos (provenientes dos materiais a serem reciclados ou em decorrência da mudança de estado físico em função da decomposição da matéria e agentes biológicos) e vetores biológicos (Sousa e Mendes, 2006; Albizu, Lima e Piaskowy, 2008). A observação feita pelas pesquisadoras da área de trabalho na maioria das organizações mostrou condições de precariedade no que se refere à limpeza e, em muitas, a presença de fortes odores, insetos e roedores. Apesar de quase 95% dos catadores cooperados das organizações entrevistadas afirmarem utilizar luvas, as pesquisadoras constataram uma incidência alta de acidentes de trabalho causados por cortes e pela falta de uso adequado de equipamentos de proteção individual (E.P.I.s). No município de São Paulo, a alta incidência de acidentes por prensagem indica uma provável falha de orientação para o uso do equipamento. É importante destacar que 31,3% das organizações registraram mais de um tipo de acidente de trabalho (Ribeiro e col., 2009). Lanzillotta, Saldanha, Silva e Mattos (2007) fizeram medições ambientais e mapeamento de riscos em uma cooperativa de catadores do Rio de Janeiro e identificaram que a cooperativa apresentava riscos aos trabalhadores por meio de material

perfuro-cortante (vidros, agulhas), o que pode ser agravado pela falta do uso de E.P.I.s, risco de incêndio, riscos biológicos, animais peçonhentos, iluminação deficiente, problemas de postura, manuseio de equipamentos como prensas, falta de sinalização de segurança. Esses resultados mostram que é necessário realizar campanhas de prevenção e vacinar os catadores, principalmente para prevenir o tétano e hepatite (Ribeiro e col., 2009). As técnicas operacionais para a compactação, extração e armazenamento, evidenciaram situações de contínuos riscos a acidentes mediante a ausência da utilização de equipamento de proteção, específicos para cada operação e emprego de ferramentas inadequadas. A precariedade do ambiente de trabalho e as insuficientes técnicas empregadas pelos catadores de materiais recicláveis, também somam, de forma negativa, aos riscos operacionais desempenhados (Batista, Lima e Silva, 2013).

Segundo Castilhos Júnior e col. (2013) a partir dos dados do questionário aplicado em 23 associações e cooperativas das três regiões pesquisadas, sendo nove delas na região Sul, oito na Sudeste e seis na Nordeste, embora parte dos entrevistados não considere como acidentes de trabalho grande parte dos itens apresentados na pesquisa, os mesmos são comuns na rotina de trabalho dos catadores e refletem a não utilização dos Equipamentos de Proteção Individual (E.P.I.s). Os dados gerais levantados pela pesquisa apontam um alto índice de cortes e arranhões (41,5%), dores nas costas (38,5%) e quedas durante o trabalho (14,8%). Medidas são necessárias para que esses trabalhadores recebam informações sobre a prevenção de acidentes no trabalho e evitem o afastamento temporário ou definitivo da associação ou cooperativa em razão de acidentes. Os problemas acima são associados às condições insalubres inerentes à ocupação de catador e predispõem esses indivíduos a um grupo de doenças que inclui frequentes dores no corpo e problemas osteoarticulares como foi relatado pela maioria dos entrevistados. Estes problemas também estão associados aos catadores de materiais recicláveis que afirmam estarem expostos, durante o trabalho, a acidentes com vidros, seringas, espinhos, mordidas de cachorro, contato com substâncias encontradas nos resíduos e que causam doenças além de cortes e arranhões com materiais perfuro-cortantes. Todavia, de um modo geral, os catadores apenas consideram acidentes de trabalho eventos com consequências bastante sérias. Apenas 25,8% afirmaram já terem sofrido acidente de trabalho, enquanto que a utilização de equipamentos de proteção era comum a 53% dos catadores. Portanto, verifica-se que a não utilização dos E.P.I.s é muito comum entre os catadores. A insistente rotina de trabalho sem a devida utilização de equipamentos de proteção individual potencializa possibilidades para a

geração de acidentes que podem comprometer o bem estar físico e a produtividade do grupo de trabalhadores associados.

O alto índice de rotatividade de catadores nas cooperativas parece ser um determinante importante para os baixos índices de sustentabilidade das organizações. Alguns desses determinantes já estão descritos na literatura, mas ainda parece haver lacunas. O principal desafio é garantir a permanência dos cooperados, por meio de critérios de admissão mais consistentes e de uma gestão que possibilite garantir constância de rendimentos mensais (Ribeiro e col., 2009), aumentando a probabilidade de tempo do cooperado na organização, além de aumentar os benefícios que os catadores teriam ao permanecer na associação.

São indicadas por Ribeiro e col. (2009) quatro razões que provocam estes elevados índices: (1) dificuldade de adaptação de alguns cooperados às práticas cooperativistas; (2) problemas de relacionamento entre os membros, decorrentes de não haver políticas organizacionais estabelecidas; (3) instabilidade da renda e (4) percepção dos membros de que não se trata de uma atividade permanente e que a possibilidade de emprego formal é sempre mais atraente.

A rotatividade de catadores em associação ou cooperativa de catadores pode indicar a dificuldade de adaptação ao sistema cooperativista ou associativista e uma necessidade permanente de realização de cursos com os novos integrantes (Ribeiro e Besen, 2007). Duas organizações, apesar da parceria com as prefeituras, registraram, respectivamente, taxas de rotatividade de 200 e 400% em apenas dois anos de funcionamento (Ribeiro e col., 2009). Isso significa que, nesse período, a quantidade total de membros de cada organização mudou de duas a quatro vezes.

A rotatividade segundo Carmo (2009), interfere na aquisição de experiência e aumenta a frequência de cursos a novos trabalhadores, retardando o desenvolvimento de uma organização com uma atuação mais participativa, pautada por regras e normas explícitas e comum a todos. Para a autora, a partir dos dados obtidos por meio de pesquisa realizada, os governantes são avaliados pelo catador como pessoas que agem contra os interesses dos catadores (falta de clareza nas negociações, pagamento de tributos, interesses eleitoreiros) e o catador é apresentado pelo poder público como um grupo que não consegue se adaptar a regras (falta de comprometimento, obediência, pagamento de tributos, assiduidade, rotatividade).

Uma avaliação sobre as dificuldades dos catadores em relação ao manejo de resíduos sólidos nas centrais de triagem do município de Caxias Do Sul no Rio Grande do Sul foi realizado por Quissini e col. (2007). Os principais indicadores identificados na pesquisa foram: baixo

valor do material reciclável; falta de união do grupo; dúvidas na separação de resíduos; falta de estrutura do barracão; separação inadequada feita pela população; forte odor e grande quantidade de lixo. As pesquisadoras observaram a necessidade de cursos para os trabalhadores e a elevada rotatividade entre os cooperados, pois metade da quantidade total dos trabalhadores está há menos de um ano na organização. Em outra pesquisa, Carmo e Arruda (2010) indicaram que na cooperativa pesquisada havia elevado número de faltas ao trabalho e rotatividade de catadores. Para as autoras este fenômeno era justificado por demissões por indisciplina ou por inserção em outro tipo de trabalho, o que implicava numa separação mal feita e um material de baixo valor agregado, além da falta de informações e da falta de instruções relevantes sobre a separação de resíduos. As pesquisadoras também indicam a baixa remuneração e a ausência de transparência nas transações comerciais como dificuldades na adesão a esse trabalho.

Apesar do aumento na quantidade de membros na maioria das organizações, verifica-se que essa quantidade é muito baixa ao ser comparado à quantidade de catadores autônomos que trabalham nas ruas. Quais seriam os fatores que determinam a permanência ou não dos catadores em cooperativas ou associações de catadores de materiais recicláveis?

4. Contribuições da Análise do Comportamento para o exame e avaliação das relações entre o comportamento profissional do catador e os determinantes de permanência em associação de catadores de materiais recicláveis

O que é comportamento? Comportar-se para a maior parte dos indivíduos é “fazer algo” e em geral observável, na maioria das vezes envolvendo movimentos do corpo. Mas uma definição tão abrangente não possibilita clareza na compreensão do fenômeno que a definição representa (GOMES, 2005). O comportamento não é apenas o que o organismo faz ou sua reação, como definido pelo senso comum. O comportamento é definido como mais do que a ação apresentada por um organismo, consiste em um complexo sistema de interações entre aquilo que um organismo faz e o meio em que o faz. (BOTOMÉ, 2001).

O conjunto de conhecimentos oriundos da Análise do Comportamento facilita descrever e analisar os processos comportamentais, explicitando complexas relações entre o organismo e o meio. O meio é aquilo que acontece antes da ação de um organismo ou junto com a ação e o que acontece depois dessa ação de um organismo. O meio não é estático, ele se modifica quando o indivíduo se relaciona com ele, há uma constante

interação entre o que o organismo faz com o ambiente em que o faz. O ambiente se modifica constantemente pela relação com o comportamento de outros organismos e por outras variáveis que podem interferir sobre o ambiente. O comportamento é um complexo sistema de interações entre aquilo que o indivíduo faz e o ambiente antecedente e o conseqüente desse “fazer”.

Botomé (1999) descreve a noção de multideterminação do comportamento indicando que há muitas variáveis com possibilidade de determinar diferentes resultados e múltiplos eventos se influenciando mutuamente, portanto o comportamento não é algo fácil de definir, é produto de complexas relações entre classes de estímulos antecedentes, classes de respostas e classes de estímulos conseqüentes. Para ilustrar a noção de multideterminação, Botomé (2001) indica seis relações básicas possíveis entre os três componentes do comportamento, apresentadas na Figura 1.

| Componentes Tipos de relação | Classe de Estímulos Antecedentes | Classe de Respostas | Classe de estímulos Conseqüentes |
|---------------------------------|----------------------------------|---------------------|----------------------------------|
| 1 | | → | |
| 2 | | | → |
| 3 | ← | | |
| 4 | | | ← |
| 5 | | → | → |
| 6 | ← | → | → |
| 7 (Síntese) | ← | → | ← |

Figura 1: Representação esquemática dos diferentes tipos de relação básica entre os três tipos de componente de um comportamento. Adaptado de Botomé (2001, p. 701).

Na relação do tipo 1 a situação antecedente facilita ou dificulta a ocorrência da ação de um organismo. Na relação do tipo 2 a ação do organismo produz ou é seguida por eventos do ambiente. Na relação do tipo 3 a oportunidade para que a ação produza um resultado é sinalizada por alguns aspectos da situação antecedente (a situação antecedente é

considerada um estímulo discriminativo). Na relação do tipo 4 as propriedades das consequências da ação influenciam na re-ocorrência de ações da mesma classe. Na relação do tipo 5 aspectos da situação sinalizam a consequência que será obtida casos ações de uma classe sejam apresentadas. Na relação de tipo 6 a consequência da ação modifica aspectos do meio que adquirem propriedades de sinalização dessa consequência no futuro. No item 7 é apresentado o conjunto das seis relações básicas que podem ocorrer entre os três componentes do comportamento. Os seis tipos de relações possíveis apresentadas por Botomé auxiliam na compreensão do conceito de comportamento como fenômeno nuclear para identificar pelo menos parte dos determinantes de permanência de catadores em cooperativas de materiais recicláveis, na medida em que amplia a visibilidade dos tipos de variáveis que estão constituindo o comportamento de permanecer nas cooperativas.

Identificar o que determina um comportamento envolve caracterizar as variáveis que interferem na probabilidade de ocorrência de comportamentos de uma classe. Para Skinner (1969), uma formulação das interações entre um organismo e o seu meio para ser adequada, deve sempre especificar: (1) a ocasião na qual ocorreu a resposta, (2) a própria resposta e (3) as consequências reforçadoras. Os tipos de relações entre elas constituem as contingências de reforço. O conceito de contingência de reforço possibilita perceber a complexidades do fenômeno comportamento, pois evidencia as complexas relações que se estabelecem entre os componentes que o constituem (BOTOMÉ, 2001). Contingência de reforço se refere ao sistema de relações que constituem um comportamento quando o efeito de determinadas consequências de uma ação apresentada por um organismo alteram a frequência da resposta da mesma classe, ou a probabilidade de ocorrência futura de resposta da mesma classe. Um evento é reforçador para um organismo quando é observado o aumento da frequência de uma determinada resposta. No entanto, é importante observar que “evento reforçador” não é sinônimo de “evento gratificante”, pois a resposta pode ser reforçada tanto com a apresentação de estímulos gratificantes como também pela remoção de estímulos aversivos. Skinner (1969, p.187) cita um exemplo de contingência de reforço na Economia que pode ilustrar os conceitos apresentados:

O comportamento de um empregado é importante para o empregador, que ganha quando o empregado trabalha diligente e cuidadosamente. De que maneira ele será induzido a fazê-lo? A resposta padrão já foi força física: os homens trabalhavam para evitar castigo ou morte. Os efeitos colaterais eram perturbadores apesar disso, e a Economia foi

talvez o primeiro campo no qual se fizesse uma mudança explícita para o reforço positivo. A maioria dos homens trabalha, como dizemos, “por dinheiro”. Mas muitos problemas se mantêm, e têm seus paralelos no laboratório operante.

O dinheiro não é um reforçador natural; deve ser condicionado como tal. O reforço retardado, tal como em pagamentos semanais, coloca um problema especial. Ninguém trabalha na segunda de manhã por ser reforçado por um cheque na sexta-feira à tarde. O empregado, que é pago por semana, trabalha durante a semana para evitar perder o padrão de vida que depende de um pagamento semanal. Um supervisor que possa despedi-lo é parte essencial do sistema. A taxa de trabalho é determinada pelo supervisor (com ou sem espaçamento de estímulos de uma linha de produção), e contingências aversivas especiais mantêm a qualidade. O padrão é, portanto, ainda aversivo. Mostrou-se frequentemente que a atitude do trabalhador de linha de produção, em relação a seu trabalho, difere conspicuamente do artesão, que é igualmente invejado pelos trabalhadores e pelos gerentes da indústria. Uma explicação é a de que o artesão seria reforçado por mais do que consequências financeiras, mas outra diferença importante coloca-se quando um artesão gasta uma semana completando um objeto dado, do qual cada parte, produzida durante a semana, seria automaticamente reforçadora pelo lugar que ocupa no objeto completo.

De alguma forma, melhores contingências de reforço estão presentes num esquema de reforço baseado em contadores em vez de relógios. Num esquema de pagamento por peça, o trabalhador é pago por cada item produzido. Este é o assim chamado esquema de razão fixa, e gera um alto índice de atividade. O reforço por peça é, de fato, tão poderoso, que tem frequentemente sido mal usado, e sofre a oposição dos que se preocupam com o bem-estar do trabalhador (e pelos próprios trabalhadores, quando, por exemplo, estabelecem quotas diárias). Um vendedor com salário fixo e comissão é um exemplo de uma forma de incentivo que é a combinação dos esquemas baseados nos relógios e contadores. Os pagamentos de incentivos caíram na desgraça atualmente, possivelmente por terem sido também mal usados, mas necessitam ser investigados como alternativas promissoras ao controle aversivo.

Na Figura 2, reproduzida de Botomé e Kubo (2003) e descrita por Luiz (2008), é representado como a produção ou eliminação de um estímulo ou evento pode modificar a probabilidade futura de ocorrência da resposta e fortalecer, enfraquecer ou suprimir um comportamento e o nome de cada tipo de contingência em função dos tipos de consequências e efeitos sobre a ocorrência da resposta. Nos três primeiros casos apresentados na figura, estão ilustrados os processos comportamentais em que há produção (ou apresentação) de um estímulo (ou evento). Na primeira linha está ilustrada uma contingência de reforço positivo, em que a produção de um estímulo após a resposta fortalece o comportamento. Nesse caso, é possível afirmar que o estímulo subsequente à resposta tem função reforçadora para o organismo. Na segunda linha, está ilustrada uma contingência de punição positiva, em que a apresentação de um estímulo diminui a frequência de respostas e suprime o comportamento, o estímulo é muito provavelmente aversivo para o organismo. O comportamento é suprimido e não enfraquecido, pois a punição apenas suprime temporariamente as respostas, quando o agente punitivo está ausente a frequência de respostas volta a ser próxima da inicial. Alguns tipos de punição diminuem a frequência geral de respostas do organismo e não apenas aquelas que imediatamente antecedem o estímulo punitivo. Na terceira linha, a suspensão de um estímulo reforçador leva à extinção do comportamento.

Nas três últimas linhas da Figura 2 é apresentado o que acontece com o organismo quando um estímulo (ou evento) é removido como consequência de (ou seguindo) sua ação. No primeiro caso, o comportamento é temporariamente suprimido, pois a resposta elimina um estímulo que é muito provavelmente reforçador, sendo uma contingência de punição negativa. No segundo caso a eliminação do estímulo aumenta a frequência de respostas, fortalecendo o comportamento, nesse caso é possível supor que o estímulo removido seja aversivo. E no último caso, a não ocorrência do estímulo enfraquece o comportamento, caracterizando um processo de extinção do comportamento. Os processos comportamentais apresentados em pontilhado na primeira coluna indicam que as relações apresentadas podem acontecer tanto quando a consequência é de fato produto da ação do organismo quanto quando um evento apenas segue a ação, sem ter relação com ela (comportamentos denominados “supersticiosos”).

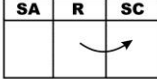
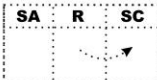
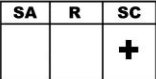

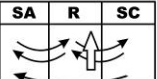
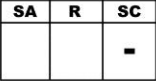

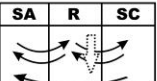
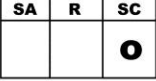


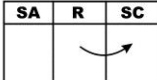
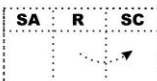
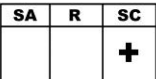

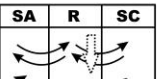
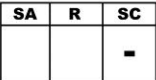

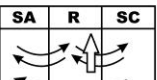
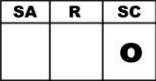

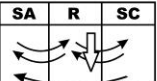
| Processo Comportamental Básico | Variações do Processo Comportamental Básico | Frequência da Resposta | Decorrencia Sobre o Comportamento | Contingência | Processo Comportamental |
|---|---|--|---|-----------------------|----------------------------------|
|  <p>Produzir</p>  |  |  Aumento |  | Reforçamento Positivo | Fortalecimento do Comportamento |
| |  |  Suspensão |  | Punição Positiva | Supressão do Comportamento |
| |  |  Desaparecimento |  | Extinção | Enfraquecimento do Comportamento |
|  <p>Eliminar</p>  |  |  Suspensão |  | Punição Negativa | Supressão do Comportamento |
| |  |  Aumento |  | Reforçamento Negativo | Fortalecimento do Comportamento |
| |  |  Desaparecimento |  | Extinção | Enfraquecimento do Comportamento |

Figura 2: Esquema ilustrativo de um conjunto de relações básicas entre os componentes de um comportamento e as possibilidades de alteração na força dessas relações. Reproduzido de Botomé e Kubo (2003).

Analisar comportamentos proporciona condições de conhecer as classes de estímulos antecedentes, que estão relacionadas a determinadas classes de respostas e que por sua vez estão relacionadas a determinadas classes de estímulos consequentes. Se após a análise comportamental de um comportamento profissional forem identificados um ou mais comportamentos indesejados, podem ser alteradas as propriedades dos componentes de uma ou mais relações a fim de obter um comportamento profissional mais desejado (GOMES, 2005).

As associações ou cooperativas de catadores enfrentam dificuldades técnicas (falta de capacitação), organizacionais (organização do trabalho e

baixa implantação cooperativista) e econômicas (competição pelo material reciclável e ausência de remuneração pelos serviços prestados pelos catadores), além do monitoramento com relação à sustentabilidade socioambiental e econômica (Ribeiro e Besen, 2007). É necessário considerar os conceitos de comportamento, ter clareza sobre o que o constitui e as diversas possibilidades de relações entre os seus componentes para descobrir os determinantes da permanência de catadores em associação ou cooperativa de materiais recicláveis. A partir dos dados apresentados nas pesquisas realizadas em cooperativas de materiais recicláveis, é perceptível a possibilidade que há em avançar no conhecimento até o momento produzido, com o objetivo de que as organizações se tornem sustentáveis e continuem contribuindo com a preservação do ambiente. Uma forma de avançar no conhecimento é responder ao seguinte questionamento: "quais são os determinantes de permanência de catadores de materiais recicláveis em associação de materiais recicláveis?".

II

O PROCESSO PARA CARACTERIZAR OS DETERMINANTES DE PERMANÊNCIA DE CATADORES EM ASSOCIAÇÃO DE CATADORES DE MATERIAIS RECICLÁVEIS

1. Características da associação

A associação na qual os participantes trabalhavam estava localizada em uma cidade do sul do país, com população de cerca de 120 mil habitantes, denominada “associação de catadores de materiais recicláveis”. Em 2010 a associação iniciou suas atividades no novo espaço físico, com apoio da prefeitura municipal. Em 2012, ano em que foram feitas as entrevistas, a associação era composta por cerca de 45 associados, sendo em sua maioria mulheres, segundo relatou a presidente da associação.



Figura 3. Associada separando material na esteira. Fonte: internet.



Figura 4. Associado trabalhando na prensa. Fonte: internet.

1.1. Histórico da associação

Os primeiros catadores da região que compunham o grupo começaram a se reunir em 1997 (segundo relato da primeira assistente social da prefeitura, que apoiou tecnicamente o grupo). Nesse período os catadores catavam material no aterro sanitário da região ou recolhiam material reciclável na rua e separavam nas dependências da residência de um dos catadores. Com o apoio da prefeitura e de uma empresa recicladora eles construíram os primeiros carrinhos para a catação de materiais recicláveis na rua. Inicialmente o grupo era formado, em sua maioria, por homens desempregados. As atividades do grupo continuaram em um barracão precário alugado pela prefeitura. Com o início da coleta seletiva de materiais recicláveis na cidade, os materiais recicláveis recolhidos começaram a ser encaminhados para o grupo de catadores pela prefeitura.



Figura 5: Vista aérea da área ocupada pelo barracão da associação.

Fonte: internet.

No ano de 2001, segundo relato da segunda assistente social entrevistada, os catadores participaram de cursos gratuitos sobre cooperativismo, tiveram orientação sobre economia solidária, autogestão e resolução de conflitos. Com 20 catadores a associação foi formalizada, foi criado o estatuto e a associação obteve número de Cadastro Nacional de

Pessoa Jurídica (CNPJ). No mesmo ano a segunda assistente social da prefeitura entrevistada iniciou o seu trabalho com o grupo (até o ano de 2013 continuava auxiliando a associação).

Em 2005 a Secretaria do Meio Ambiente da prefeitura inscreveu um projeto de construção de um barracão de 2.270 metros quadrados de área útil e obteve êxito recebendo a verba da Fundação Nacional de Saúde (FUNASA). O barracão foi construído em 2009.

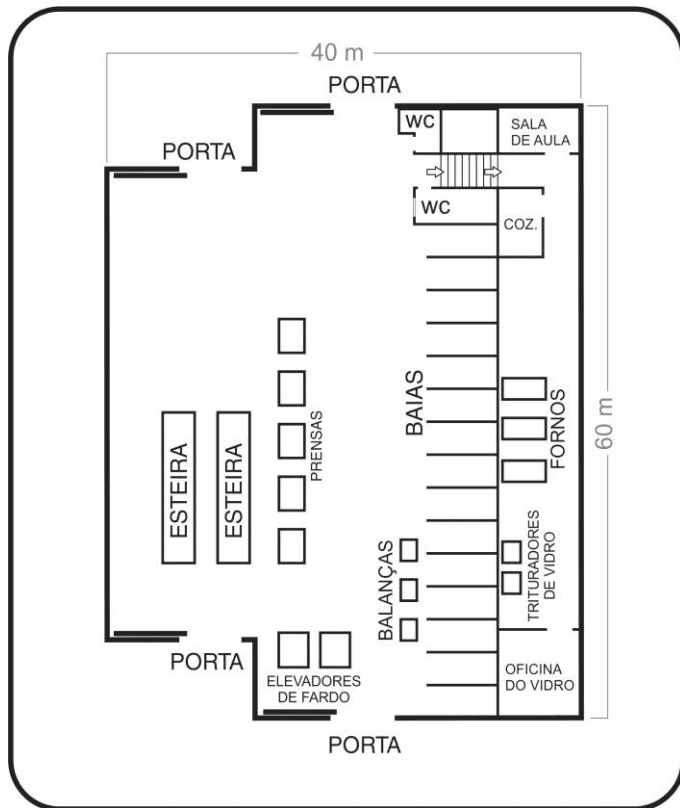


Figura 6: Diagrama do espaço interno da associação



Figura 7: Foto da fachada do barracão da associação. Fonte: internet.



Figura 8: Foto de uma das entradas de acesso do barracão da associação. Fonte: internet.



Figura 9: Foto do espaço interno das instalações da associação – esteira.
Fonte: internet.



Figura 10: Foto do espaço interno das instalações da associação – fardos.
Fonte: internet.



Figura 11: Foto do espaço interno das instalações da associação – baias.
Fonte: internet.

Em 2009 foi assinado um termo de cooperação técnica entre prefeitura municipal e a associação de catadores, documento este que indicava os direitos e deveres de ambas as partes. A associação passou a receber todo o material do programa de coleta seletiva municipal e doações de materiais recicláveis da indústria e comércio da cidade. Durante o primeiro ano de funcionamento o grupo ficou dividido entre o antigo local de separação e o novo espaço e isso causou problemas de relacionamento e descontentamento entre os catadores, pois o grupo do antigo local tinha uma boa convivência e conseguiam ter uma renda maior que o novo grupo, o qual, apesar do novo e grande espaço, enfrentava muitos problemas de união e dificuldades na separação do material, devido à falta de experiência na atividade e recente formação.

As novas dependências da associação foram equipadas com cinco prensas, duas esteiras rolantes de 15m, três balanças, dois elevadores de fardo, dois trituradores de vidro e três fornos de fusão de vidro. Em 2009 a associação passou a dispor de um projeto de transformação de vidro reciclável em arte, no qual algumas catadoras aprendiam com uma professora a criar peças, queimá-las em fornos industriais e comercializá-las na comunidade. Os associados se revezavam entre as atividades da associação e da oficina de vidro, mas ocorreram problemas na divisão do dinheiro das vendas e os grupos se separaram em 2012. Formaram-se dois

grupos, o grupo que trabalhava na separação, enfardamento e a comercialização do material reciclável vindo da coleta seletiva da cidade e um grupo pequeno que ficava na oficina produzindo as peças e as comercializando com auxílio da professora que as orientava. A renda dos dois grupos passou a ser dividida separadamente. Da pesquisa participaram apenas pessoas do grupo que trabalhava na separação, enfardamento e comercialização dos materiais recicláveis.

Segundo informações do site da prefeitura, a associação recebia cerca de 150 toneladas de material por mês, mas apenas 100 eram aproveitadas e vendidas para as indústrias da capital, o resto era considerado rejeito pela má separação feita pela população. Em 2012 segundo planilha divulgada no site da prefeitura a associação recebeu cerca de 800 toneladas de materiais recicláveis.

Segundo informações do site, até 2013 foram investidos cerca de um milhão e oitocentos mil reais em recursos na associação. Cerca de 38 famílias eram diretamente beneficiadas com as atividades da associação (triagem do que é coletado pelos caminhões da prefeitura e encaminhado à associação, organizado e vendido em fardos). Os materiais sendo negociados, em sua maioria, diretamente com as indústrias, e não com atravessadores, a renda dos associados era maior do que a maioria dos catadores de rua, renda média entre quinhentos e setecentos reais em 2010, e cerca de dois salários mínimos por associado em 2012, valor dividido em dois pagamentos por mês, um a cada 15 dias, prazo acordado entre os associados.

2. Fontes de informação

Para estabelecer os primeiros contatos e conhecer a história de formação da associação foram feitas entrevistas com as duas assistentes sociais que acompanhavam o grupo desde a sua primeira formação.

3. Participantes

Os participantes foram 30 associados que integravam a associação de catadores de materiais recicláveis, 21 mulheres (incluindo a presidente) e nove homens.

Suas características foram organizadas em duas tabelas divididas por sexo feminino e masculino (Tabela 2.1. e Tabela 2.2). As tabelas foram constituídas de oito colunas cada uma, sendo a primeira coluna a de identificação, nas quais cada participante recebeu uma letra que designa o sexo: feminino (F) ou masculino (M); seguido de um número, o feminino (F1, F2, F3, F4, F5, F7, F8, F9, F10, F11, F12, F13, F14, F15, F16, F19, F20, F21, F27, F29, F30) e o masculino (M6, M17, M18, M22,

| | | | | | | | | |
|-------------|-----|------------------------------------|-----|--------------------|-----|--------|-----------------|---|
| F1 | 45 | Ens. fund. inc. (antiga 5ª) | Sim | 4 anos | Sim | 6a (?) | 2a(?) | 4 |
| F2 | 46 | Ens. fund. inc. (antiga 5ª) | Não | | Sim | 1a6m | 1m | 2 |
| F3 | 39* | Ens. fund. inc. (antiga 3ª) | Não | | Sim | 6m | 6m | 2 |
| F4 | 38 | Ens. fund. inc. (antiga 5ª) | Sim | 3m | Sim | 3a | 6m | 2 |
| F5 | 24 | Ens. fund. comp. (antiga 8ª) | Não | | Não | | 5m | 4 |
| F7 | 28 | Ens. fund. inc. (antiga 3ª) | Não | | Sim | ? | 1a2 m | 2 |
| F8 | 42 | Ens. fund. inc. (antiga 7ª) | Não | | Sim | 6a6m | 1a6 m | 0 |
| F9 | 51* | Ens. fund. inc. (antiga 4ª) | Não | | Não | | 6m | 4 |
| F10 | 19 | Ens. fund. inc. (antiga 2ª) | Não | | Sim | 2a (?) | ? | 1 |
| F11 | 36 | Ens. méd. inc. (antigo 2º 2º g) | Não | | Não | | 1a4 m | 3 |
| F12 | 26 | Ens. fund. comp. (antiga 8ª) | Não | | Não | | 1a2 m | 0 |
| F13 | 37 | Ens. fund. inc. (antiga 5ª) | Sim | 6m | Sim | 1a | 4m | 2 |
| F14 | 35 | Ens. fund. inc. (antiga 4ª) | Não | | Sim | 7m | 6m | 4 |
| F15 | 57 | Ens. fund. inc. (antiga 4ª) | Não | | Não | | 1se man a | 0 |
| F16 | 63 | Semianalfabeto | Não | | Não | | 2a | 0 |
| F19 | 55 | Ens. fund. inc. (antiga 5ª) | Sim | mui tos anos | Não | | 1se man a | 2 |
| F20 | 51* | Ens. fund. inc. (antiga 1ª) | Não | | Sim | 5a | 2a | 2 |
| F21 | 43 | Ens. fund. inc. (antiga 3ª) | Sim | 1a | Não | | 8m | 0 |
| F27+ | 49* | Semianalfabeto | Não | | Sim | 6a | 2a | 1 |
| F29 | 33* | Ens. fund. inc. (antiga 3ª) | Sim | 6a | Sim | 2a | 2a | 5 |
| F30 | 46 | Ens. fund. inc. (antiga 4ª) | Não | | Não | | 45di as | 1 |

*Informação dada não confere com a data de nascimento fornecida pelo sujeito

?: demonstrou imprecisão na informação

+: há cerca de quatro meses da data da entrevista executava atividades de limpeza das áreas comuns da associação por não poder mais exercer as funções na esteira, no entanto recebe o mesmo que os outros catadores.

Dados coletados em 2012

A participante F27 relatou na entrevista que há cerca de quatro meses (a contar da data da entrevista) não exercia mais as funções de separar o material como os outros associados. Por problemas de saúde ela executava apenas as atividades de limpeza das áreas comuns da associação (banheiros, cozinha, sala de aula e pátio), mas recebia a mesma renda paga aos outros associados. Sobre a quantidade de dependentes 76,19% das mulheres possuíam dependentes e 23,81% usavam a renda obtida na associação apenas para despesas individuais.

A Tabela 2.2 apresenta as características dos nove associados do sexo masculino entrevistados na pesquisa. A média de idade entre os homens era de 33 anos, sendo que 66,67% com mais de 30 anos.

Do grupo de homens 33,33% tinha iniciado o ensino médio e apenas 33,33% tinha sido catador de rua com tempo mínimo de dois meses na atividade. Sobre ter exercido anteriormente alguma atividade relacionada à reciclagem que não a catação de rua, 55,56% dos entrevistados afirmou que sim, ou trabalhando em outra associação ou trabalhando em barracões de atravessadores (que não caracterizam associações). Três participantes do grupo dos homens demonstraram imprecisão ao informar quanto tempo trabalharam na atividade de reciclagem que não fosse como catador de rua (fosse noutra associação ou em barracões de atravessadores) antes da entrada nessa associação. O restante trabalhou ao menos seis meses e no máximo dois anos com reciclagem em grupo. Sobre o tempo na associação três participantes mostraram imprecisão na resposta e dois estavam há apenas dez dias trabalhando na associação. Sobre a quantidade de dependentes 66,67% dos homens possuíam dependentes e 33,33% usavam a renda obtida na associação apenas para sustento individual.

TABELA 2.2
CARACTERÍSTICAS DOS ASSOCIADOS DE UMA ASSOCIAÇÃO DE
RECICLAGEM (N=9)

| ASSOCIADO | IDADE DECL. (ANOS) | GRAU DE ESCOLAR. | FOI CATADOR DE RUA | TEMPO COMO CAT. DE RUA | OUTRA ATIVID. RELAC. A RECICLAGEM DE MATERIAIS | TEMPO EM OUTRA ATIV. RELAC. A REC. DE MAT. | TEMPO NA ASSOC. | QUANT. DE DEPENDENTES |
|-----------|--------------------|---|--------------------|------------------------|--|--|-----------------|-----------------------|
| M6 | 44 | Ens. médio comp. (antigo segundo grau completo) | Sim | 1a | Sim | 2a (?) | 2a (?) | 2 |
| M17 | 45 | Ens. fund.inc. (antiga 5ª série) | Sim | 2m | Sim | ? | 2a (?) | 0 |
| M18 | 19 | Cursando ens. Médio (antigo segundo grau) | Não | | Não | | 10 dias | 0 |
| M22 | 31 | Ens. fund.inc. (antiga 6ª série) | Sim | 4a | Sim | ? | 3m (?) | 1 |
| M23 | 41 | Ens. médio inc. (antigo segundo ano do segundo grau) | Não | | Sim | 6m | 4m | 1 |
| M24 | 25 | Ens. fund.inc. (antiga 7ª série) | Não | | Não | | 2m | 2 |
| M25 | 45 | Ens. fund.inc. (antiga 6ª série) | Não | | Não | | 10 dias | 2 |
| M26 | 19 | Ens. fund.inc. (antiga 7ª série) | Não | | Sim | 1a6m | 3m | 2 |
| M28 | 32 | Ens. médio inc. (antigo primeiro ano do segundo grau) | Não | | Não | | 15 dias | 0 |

?: demonstrou imprecisão na informação

Dados coletados em 2012

4. Situação e ambiente

4.1. Instalações e condições de realização das entrevistas

4.1.a. Com as assistentes sociais da prefeitura: ocorreram individualmente em seus respectivos locais de trabalho, em uma sala com boas condições de luminosidade, ventilação e afastadas de ruídos externos.

4.1.b. Com os associados: as entrevistas foram realizadas individualmente durante o horário de trabalho, na sala de aula da associação, a qual possuía aproximadamente seis metros de comprimento por três metros de largura, cerca de 25 carteiras e uma mesa grande. Com boas condições de luminosidade e ventilação. A entrevistadora e os entrevistados sentaram-se um de frente para o outro com o gravador sobre a carteira da entrevistadora. A porta da sala foi fechada durante as entrevistas. Ocorreram duas interrupções devido à entrada de pessoas que estavam à procura da entrevistada ou porque precisavam entrar para apanhar algo que se encontrava na sala. Podia-se ouvir ruídos oriundos do manejo dos materiais e descarregamento dos caminhões e latidos de cães. As entrevistas eram iniciadas após o horário de almoço e finalizadas até o horário de lanche dos associados, pois esses utilizavam a sala para refeição e descanso. As entrevistas foram realizadas em seis dias, entre o dia 30 de agosto junho e 24 de setembro de 2012.



Figura 12: Foto da sala de aula, local das entrevistas. Fonte: internet.

5. Equipamentos e material

5.1. Para a entrevista com as assistentes sociais: foi utilizado um questionário impresso em folha A4 (APÊNDICE A), com perguntas lidas pela entrevistadora e gravadas em um gravador de voz digital Sony ICD-PX333 e ouvidas no programa Digital Voice Editor para a transcrição das mesmas.

5.2. Para a entrevista com a presidente e os associados: foi utilizado um questionário para a entrevista com a presidente (APÊNDICE B) e com os associados foi utilizado um questionário com 21 perguntas impresso em folha A4 (APÊNDICE C), as perguntas eram lidas e, se necessário, explicadas ou complementadas ao entrevistado. As entrevistas foram gravadas em um gravador de voz digital Sony ICD-PX333 e ouvidas em um programa chamado Digital Voice Editor para a transcrição das mesmas. No início da gravação a entrevistadora identificava o entrevistado e a data da realização da entrevista.

6. Procedimento

6.1. Elaboração dos instrumentos de coleta de dados

Os roteiros de entrevista foram elaborados a partir da análise de variáveis constituintes do fenômeno a ser investigado. O conjunto das variáveis explicitadas foram orientadoras para a elaboração do conjunto de perguntas que compuseram o roteiro de entrevista.

6.1.a. Aspectos que orientaram a formulação de perguntas às assistentes sociais: histórico de formação do grupo, caracterização do grupo que participava da associação, vantagens e desvantagens para os catadores trabalharem na associação, facilidades e dificuldades que os associados enfrentavam, como era feito o processo de entrada na associação, como era feito o processo de desligamento na associação (APÊNDICE A).

6.1.b. Aspectos que orientaram a formulação de perguntas à presidente da associação: tempo como catadora, tempo de trabalho como catadora na rua, tempo como presidente da associação, motivos para a candidatura à presidente, dificuldades como presidente, quantidade de material separado na associação, expectativas para o futuro da associação, mudanças, melhorias, avaliação do trabalho dos apoiadores e da prefeitura, avaliação dos auxílios, avaliação das relações de amizade, tomada de decisões

referentes ao funcionamento da associação, resolução de conflitos, cursos, motivo de saída dos catadores da associação, motivo de entrada dos catadores da associação (APÊNDICE B).

6.1.c. Aspectos que orientaram a formulação de perguntas aos associados: idade, sexo, grau de escolaridade, tempo como catador, trabalho como catador de rua, tempo como associado, definição de associação, vantagens para o catador trabalhar em uma associação, desvantagens para o catador trabalhar em uma associação, ocupação anterior, como soube da associação, considerações sobre o trabalho na rua e no barracão, aspectos para o ingresso na associação, aspectos para a permanência na associação, provável aspecto para saída da associação, o que acha bom, o que acha ruim, aspectos a serem melhorados, acidentes, avaliação das amizades, avaliação dos técnicos, quantidade de dependentes (APÊNDICE C)

As perguntas foram feitas em sequência, no entanto por um erro de digitação duas perguntas foram feitas duas vezes para os primeiros 16 participantes e duas perguntas não foram perguntadas para dois participantes, mas suas respostas foram obtidas a partir do conjunto da entrevista.

Antes da realização com o primeiro participante (F1), foi feito um teste para aferição do instrumento. O exame das respostas obtidas possibilitou aferir as questões do roteiro e programar o tempo necessário para a realização da entrevista.

6.2. De contato com as assistentes sociais, a presidente da associação e os associados

A presidente da associação indicou em reunião com a pesquisadora que havia o interesse dos integrantes da associação em participar da pesquisa.

O critério básico de participação nas entrevistas era de que o associado estivesse presente no dia e concordasse em participar a partir da exposição dos objetivos da pesquisa. A presidente reiterou a importância de todos participarem, mas alguns se negaram, o que foi aceito, sem nenhum tipo de constrangimento. Não houve imposição no tamanho do grupo de homens e mulheres ou ordem na realização das entrevistas, dependeu apenas da anuência em participar. Para a presidente foram feitas perguntas complementares (Apêndice B) para obtenção de mais informações sobre a história da formação da associação, funcionamento, impressões pessoais sobre a associação e o questionário feito com os outros associados (Apêndice C), apenas excluindo as perguntas que se repetiam.

6.2.a. Realização das entrevistas com as assistentes sociais e com a presidente da associação: Foram lembrados os objetivos da pesquisa e foi solicitado a elas que lessem e assinassem o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (APÊNDICE D) antes das entrevistas. Elas obtiveram uma cópia para si e a outra ficou em posse da entrevistadora. No início da gravação a entrevistadora identificava a entrevistada e a data da realização da entrevista. Com a assistente social que acompanhou o grupo na sua formação foi feita uma entrevista e com a segunda assistente social que os acompanhava no período da pesquisa foram realizadas três entrevistas. As entrevistas foram feitas para se obter mais dados sobre a formação do grupo, dificuldades enfrentadas e contextualizar a pesquisadora sobre a situação antes do início das entrevistas.

6.2.b. Realização das entrevistas com os associados: as entrevistas com os participantes aconteceram no período entre 30 de junho de 2012 a 24 de setembro de 2012. As entrevistas tiveram duração média de 15 minutos, sendo que a maior duração foi de uma hora, um minuto e onze segundos e a menor com seis minutos e vinte e quatro segundos. Todas as entrevistas foram gravadas em áudio. O primeiro contato com os participantes foi realizado nas dependências da associação enquanto estavam trabalhando. A entrevistadora permaneceu na sala e os participantes vinham até ela individualmente para participarem da entrevista, nesse momento foram esclarecidos os objetivos da pesquisa e que as informações obtidas não identificariam os participantes, sendo o gravador necessário apenas para que não se perdesse nenhuma das respostas. Os dados ficariam sob responsabilidade da pesquisadora, foi fornecido no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido o nome e o telefone de contato da pesquisadora e que teriam a liberdade para retirar seu consentimento a qualquer tempo sem prejuízo algum. Foram expostos os objetivos da pesquisa e a pesquisadora leu o conteúdo do Termo Livre e Esclarecido, após esclarecer eventuais dúvidas foi perguntado se gostariam de participar da pesquisa e a partir da resposta afirmativa foi solicitado aos participantes que assinassem o termo antes do início da entrevista. Muitos participantes não sabiam e não possuíam consigo os dados referentes ao número do registro geral (RG), necessário para o preenchimento do mesmo, dado que na medida do possível foi complementado após com informações dos cadastros que a assistente social da secretaria do meio ambiente possuía. Os associados assinaram os termos e ficaram com uma cópia do mesmo. No início da gravação a entrevistadora identificava o participante e a data da realização da entrevista.

7. Organização, tratamento e análise dos dados

A entrevista teste realizada com uma catadora de outra associação que já havia exercido o cargo de presidente de associação e continuava trabalhando em uma associação de catadores de materiais recicláveis na capital e as quatro entrevistas com as assistentes sociais foram transcritas. Os dados das entrevistas das assistentes sociais foram utilizados para obter informações sobre a formação da associação e para serem utilizados na interpretação dos dados.

As entrevistas feitas com os 30 participantes foram transcritas e os relatos de cada participante para cada pergunta foram isoladas, agrupando-se as respostas para a mesma pergunta. Foram separados os relatos do grupo de mulheres das do grupo de homens. Para cada relato foram feitas análises do núcleo de resposta, os núcleos foram agrupados, a partir de similaridade de significado, o que possibilitou a construção de categorias específicas que descreveriam a resposta e dessas categorias foram criadas categorias mais gerais para melhor agrupá-las nas tabelas apresentadas na pesquisa. Foram feitas tabelas de distribuição de ocorrências e proporções de indicações feitas pelos associados do sexo feminino e masculino com as variáveis investigadas em cada pergunta. Para a contagem de ocorrências foi adotado o critério que caso ocorresse mais verbalizações com o mesmo núcleo de resposta, apenas uma delas seria registrada. O cálculo das proporções foi feito a partir da quantidade de ocorrências de cada categoria específica dividida pelo total de ocorrências de todas as categorias que se referiam à pergunta.

II

ASPECTOS ESTRUTURAIS E SOCIAIS QUE CONSTITUEM UMA ASSOCIAÇÃO DE CATADORES DE MATERIAIS RECICLÁVEIS IDENTIFICADOS PELOS PRÓPRIOS ASSOCIADOS

Os resultados das 30 entrevistas feitas com as 21 associadas e os nove associados de uma associação de catadores de materiais recicláveis estão apresentados em 20 tabelas. Nelas há uma organização a partir das respostas obtidas sobre: características dos associados (idade, sexo, grau de escolaridade, trabalho anterior como catador de na rua, tempo exercendo atividade; se trabalhou em outra associação ou barracão de atravessador, tempo exercendo a atividade, tempo na associação e quantidade de dependentes); aspectos pelos quais entrou na associação; atividades anteriores ao trabalho na associação; definição de associação de catadores de materiais recicláveis, importância para a sociedade e ambiente; vantagens para o catador trabalhar em uma associação de catadores de materiais recicláveis; permanência na associação; desvantagens para o catador trabalhar em uma associação de catadores de materiais recicláveis; ocorrência de acidentes de trabalho na associação; aspectos pelos quais sairiam da associação e o que mudariam na associação.

As duas primeiras tabelas foram apresentadas no Capítulo II para caracterizar os sujeitos da pesquisa, as demais tabelas estão apresentadas a partir de quatro colunas: categorias de indicações (categorias gerais), tipos de indicações (subcategorias), quantidade de indicações e porcentagem. Para cada categoria e subcategoria foram apresentados os tipos de indicações e calculados os subtotais e totais da quantidade de indicações e da porcentagem de cada um.

As respostas fornecidas pelos associados acerca dos aspectos pelos quais ingressaram na associação estão apresentadas por categorias gerais e tipos de indicações com a respectiva quantidade de indicações e porcentagem para cada indicação nas Tabelas 3.1 e 3.2.

Na Tabela 3.1 estão apresentadas as distribuições das quantidades e porcentagens de indicações feitas pelas 21 associadas acerca dos aspectos pelos quais ingressaram na associação. Os tipos de indicações foram agrupados em cinco categorias gerais. A primeira categoria “necessidade financeira” com quinze ocorrências (55,56%) foi constituída

TABELA 3.1

DISTRIBUIÇÃO DAS QUANTIDADES E PERCENTUAIS DE INDICAÇÕES FEITAS POR ASSOCIADAS DE UMA ASSOCIAÇÃO DE RECICLAGEM ACERCA DOS ASPECTOS PELOS QUAIS INGRESSARAM NA ASSOCIAÇÃO (N=21)

| CATEGORIAS DE INDICAÇÕES | TIPOS DE INDICAÇÕES | QUANT. INDICAÇÕES | % |
|--|---|-------------------|---------------|
| 1 - Necessidade financeira | 1.Estar desempregada | 10 | 37,04 |
| | 2.Ter renda | 5 | 18,52 |
| SUBTOTAL | | 15 | 55,56 |
| 2 - Recém-chegada à cidade | 3.Ser recém-chegada à cidade | 3 | 11,11 |
| SUBTOTAL | | 3 | 11,11 |
| 3 - Problemas familiares | 5.Trabalhar com horário mais flexível para atender os filhos | 2 | 7,41 |
| | 6.Auxiliar nas despesas da casa, cônjuge doente | 1 | 3,70 |
| SUBTOTAL | | 3 | 11,11 |
| 4 - Dificuldades em conseguir outro emprego por algum impedimento pessoal | 7. Recebendo seguro desemprego e não poderia trabalhar com registro em carteira | 2 | 7,41 |
| | 8.Problema de saúde e não consegue outro emprego | 1 | 3,70 |
| SUBTOTAL | | 3 | 11,11 |
| 5 - Outras | 9.Convite de associado | 2 | 7,41 |
| | 10.Gostar | 1 | 3,70 |
| SUBTOTAL | | 3 | 11,11 |
| TOTAL | | 27 | 100,00 |

das subcategorias “estar desempregada” e “ter renda”. A segunda categoria foi “ser recém-chegada à cidade” (11,11%). A terceira categoria “problemas familiares” foi constituída pelas subcategorias “trabalhar com horário mais flexível para atender os filhos” (7,41%), e “auxiliar nas despesas da casa, cônjuge”, (3,70%), a quarta categoria “dificuldades em conseguir outro emprego por algum impedimento pessoal” foi constituída pelas subcategorias “recebendo seguro desemprego e não poderia trabalhar com registro em carteira” (7,41%) e “problema de saúde e não consegue outro emprego” (3,70%) e a quinta categoria “outras” foi constituída pelas subcategorias “convite de associado” (7,41%) e “gostar” (3,70%).

Na Tabela 3.2 estão apresentadas as distribuições das quantidades e percentuais de indicações feitas pelos nove associados ao indicarem os aspectos pelos quais ingressaram na associação. Os tipos de indicações foram agrupados em cinco categorias gerais. A primeira categoria foi “necessidade financeira” com cinco ocorrências (38,48%), constituída pelas subcategorias “estar desempregado” (30,79%) e “ter renda” (7,69%). A segunda categoria “dificuldades em conseguir outro emprego por algum impedimento pessoal” foi indicada três vezes (23,07%), foi constituída pelas subcategorias “problema de saúde e não consegue outro emprego” (15,38%) e “faixa etária não consegue outro emprego” (7,69%). A terceira categoria “preservar o ambiente”, e a quarta categoria “experiência anterior com reciclagem” tiveram uma indicação (7,69% cada). A quinta categoria “outras” foi constituída da subcategoria “convite de associado”, essa apresentou porcentagem igual a da segunda categoria (“dificuldades em conseguir outro emprego por algum impedimento pessoal”) com o total de 23,07%.

TABELA 3.2

**DISTRIBUIÇÃO DAS QUANTIDADES E PERCENTUAIS DE INDICAÇÕES FEITAS
POR ASSOCIADOS DE UMA ASSOCIAÇÃO DE RECICLAGEM ACERCA DOS
ASPECTOS PELOS QUAIS INGRESSARAM NA ASSOCIAÇÃO (N=9)**

| CATEGORIAS DE INDICAÇÕES | TIPOS DE INDICAÇÕES | QUANT. INDICAÇÕES | % |
|--|--|--------------------------|---------------|
| 1 - Necessidade financeira | 1.Estar desempregado | 4 | 30,79 |
| | 2.Ter renda | 1 | 7,69 |
| SUBTOTAL | | 5 | 38,48 |
| 2 - Dificuldades em conseguir outro emprego por algum impedimento pessoal | 3.Problema de saúde e não consegue outro emprego | 2 | 15,38 |
| | 4. Faixa etária não consegue outro emprego | 1 | 7,69 |
| SUBTOTAL | | 3 | 23,07 |
| 3 - Preservar o ambiente | 5.Preservar o ambiente | 1 | 7,69 |
| SUBTOTAL | | 1 | 7,69 |
| 4 - Experiência anterior com reciclagem | 6.Experiência anterior com reciclagem | 1 | 7,69 |
| SUBTOTAL | | 1 | 7,69 |
| 5 - Outras | 7.Convite de associado | 3 | 23,07 |
| SUBTOTAL | | 3 | 23,07 |
| TOTAL | | 13 | 100,00 |

As respostas fornecidas pelos associados ao indicarem o que faziam antes de trabalharem na associação estão apresentadas por categorias gerais e tipos de indicações com a respectiva quantidade de indicações e porcentagem para cada indicação nas Tabelas 3.3 e 3.4. Os dados da

primeira categoria “reciclagem” das Tabelas 3.3 e 3.4 foram retirados das informações das Tabelas 2.1 e 2.2, pois alguns associados citavam a experiência em reciclagem anterior e outros não, apesar de terem fornecido essas informações anteriormente em pergunta específica.

Na Tabela 3.3 estão apresentadas as distribuições das quantidades e percentuais de indicações feitas pelas mulheres ao indicarem o que faziam antes de trabalharem na associação. Os tipos de indicações foram agrupados em seis categorias gerais. A primeira categoria “reciclagem” teve 38,30%, sendo constituída pelas subcategorias “catadora de materiais recicláveis na rua” (14,85%), “catadora de materiais recicláveis em outra associação”(10,64%), “atravessadores”(10,64%) e “projeto social da prefeitura”(2,13%). Na segunda categoria “comércio ou serviços” (31,91%), constituída pelas subcategorias: “auxiliar de cozinha” (6,38%), “doméstica” (6,38%), “auxiliar de serviços gerais” (4,26%), “panificação” (4,26%) e “passadeira de roupa em loja”, “cabeleireira”, “cozinheira em restaurante”, “jardinagem” (2,13%) e “lavadeira” tiveram 2,13% para cada subcategoria. A terceira categoria “trabalho rural” (10,64%) foi constituída pelas subcategorias “colheita de safras” (4,26%), “cuidar de animais” (4,26%) e “boia fria” (2,13%). A quarta categoria indicada “lar” com a subcategoria “dona de casa” teve quatro ocorrências (8,51%), mesmo número de indicações da quinta categoria “indústria” constituída pelas subcategorias “fabricar lápis”, “recolher ovos em granja”, “auxiliar de serviços gerais em empresa” e “embalar alimentos” com 2,13% cada uma. A sexta categoria “outras” com uma indicação, constituída pela subcategoria “participar de projeto social” (2,13%).

TABELA 3.3
DISTRIBUIÇÃO DAS QUANTIDADES E PERCENTUAIS DE INDICAÇÕES
FETAS POR ASSOCIADAS DE UMA ASSOCIAÇÃO DE RECICLAGEM ACERCA
DO QUE FAZIAM ANTES DE TRABALHAREM NA ASSOCIAÇÃO (N=21)

| CATEGORIAS DE INDICAÇÕES | TIPOS DE INDICAÇÕES | QUANT. INDICAÇÕES | % |
|---------------------------------|---|--------------------------|---------------|
| 1 - Reciclagem | 1.Catadora de mat. rec. na rua | 7 | 14,85 |
| | 2.Catadora de mat. rec. em outra associação | 5 | 10,64 |
| | 3.Atravessadores | 5 | 10,64 |
| | 4.Projeto social da prefeitura | 1 | 2,13 |
| SUBTOTAL | | 18 | 38,30 |
| 2 - Comércio ou serviços | 5.Auxiliar de cozinha | 3 | 6,38 |
| | 6.Doméstica | 3 | 6,38 |
| | 7.Auxiliar de serviços gerais | 2 | 4,26 |
| | 8.Panificação | 2 | 4,26 |
| | 9.Passadeira de roupa em loja | 1 | 2,13 |
| | 10.Cabeleireira | 1 | 2,13 |
| | 11.Cozinheira em restaurante | 1 | 2,13 |
| | 12.Jardinagem | 1 | 2,13 |
| | 13.Lavadeira | 1 | 2,13 |
| SUBTOTAL | | 15 | 31,91 |
| 3 - Trabalho rural | 14.Colheita de safras | 2 | 4,26 |
| | 15.Cuidar de animais | 2 | 4,26 |
| | 16."Bóia fria" | 1 | 2,13 |
| SUBTOTAL | | 5 | 10,64 |
| 4 - Lar | 17.Dona de casa | 4 | 8,51 |
| SUBTOTAL | | 4 | 8,51 |
| 5 - Indústria | 18.Fabricar lápis | 1 | 2,13 |
| | 19.Recolher ovos em granja | 1 | 2,13 |
| | 20.Auxiliar de serv. gerais em empresa | 1 | 2,13 |
| | 21.Embalar alimentos | 1 | 2,13 |
| SUBTOTAL | | 4 | 8,51 |
| 6 - Outras | 22.Participar de projeto social | 1 | 2,13 |
| SUBTOTAL | | 1 | 2,13 |
| TOTAL | | 47 | 100,00 |

Na Tabela 3.4 estão apresentadas as distribuições das quantidades e percentuais de indicações feitas pelos homens ao indicarem o que faziam antes de trabalharem na associação. Os tipos de indicações foram agrupados em cinco categorias gerais. A primeira categoria

“reciclagem” teve nove indicações (45%), sendo constituída pelas subcategorias “catador de materiais recicláveis na rua”, “catador de materiais recicláveis em outra associação” e “atravessadores” com 15% cada uma.

TABELA 3.4

**DISTRIBUIÇÃO DAS QUANTIDADES E PERCENTUAIS DE INDICAÇÕES
FEITAS POR ASSOCIADOS DE UMA ASSOCIAÇÃO DE RECICLAGEM ACERCA
DO QUE FAZIAM ANTES DE TRABALHAREM NA ASSOCIAÇÃO (N=9)**

| CATEGORIAS DE INDICAÇÕES | TIPOS DE INDICAÇÕES | QUANT. INDICAÇÕES | % |
|---------------------------------|--|--------------------------|---------------|
| 1 - Reciclagem | 1.Catador de mat. rec. na rua | 3 | 15,00 |
| | 2.Catador de mat. rec. em outra associação | 3 | 15,00 |
| | 3.Atravessadores | 3 | 15,00 |
| SUBTOTAL | | 9 | 45,00 |
| 2 - Comércio ou serviços | 4.Pedreiro | 2 | 10,00 |
| | 5.Ajudante de pedreiro | 1 | 5,00 |
| | 6.Auxiliar de serviços gerais | 1 | 5,00 |
| | 7.Cabeleireiro | 1 | 5,00 |
| | 8.Vigia | 1 | 5,00 |
| SUBTOTAL | | 6 | 30,00 |
| 3 - Indústria | 9.Auxiliar de produção | 1 | 5,00 |
| | 10.Metalúrgico | 1 | 5,00 |
| | 11.Tratorista | 1 | 5,00 |
| SUBTOTAL | | 3 | 15,00 |
| 4 - Trabalho rural | 12.Trabalhador de sítio | 1 | 5,00 |
| SUBTOTAL | | 1 | 5,00 |
| 5 - Outras | 13.Presidiário | 1 | 5,00 |
| SUBTOTAL | | 1 | 5,00 |
| TOTAL | | 20 | 100,00 |

A segunda categoria “comércio ou serviços” teve 30% constituída pelas subcategorias “pedreiro” (10%), “ajudante de pedreiro”, “auxiliar de serviços gerais”, “cabeleireiro” e “vigia” com 5% das indicações cada. A terceira categoria “indústria” teve três indicações (15%) com as subcategorias “auxiliar de produção”, “metalúrgico” e “tratorista”, com 5% cada. A quarta categoria indicada foi “trabalho rural” com uma ocorrência

(5%), a mesma quantidade de indicações da quinta categoria “outras” constituída pela subcategoria “presidiário”.

As respostas fornecidas pelos associados ao definirem o que é uma associação de materiais recicláveis, a sua importância para a sociedade e ambiente estão apresentadas por categorias gerais e tipos de indicações com a respectiva quantidade de indicações e porcentagem para cada indicação nas Tabelas 3.5 e 3.6.

Na Tabela 3.5 estão apresentadas as distribuições das quantidades e percentuais de indicações feitas pelas mulheres ao definirem o que é uma associação de materiais recicláveis, a sua importância para a sociedade e ambiente. Os tipos de indicações foram agrupados em cinco categorias gerais. A primeira categoria “ênfase no resultado do trabalho dos associados para o ambiente e a população” teve 39 indicações (45,35%), sendo constituída pelas subcategorias “possibilitar preservação do ambiente” (16,30%), “trabalho importante” (12,79%), “reciclável é separado do lixo” (9,30%), “trabalho útil à população” (3,49%), “possibilitar que novas gerações tenham melhor ambiente” (2,33%) e “cooperação entre população e associação” (1,16%). A segunda categoria “ênfase na dimensão coletiva do trabalho dos associados” (24,42%) foi constituída pelas subcategorias “trabalho coletivo” (8,14%), “grupo de pessoas” (6,98%), “renda coletiva igual” (2,33%), “sem chefia”, “de todos”, “direitos e deveres iguais”, “relações de trabalho baseadas em um estatuto”, “empresa” e “cooperativa” com 1,16% das indicações cada. Na terceira categoria “ênfase na interação social e afetiva entre os associados” (20,93%) foi constituída pelas subcategorias “possibilita união entre associados” (4,65%), “obtenção de renda para pessoas que não conseguiriam emprego formalizado (idosos, moradores de rua, pessoas com pouca instrução) (3,49%)”, “convivência entre os associados” (2,33%) e as subcategorias “família”, “casa”, “respeitar outro”, “catadores”, “não apenas para catadores”, “companheirismo entre associados”, “modelo”, “mais que

TABELA 3.5

DISTRIBUIÇÃO DAS QUANTIDADES E PERCENTUAIS DE INDICAÇÕES FEITAS POR ASSOCIADAS DE UMA ASSOCIAÇÃO DE RECICLAGEM AO DEFINIREM O QUE É UMA ASSOCIAÇÃO DE MATERIAIS RECICLÁVEIS, DA SUA IMPORTÂNCIA PARA A SOCIEDADE E AMBIENTE (N=21)

| CATEGORIAS DE INDICAÇÕES | TIPOS DE INDICAÇÕES | QUANT. INDICAÇÕES | % |
|--|--|--------------------------|----------|
| 1 - Ênfase no resultado do trabalho dos | 1.Possibilitar preservação do ambiente | 14 | 16,30 |
| | 2.Trabalho importante | 11 | 12,79 |
| | 3.Reciclável é separado do lixo | 8 | 9,30 |

| | | | |
|--|--|-----------|---------------|
| associados para o ambiente e a população | 4.Trabalho útil à população | 3 | 3,49 |
| | 5.Possibilitar que novas gerações tenham melhor ambiente | 2 | 2,33 |
| | 6.Cooperação entre população e associação | 1 | 1,16 |
| SUBTOTAL | | 39 | 45,35 |
| 2 - Ênfase na dimensão coletiva do trabalho dos associados | 7.Trabalho coletivo | 7 | 8,14 |
| | 8.Grupo de pessoas | 6 | 6,98 |
| | 9.Renda coletiva igual | 2 | 2,33 |
| | 10.Sem chefia | 1 | 1,16 |
| | 11.De todos | 1 | 1,16 |
| | 12. Direitos e deveres iguais | 1 | 1,16 |
| | 13.Relações de trabalho baseadas em estatuto | 1 | 1,16 |
| | 14."Empresa" | 1 | 1,16 |
| | 15."Cooperativa" | 1 | 1,16 |
| SUBTOTAL | | 21 | 24,42 |
| 3 - Ênfase na interação social e afetiva entre os associados | 16.Possibilitar união entre associados | 4 | 4,65 |
| | 17.Obtenção de renda para pessoas que não conseguiriam emprego formalizado (idosos, moradores de rua, pessoas com pouca instrução) | 3 | 3,49 |
| | 18.Convivência entre associados | 2 | 2,33 |
| | 19.Família | 1 | 1,16 |
| | 20."Casa" | 1 | 1,16 |
| | 21.Respeitar outro | 1 | 1,16 |
| | 22.Catadores | 1 | 1,16 |
| | 23.Não apenas para catadores | 1 | 1,16 |
| | 24.Companheirismo entre associados | 1 | 1,16 |
| | 25.Modelo | 1 | 1,16 |
| | 26.Mais que trabalho | 1 | 1,16 |
| 27.Feito com amor | 1 | 1,16 | |
| SUBTOTAL | | 18 | 20,93 |
| 4 - Ênfase na dimensão econômica ou financeira do trabalho dos associados | 28.Obter renda | 2 | 2,33 |
| | 29.Gerador de emprego | 1 | 1,16 |
| | 30.Material disponível para separação | 1 | 1,16 |
| SUBTOTAL | | 4 | 4,65 |
| 5 - Outras | 31.Trabalho mais tranquilo que da catação na rua | 2 | 2,33 |
| | 32.Dificuldade em definir | 2 | 2,33 |
| SUBTOTAL | | 4 | 4,65 |
| TOTAL | | 86 | 100,00 |

trabalho”, “feito com amor” com uma indicação (1,16% cada). A quarta categoria “ênfase na dimensão econômica ou financeira do trabalho dos associados” (4,65%) foi constituída pelas “obter renda” com duas indicações (2,33%) e com uma indicação as subcategorias “gerador de emprego” e “material disponível para a separação” (1,16% cada). A quinta categoria “outras” foi constituída pela subcategoria “trabalho mais tranquilo que da catação na rua” e “dificuldades em definir” com 2,33% cada.

Na Tabela 3.6 estão apresentadas as distribuições das quantidades e percentuais de indicações feitas pelos homens ao definirem o que é uma associação de materiais recicláveis, a sua importância para a sociedade e ambiente. Os tipos de indicações foram agrupados em quatro categorias gerais. A primeira categoria “ênfase na dimensão coletiva do trabalho dos associados” teve 14 indicações (45,17%), constituída pelas subcategorias “direitos e deveres iguais” (12,90%), “trabalho coletivo”(9,68%), “grupo de pessoas” (6,45%), “renda coletiva igual” (6,45%), “sem chefia” (3,23%), “empresa” (3,23%), “relações de trabalho baseadas em estatuto” (3,23%). A segunda categoria “ênfase na interação e afetiva entre os associados” (35,46%) foi constituída pelas subcategorias “possibilitar a união entre os associados” (22,55%), “possibilitar convivência entre os associados”(6,45%), “obtenção de renda para pessoas que não conseguiriam emprego formalizado (idosos, moradores de rua, pessoas com pouca instrução)” e “família” (3,23% cada). Na terceira categoria “ênfase no resultado do trabalho dos associados para o ambiente e a população” (12,91%) foi constituída pelas subcategorias “possibilitar a preservação do ambiente” (6,45%) e “importante” e “reciclável é separado do lixo”, 3,23% cada. A quarta categoria indicada foi “ênfase na dimensão econômica” (6,46%), constituída pelas subcategorias “obter renda” e “gerador de emprego”, 3,23% cada.

TABELA 3.6

**DISTRIBUIÇÃO DAS QUANTIDADES E PERCENTUAIS DE INDICAÇÕES
FEITAS POR ASSOCIADOS DE UMA ASSOCIAÇÃO DE RECICLAGEM AO
DEFINIREM O QUE É UMA ASSOCIAÇÃO DE MATERIAIS RECICLÁVEIS, DA
SUA IMPORTÂNCIA PARA A SOCIEDADE E AMBIENTE (N=9)**

| CATEGORIAS DE INDICAÇÕES | TIPOS DE INDICAÇÕES | QUANT. INDICAÇÕES | % |
|---|--|--------------------------|---------------|
| 1 - Ênfase na dimensão coletiva do trabalho dos associados | 1.Direitos e deveres iguais | 4 | 12,9 |
| | 2.Trabalho coletivo | 3 | 9,68 |
| | 3.Grupo de pessoas | 2 | 6,45 |
| | 4.Renda coletiva igual | 2 | 6,45 |
| | 5.Sem chefia | 1 | 3,23 |
| | 6."Empresa" | 1 | 3,23 |
| | 7.Relações de trabalho baseadas em estatuto | 1 | 3,23 |
| SUBTOTAL | | 14 | 45,17 |
| 2 - Ênfase na interação social e afetiva entre os associados | 9.Possibilitar união entre associados | 7 | 22,55 |
| | 10.Possibilitar convivência entre associados | 2 | 6,45 |
| | 11.Obtenção de renda para pessoas que não conseguiriam emprego formalizado (idosos, moradores de rua, pessoas com pouca instrução) | 1 | 3,23 |
| | 12."Família" | 1 | 3,23 |
| SUBTOTAL | | 11 | 35,46 |
| 3 - Ênfase no resultado do trabalho dos associados para o ambiente e a população | 13.Possibilitar a preservação do ambiente | 2 | 6,45 |
| | 14.Importante | 1 | 3,23 |
| | 15.Reciclável é separado do lixo | 1 | 3,23 |
| SUBTOTAL | | 4 | 12,91 |
| 4 - Ênfase na dimensão econômica ou financeira do trabalho dos associados | 16.Obter renda | 1 | 3,23 |
| | 17.Gerador de emprego | 1 | 3,23 |
| SUBTOTAL | | 2 | 6,46 |
| TOTAL | | 31 | 100,00 |

As respostas fornecidas pelos associados ao indicarem quais são as vantagens para o catador trabalhar em uma associação de catadores de materiais recicláveis estão apresentadas por categorias gerais e tipos de indicações com a respectiva quantidade de indicações e porcentagem para cada indicação nas Tabelas 3.7 e 3.8.

Na Tabela 3.7 estão apresentadas as distribuições das quantidades e percentuais de indicações feitas pelas mulheres ao indicarem

quais são as vantagens para o catador trabalhar em uma associação de catadores de materiais recicláveis. Os tipos de indicações foram agrupados em sete categorias gerais. A primeira categoria “ênfase na estrutura física

TABELA 3.7

**DISTRIBUIÇÃO DAS QUANTIDADES E PERCENTUAIS DE INDICAÇÕES
FEITAS POR ASSOCIADAS DE UMA ASSOCIAÇÃO DE RECICLAGEM ACERCA
DAS VANTAGENS PARA O CATADOR TRABALHAR EM UMA ASSOCIAÇÃO DE
CATADORES DE MATERIAIS RECICLÁVEIS (N=21)**

| CATEGORIAS DE INDICAÇÕES | TIPOS DE INDICAÇÕES | QUANT. INDIC. | % |
|---|---|----------------------|--------------|
| 1 - Ênfase na estrutura física oferecida para o associado trabalhar | 1.Boa estrutura física para trabalhar (cobertura, banheiros, esteira, elevador, horários de descanso, recebimento de VT, manutenção das máquinas, água potável) | 17 | 18,88 |
| | 2.Não precisar catar na rua, ter material disponível no barracão | 8 | 8,88 |
| | 3.Trabalho menos desgastante | 8 | 8,88 |
| | 4.Não precisar puxar carrinho pesado pelas ruas | 5 | 5,55 |
| | 5.Não estar sujeito aos acidentes que poderia ter na rua (mordida de cachorro, assalto, atropelamento) | 4 | 4,44 |
| | 6.Evitar problemas de saúde comuns para quem trabalha na rua | 2 | 2,22 |
| | 7.Não precisar levar material para casa | 1 | 1,12 |
| SUBTOTAL | | 45 | 49,97 |
| 2 - Ênfase na dimensão econômica ou financeira do trabalho dos associados | 8.Maior valor na venda do material separado em grande quantidade, maior renda, o que não ocorre quando se vende direto ao atravessador | 5 | 5,55 |
| | 9.Trabalhar e ter renda | 3 | 3,33 |
| | 10.Reaproveitar “os garimpos” achados durante separação | 2 | 2,22 |
| | 11.Pagamento feito duas vezes ao mês | 2 | 2,22 |
| | 12.Certeza de recebimento da renda | 2 | 2,22 |
| SUBTOTAL | | 14 | 15,54 |
| 3 - Ênfase na dimensão da valorização e aprimoramento do trabalho do catador | 13.Valorização do trabalho do catador | 4 | 4,44 |
| | 14.Trabalho que não exclui pessoas que não conseguiriam trabalho formalizado | 3 | 3,33 |
| | 15.Acesso a cursos (direitos, deveres, instrução, aprimoramento) | 1 | 1,12 |
| | 16.Espaço de trabalho do catador | 1 | 1,12 |
| | 17.Auxílios das empresas envolvidas | 1 | 1,12 |

| | | | |
|---|--|-----------|---------------|
| | 18.Não sofrer preconceito | 1 | 1,12 |
| SUBTOTAL | | 11 | 12,25 |
| 4 - Ênfase nos aspectos operacionais do trabalho dentro da associação | 19.Horário fixo | 3 | 3,33 |
| | 20.Proximidade com a residência | 1 | 1,12 |
| | 21.Poder tratar de questões referentes aos filhos pequenos semreceber falta quando justificado | 1 | 1,12 |
| | 22. Homens executam trabalho mais pesado no barracão | 1 | 1,12 |
| SUBTOTAL | | 6 | 6,69 |
| 5 - Ênfase na interação social e afetiva entre associados | 23.Amizade | 3 | 3,33 |
| SUBTOTAL | | 3 | 3,33 |
| 6 - Ênfase no resultado do trabalho dos associados para o ambiente e população | 24.Preservar o ambiente | 2 | 2,22 |
| SUBTOTAL | | 2 | 2,22 |
| 7 - Outras | 27.Nunca foi catador, não sabe dizer | 2 | 2,22 |
| | 28.Não vê diferença no trabalho do catador da associação e da rua | 2 | 2,22 |
| | 29.Dificuldades em responder | 2 | 2,22 |
| | 30.Necessitou mediação | 2 | 2,22 |
| | 31.Tem pouco tempo de associação para opinar | 1 | 1,12 |
| SUBTOTAL | | 9 | 10,00 |
| TOTAL | | 90 | 100,00 |

oferecida para o associado trabalhar” teve 45 indicações (49,97%), constituída pelas subcategorias: “boa estrutura física para trabalhar (cobertura, banheiros, esteira, elevador, horários de descanso, recebimento de vale transporte, manutenção das máquinas, água potável)” com 17 indicações (18,88%), “não precisar catar na rua, ter o material disponível no barracão” e “trabalho menos desgastante” com oito indicações cada (8,88% cada), “não precisar puxar o carrinho pesado pelas ruas” com cinco indicações (5,55%), “não estar sujeito aos acidentes que poderia ter na rua (mordida de cachorro, assalto, atropelamento) com quatro indicações (4,44%), “evitar problemas de saúde comuns para quem trabalha na rua” com duas indicações (2,22%) e “não precisar levar para casa o material” com uma indicação (1,12%). A segunda categoria “ênfase na dimensão econômica ou financeira do trabalho dos associados” representa 15,54% com 14 indicações, constituída pelas subcategorias “maior valor na venda

do material separado em grande quantidade, maior renda, o que não ocorre quando se vende direto ao atravessador” com cinco indicações (5,55%), “trabalhar e ter renda” com três indicações (3,33%) e “reaproveitar “os garimpos” achados durante a separação”, “pagamento feito duas vezes ao mês” e “certeza de recebimento de renda” com duas indicações cada (2,22% cada). Na terceira categoria “ênfase na dimensão da valorização e aprimoramento do trabalho do catador” constituída pelas subcategorias “valorização do trabalho do catador” com quatro indicações (4,44%), “trabalho que não exclui pessoas que não conseguiriam trabalho formalizado” com três indicações (3,33%) e as subcategorias “acesso a cursos (direitos, deveres, instrução, aprimoramento)”, “espaço de trabalho do catador”, “auxílio das empresas envolvidas” e “não sofrer preconceito” com uma indicação cada (1,12% cada). A quarta categoria “ênfase nos aspectos operacionais do trabalho dentro da associação” representa 6,69% das indicações, constituída pelas subcategorias “horário fixo” (3,33%), “proximidade com a residência”, “poder tratar de questões referentes aos filhos pequenos sem receber falta quando justificado” e “homens executam trabalho mais pesado no barracão” com 1,12% cada. A quinta categoria “ênfase na interação social e afetiva entre os associados” constituída pela subcategoria “amizade” teve três indicações (3,33%). A sexta categoria “ênfase no resultado do trabalho dos associados para o ambiente e a população” teve duas indicações na subcategoria “preservar o ambiente” (2,22%). A sétima categoria “outras” teve nove indicações (10%), constituída pelas subcategorias “nunca foi catador, não sabe dizer”, “não vê diferença no trabalho do catador da associação e da rua”, “dificuldades em responder”, “necessitou mediação”, obtiveram 2,22% cada, a subcategoria “tem pouco tempo de associação para opinar” obteve 1,12% das indicações totais.

Na Tabela 3.8 estão apresentadas as distribuições das quantidades e percentuais de indicações feitas pelos homens ao indicarem quais são as vantagens para o catador trabalhar em uma associação de catadores de materiais recicláveis. Os tipos de indicações foram agrupados em cinco categorias gerais. A primeira categoria “ênfase na estrutura física oferecida para o associado trabalhar” teve 50,02% das indicações, constituída pelas subcategorias: “boa estrutura física para trabalhar (cobertura, banheiros, esteira, elevador, horários de descanso, recebimento de vale transporte, manutenção das máquinas, água potável) com 17,89%, “trabalho menos desgastante” (10,71%), “não precisar catar na rua, ter o material disponível no barracão” e “não estar sujeito aos acidentes que poderia ter na rua (mordida de cachorro, assalto, atropelamento) com 7,14%

cada e “não precisar puxar o carrinho pesado pelas ruas” e “evitar problemas de saúde comuns para quem trabalha na rua” com 3,57% cada.

TABELA 3.8

**DISTRIBUIÇÃO DAS QUANTIDADES E PERCENTUAIS DE INDICAÇÕES
FEITAS POR ASSOCIADOS DE UMA ASSOCIAÇÃO DE RECICLAGEM ACERCA
DAS VANTAGENS PARA O CATADOR TRABALHAR EM UMA ASSOCIAÇÃO DE
CATADORES DE MATERIAIS RECICLÁVEIS (N=9)**

| CATEGORIAS DE INDICAÇÕES | TIPOS DE INDICAÇÕES | QUANT. INDICAÇÕES | % |
|---|---|--------------------------|--------------|
| 1 - Ênfase na estrutura física oferecida para o associado trabalhar | 1.Boa estrutura física para trabalhar (cobertura, banheiros, esteira, elevador, horários de descanso, recebimento de VT, manutenção das máquinas, água potável) | 5 | 17,89 |
| | 2.Trabalho menos desgastante | 3 | 10,71 |
| | 3.Não precisar catar na rua, ter material disponível no barracão | 2 | 7,14 |
| | 4.Não estar sujeito aos acidentes que poderia ter na rua (mordida de cachorro, assalto, atropelamento) | 2 | 7,14 |
| | 5.Não precisar puxar carrinho pesado pelas ruas | 1 | 3,57 |
| | 6.Evitar problemas de saúde comuns para quem trabalha na rua | 1 | 3,57 |
| SUBTOTAL | | 14 | 50,02 |
| 2 - Ênfase na dimensão da valorização e aprimoramento do trabalho do catador | 7.Valorização do trabalho do catador | 2 | 7,14 |
| | 8.Não exclui pessoas que não conseguiriam trabalho formalizado | 1 | 3,57 |
| | 9.Acesso a cursos (direitos, deveres, instrução, aprimoramento) | 1 | 3,57 |
| | 10.Espaço de trabalho do catador | 1 | 3,57 |
| | 11.Auxílios das empresas envolvidas | 1 | 3,57 |
| SUBTOTAL | | 6 | 21,42 |
| 3 - Ênfase na dimensão econômica ou financeira do trabalho dos associados | 12.Trabalhar e ter renda | 2 | 7,14 |
| | 13.Maior valor na venda do material separado em grande quantidade, maior renda, o que não ocorre quando se vende direto ao atravessador | 1 | 3,57 |
| SUBTOTAL | | 3 | 10,71 |
| 4 - Ênfase nos aspectos operacionais do trabalho dentro da associação | 14.Horário fixo | 2 | 7,14 |
| | 15. Sem chefe | 1 | 3,57 |
| SUBTOTAL | | 3 | 10,71 |

| | | | |
|---|------------|-----------|---------------|
| 5 - Ênfase na interação social e afetiva entre os associados | 16.Amizade | 2 | 7,14 |
| SUBTOTAL | | 2 | 7,14 |
| TOTAL | | 28 | 100,00 |

A segunda categoria “ênfase na dimensão da valorização e aprimoramento do trabalho do catador” teve 21,42% das indicações, constituída pelas subcategorias: “valorização do trabalho do catador” com 7,14%, e “não exclui pessoas que não conseguiriam trabalho formalizado”, “acesso a cursos (direitos, deveres, instrução, aprimoramento)”, “espaço de trabalho do catador” e “auxílios das empresas envolvidas” com 3,57% cada. A terceira categoria “ênfase na dimensão econômica ou financeira do trabalho dos associados” teve 10,71% das indicações, constituída pelas subcategorias: “trabalhar e ter renda” (7,14%) e “maior valor na venda do material separado em grande quantidade, maior renda, o que não ocorre quando se vende direto ao atravessador” (3,57%). A quarta categoria “ênfase nos aspectos operacionais do trabalho dentro da associação” (10,71%), constituída pelas subcategorias “horário fixo” (7,14%) e “sem chefe” (3,57%). A quinta categoria “ênfase na interação social e afetiva entre os associados” teve 7,14%, constituída pela subcategoria “amizade”.

As respostas fornecidas pelos associados acerca do porque permanecem na associação estão apresentadas por categorias gerais e tipos de indicações com a respectiva quantidade de indicações e porcentagem para cada indicação nas Tabelas 3.9 e 3.10.

Na Tabela 3.9 estão apresentadas as distribuições das quantidades e percentuais de indicações feitas pelas mulheres acerca do porque permanecem na associação. Os tipos de indicações foram agrupados em três categorias gerais. A primeira categoria “benefícios individuais” teve 60,53% das indicações, constituída pelas subcategorias “gostar da atividade que executa” com 31,58%, “gostar da associação” com 26,32% e “faltas justificadas não são descontadas” com 2,63%.

TABELA 3.9

**DISTRIBUIÇÃO DAS QUANTIDADES E PERCENTUAIS DE INDICAÇÕES
FEITAS POR ASSOCIADAS DE UMA ASSOCIAÇÃO DE RECICLAGEM ACERCA
DO PORQUE PERMANECEM NA ASSOCIAÇÃO (N=21)**

| CATEGORIAS DE INDICAÇÕES | TIPOS DE INDICAÇÕES | QUANT. INDICAÇÕES | % |
|-----------------------------------|---|--------------------------|---------------|
| 1 - Benefícios individuais | 1.Gostar da atividade que executa | 12 | 31,58 |
| | 2.Gostar da associação | 10 | 26,32 |
| | 3.Faltas justificadas não são descontadas | 1 | 2,63 |
| SUBTOTAL | | 23 | 60,53 |
| 2 - Benefícios mútuos | 4.Amizades | 7 | 18,42 |
| | 5.Ajudar outras pessoas | 1 | 2,63 |
| SUBTOTAL | | 8 | 21,05 |
| 3 - Dificuldades pessoais | 6. Precisar trabalhar | 5 | 13,16 |
| | 7.Não conseguir emprego formal | 2 | 5,26 |
| SUBTOTAL | | 7 | 18,42 |
| TOTAL | | 38 | 100,00 |

A segunda categoria “benefícios mútuos” teve 21,05% das indicações, constituída pelas subcategorias “amizades” (18,42%) e “ajudar outras pessoas”(2,63%). A terceira categoria “dificuldades pessoais” teve 18,42% das indicações, constituída pelas subcategorias “precisar trabalhar” com 13,16% e “não conseguir emprego formal”(5,26%).

Na Tabela 3.10 estão apresentadas as distribuições das quantidades e percentuais de indicações feitas pelos homens ao indicarem o porquê da permanência na associação. Os tipos de indicações foram agrupados em quatro categorias gerais. A primeira categoria “dificuldades pessoais” teve 41,66%, constituída das subcategorias “precisar trabalhar”

(33,33%) e “não conseguir emprego formal” (8,33%). A segunda categoria “benefícios mútuos” teve 33,34% constituídas das subcategorias “amizades” (25,01%) e “ajudar a conservar o ambiente” (8,33%). A terceira categoria “benefícios

TABELA 3.10

**DISTRIBUIÇÃO DAS QUANTIDADES E PERCENTUAIS DE INDICAÇÕES
FEITAS POR ASSOCIADOS DE UMA ASSOCIAÇÃO DE RECICLAGEM ACERCA
DO PORQUE PERMANECEM NA ASSOCIAÇÃO (N=9)**

| CATEGORIAS DE INDICAÇÕES | TIPOS DE INDICAÇÕES | QUANT. INDICAÇÕES | % |
|-----------------------------------|------------------------------------|--------------------------|---------------|
| 1 - Dificuldades pessoais | 1. Precisar trabalhar | 4 | 33,33 |
| | 2. Não conseguir emprego formal | 1 | 8,33 |
| SUBTOTAL | | 5 | 41,66 |
| 2 - Benefícios mútuos | 3. Amizades | 3 | 25,01 |
| | 4. Ajudar a conservar o ambiente | 1 | 8,33 |
| SUBTOTAL | | 4 | 33,34 |
| 3 - Benefícios individuais | 5. Gostar da atividade que executa | 2 | 16,67 |
| SUBTOTAL | | 2 | 16,67 |
| 4 - Outras | 7. Trabalho temporário | 1 | 8,33 |
| SUBTOTAL | | 1 | 8,33 |
| TOTAL | | 12 | 100,00 |

individuais” teve 16,67%, constituída da subcategoria “gostar da atividade que executa”. A quarta categoria “outras” obteve 8,33%, constituída da subcategoria “trabalho temporário”.

As respostas fornecidas pelos associados ao indicarem as desvantagens para o catador trabalhar em uma associação de catadores de materiais recicláveis estão apresentadas por categorias gerais e tipos de indicações com a respectiva quantidade de indicações e porcentagem para cada indicação nas Tabelas 3.11 e 3.12.

Na Tabela 3.11 estão apresentadas as distribuições das quantidades e percentuais de indicações feitas pelas mulheres ao indicarem as desvantagens para o catador trabalhar em uma associação de catadores de materiais recicláveis. Os tipos de indicações foram agrupados em seis categorias gerais. A primeira categoria “não há desvantagem” teve 68,95% das indicações. A segunda categoria “ênfase nas dificuldades de relacionamento entre os associados” teve 10,35%, constituída das subcategorias “falta de colaboração entre associados (6,90%) e “fofoca entre associados” (3,45%). A terceira categoria “ênfase no aspecto relacionado à renda” teve 6,90%, constituída pelas categorias “renda menor (que do outro barracão)” e “ter que dividir renda”, com 3,45% cada. A quarta categoria “ênfase no cumprimento de obrigações na associação” teve 3,45%, constituída da subcategoria “sobrecarga devido às faltas dos associados”. A quinta categoria “ênfase no comportamento inapropriado da população em relação à separação dos materiais recicláveis do lixo” teve 3,45% das indicações. A sexta categoria “outras” teve 6,90% das indicações com a subcategoria “ter pouco tempo na associação para opinar”, com duas indicações.

TABELA 3.11
DISTRIBUIÇÃO DAS QUANTIDADES E PERCENTUAIS DE INDICAÇÕES
FEITAS POR ASSOCIADAS DE UMA ASSOCIAÇÃO DE RECICLAGEM ACERCA
DAS DESVANTAGENS PARA O CATADOR TRABALHAR EM UMA
ASSOCIAÇÃO DE CATADORES DE MATERIAIS RECICLÁVEIS (N=21)

| CATEGORIAS DE INDICAÇÕES | TIPOS DE INDICAÇÕES | QUANT. INDICAÇÕES | % |
|---|---|--------------------------|---------------|
| 1 - Não há desvantagem | 1.Não há desvantagem | 20 | 68,95 |
| SUBTOTAL | | 20 | 68,95 |
| 2 - Ênfase nas dificuldades de relacionamento entre associados | 2.Falta de colaboração entre associados | 2 | 6,90 |
| | 3.Fofoca entre associados | 1 | 3,45 |
| SUBTOTAL | | 3 | 10,35 |
| 3 - Ênfase no aspecto relacionado à renda | 4.Renda menor (que do outro barracão) | 1 | 3,45 |
| | 5.Ter que dividir renda | 1 | 3,45 |
| SUBTOTAL | | 2 | 6,90 |
| 4 - Ênfase no cumprimento de obrigações na associação | 6.Sobrecarga devido a faltas dos associados | 1 | 3,45 |
| SUBTOTAL | | 1 | 3,45 |
| 5 - Ênfase no comportamento inapropriado da população em relação à separação dos materiais recicláveis do lixo | 7.Separação inadequada feita pela população | 1 | 3,45 |
| | | | |
| SUBTOTAL | | 1 | 3,45 |
| 6- Outras | 8.Ter pouco tempo na associação para opinar | 2 | 6,90 |
| SUBTOTAL | | 2 | 6,90 |
| TOTAL | | 29 | 100,00 |

Na Tabela 3.12 estão apresentadas as distribuições das quantidades e percentuais de indicações feitas pelos homens ao indicarem as desvantagens para o catador trabalhar em uma associação de catadores de materiais recicláveis. Os tipos de indicações foram agrupados em seis categorias gerais. A primeira categoria “não há desvantagem” teve 37,50% das indicações. A segunda categoria “ênfase nas dificuldades de relacionamento entre os associados” teve 31,25% das indicações, constituída das subcategorias “soberba entre associados”, “desunião entre associados”, “humilhação entre associados”, “querer mandar nos outros associados”, “querer tirar vantagem dos outros associados” cada uma com 6,25% das indicações. A terceira categoria “ênfase no cumprimento de obrigações na associação” teve 12,50% das indicações, constituída das subcategorias “receber ordens” e “ter que respeitar ordens” ambas com 6,25% cada. A quarta categoria “espaço físico da associação” teve 6,25%, constituída da subcategoria “permanecer em lugar fechado”. A quinta categoria “falta de apoio da prefeitura” teve 6,25% de indicações. A sexta categoria “ênfase no aspecto relacionado à renda” teve 6,25% de indicações, constituída da subcategoria “depender do atravessador para vender o material”.

TABELA 3.12

**DISTRIBUIÇÃO DAS QUANTIDADES E PERCENTUAIS DE INDICAÇÕES
FEITAS POR ASSOCIADOS DE UMA ASSOCIAÇÃO DE RECICLAGEM ACERCA
DAS DESVANTAGENS PARA O CATADOR TRABALHAR EM UMA
ASSOCIAÇÃO DE CATADORES DE MATERIAIS RECICLÁVEIS (N=9)**

| CATEGORIAS DE INDICAÇÕES | TIPOS DE INDICAÇÕES | QUANT. INDICAÇÕES | % |
|---|---|--------------------------|--------------|
| 1 - Não há desvantagem | 1. Não há desvantagem | 6 | 37,50 |
| SUBTOTAL | | 6 | 37,50 |
| 2 - Ênfase nas dificuldades de relacionamento entre associados | 2."Soberba" entre associados | 1 | 6,25 |
| | 3.Desunião entre associados | 1 | 6,25 |
| | 4.Humilhação entre associados | 1 | 6,25 |
| | 5.Querer mandar nos outros associados | 1 | 6,25 |
| | 6.Querer tirar vantagem dos outros associados | 1 | 6,25 |
| SUBTOTAL | | 5 | 31,25 |
| 3 - Ênfase no cumprimento de obrigações na associação | 7.Receber ordens | 1 | 6,25 |
| | 8.Ter que respeitar ordens | 1 | 6,25 |
| SUBTOTAL | | 2 | 12,50 |
| 4 - Espaço físico da | 9.Permanecer em "lugar | 1 | 6,25 |

| | | | |
|--|--|-----------|---------------|
| associação | fechado" | | |
| SUBTOTAL | | 1 | 6,25 |
| 5 - Falta de apoio da prefeitura | 10.Falta de apoio da prefeitura | 1 | 6,25 |
| SUBTOTAL | | 1 | 6,25 |
| 6 - Ênfase no aspecto relacionado à renda | 11.Depender do atravessador para vender o material | 1 | 6,25 |
| SUBTOTAL | | 1 | 6,25 |
| TOTAL | | 16 | 100,00 |

As respostas dadas pelos associados ao indicarem se já tinham se acidentado durante o trabalho na associação estão apresentadas por categorias gerais e tipos de indicações com a respectiva quantidade de indicações e percentagem para cada indicação nas Tabelas 3.13 e 3.14.

Na Tabela 3.13 estão apresentadas as distribuições das quantidades e percentuais de indicações feitas pelas mulheres ao indicarem se já tinham se acidentado durante o trabalho na associação. Os tipos de indicações foram agrupados em duas categorias gerais. A primeira categoria “não sofreu acidente na associação” teve 57,14%, constituída pela subcategoria “não”. A segunda categoria “sofreu acidente na associação” teve 42,86% das indicações, constituída da subcategoria “sim, corte com vidro”.

TABELA 3.13

DISTRIBUIÇÃO DAS QUANTIDADES E PERCENTUAIS DE INDICAÇÕES FEITAS POR ASSOCIADAS DE UMA ASSOCIAÇÃO DE RECICLAGEM ACERCA DOS ACIDENTES DE TRABALHO NA ASSOCIAÇÃO (N=21)

| CATEGORIAS DE INDICAÇÕES | TIPOS DE INDICAÇÕES | QUANT. INDICAÇÕES | % |
|--|----------------------------|--------------------------|---------------|
| 1 - Não sofreu acidente na associação | 1.Não | 12 | 57,14 |
| SUBTOTAL | | 12 | 57,14 |
| 2 - Sofreu acidente na associação | 2.Sim, corte com vidro | 9 | 42,86 |
| SUBTOTAL | | 9 | 42,86 |
| TOTAL | | 21 | 100,00 |

Na Tabela 3.14 estão apresentadas as distribuições das quantidades e percentuais de indicações feitas pelos homens ao indicarem se já tinham se acidentado durante o trabalho na associação. Os tipos de

TABELA 3.14

**DISTRIBUIÇÃO DAS QUANTIDADES E PERCENTUAIS DE INDICAÇÕES
FEITAS POR ASSOCIADOS DE UMA ASSOCIAÇÃO DE RECICLAGEM ACERCA
DOS ACIDENTES DE TRABALHO NA ASSOCIAÇÃO (N=9)**

| CATEGORIAS DE INDICAÇÕES | TIPOS DE INDICAÇÕES | QUANT. INDICAÇÕES | % |
|--|----------------------------|--------------------------|---------------|
| 1 - Não sofreu acidente na associação | 1.Não | 6 | 66,67 |
| SUBTOTAL | | 6 | 66,67 |
| 2 - Sofreu acidente na associação | 2.Sim, corte com vidro | 2 | 22,22 |
| | 3.Sim, queda | 1 | 11,11 |
| SUBTOTAL | | 3 | 33,33 |
| TOTAL | | 9 | 100,00 |

indicações foram agrupados em duas categorias gerais. A primeira categoria “não sofreu acidente na associação” obteve 66,67% de indicações, constituída da subcategoria “não”. A segunda categoria “sofreu acidente na associação” obteve 33,33% das indicações, constituída pelas subcategorias “sim, corte com vidro” (22,22%) e “sim, queda” (11,11%).

As respostas fornecidas pelos associados ao indicarem os aspectos pelos quais sairiam da associação estão apresentadas por categorias gerais e tipos de indicações com a respectiva quantidade de indicações e porcentagem para cada indicação nas Tabelas 3.15 e 3.16.

TABELA 3.15

**DISTRIBUIÇÃO DAS QUANTIDADES E PERCENTUAIS DE INDICAÇÕES
FEITAS POR ASSOCIADAS DE UMA ASSOCIAÇÃO DE RECICLAGEM ACERCA
DOS ASPECTOS PELOS QUAIS SAIRIAM DA ASSOCIAÇÃO (N=21)**

| CATEGORIAS DE INDICAÇÕES | TIPOS DE INDICAÇÕES | QUANT. INDICAÇÕES | % |
|---------------------------------|---|--------------------------|---------------|
| 1 -Razão alheia | 1.Doença | 3 | 13,64 |
| | 2.Desentendimentos na associação | 3 | 13,64 |
| | 3.Outros associados decidirem que deve sair da associação | 2 | 9,09 |
| | 4.Falta de colaboração dos outros associados | 1 | 4,55 |
| SUBTOTAL | | 9 | 40,92 |
| 2 - Decisão própria | 5.Encontrar emprego melhor | 2 | 9,09 |
| | 6.Retomar à cidade de origem | 2 | 9,09 |
| | 7.Cansaço do trabalho | 1 | 4,55 |
| | 8.Aposentar-se | 1 | 4,55 |
| | 9.Dedicar-se ao cuidado dos filhos pequenos | 1 | 4,55 |
| SUBTOTAL | | 7 | 31,83 |
| 3- Outras | 10.Não soube responder | 5 | 22,70 |
| | 11.Algum motivo muito importante | 1 | 4,55 |
| SUBTOTAL | | 6 | 27,25 |
| TOTAL | | 22 | 100,00 |

Na Tabela 3.15 estão apresentadas as distribuições das quantidades e percentuais de indicações feitas pelas mulheres ao indicarem os aspectos pelos quais sairiam da associação. Os tipos de indicações foram agrupados em três categorias gerais. A primeira categoria “por razão alheia” teve 40,92% das indicações, constituída pelas subcategorias “doença” (13,64%), “desentendimentos na associação” (13,64%), “outros associados decidirem que deve sair da associação” (9,09%) e “falta de colaboração dos outros associados” (4,55%). A segunda categoria “decisão própria” teve 31,83% de indicações, constituída pelas subcategorias “encontrar emprego melhor” e “retornar à cidade de origem” com 9,09% cada e “cansaço do trabalho”, “aposentar-se” e “dedicar-se ao cuidado dos filhos pequenos” com 4,55% cada. A terceira categoria teve 27,25% das indicações, constituída pelas subcategorias “não soube responder” (22,70%) e “algum motivo muito importante” (4,55%).

Na Tabela 3.16 estão apresentadas as distribuições das quantidades e percentuais de indicações feitas pelos homens ao indicarem os aspectos pelos quais sairiam da associação. Os tipos de indicações foram

TABELA 3.16

**DISTRIBUIÇÃO DAS QUANTIDADES E PERCENTUAIS DE INDICAÇÕES
FEITAS POR ASSOCIADOS DE UMA ASSOCIAÇÃO DE RECICLAGEM ACERCA
DOS ASPECTOS PELOS QUAIS SAIRIAM DA ASSOCIAÇÃO (N=9)**

| CATEGORIAS DE INDICAÇÕES | TIPOS DE INDICAÇÕES | QUANT. INDICAÇÕES | % |
|---------------------------------|----------------------------------|--------------------------|---------------|
| 1 - Decisão própria | 1.Encontrar emprego melhor | 4 | 44,45 |
| | 2.Montar negócio próprio | 1 | 11,11 |
| SUBTOTAL | | 5 | 55,56 |
| 2 - Razão alheia | 3.Desentendimentos na associação | 2 | 22,22 |
| | 4.Doença | 1 | 11,11 |
| SUBTOTAL | | 3 | 33,33 |
| 3 - Outras | 5.Não soube responder | 1 | 11,11 |
| SUBTOTAL | | 1 | 11,11 |
| TOTAL | | 9 | 100,00 |

agrupados em três categorias gerais. A primeira categoria “decisão própria” teve 55,56% das indicações, constituída pelas subcategorias “encontrar emprego melhor” (44,45%) e “montar negócio próprio” (11,11%). A segunda categoria “razão alheia” teve 33,33% das indicações, constituída pelas subcategorias “desentendimentos na associação” (22,22%) e “doença” (11,11%). A terceira categoria “outras” teve 11,11%, constituída pela subcategoria “não soube responder”.

As respostas fornecidas pelos associados ao indicarem o que mudariam na associação estão apresentadas por categorias gerais e tipos de indicações com a respectiva quantidade de indicações e porcentagem para cada indicação nas Tabelas 3.17 e 3.18.

Na Tabela 3.17 estão apresentadas as distribuições das quantidades e percentuais de indicações feitas pelas mulheres ao indicarem o que mudariam na associação. Os tipos de indicações foram agrupados em três categorias gerais. A primeira categoria “nenhuma mudança” teve 54,13% das indicações, constituída pela subcategoria “nada”. A segunda categoria “melhorias operacionais” teve 29,19% das indicações, constituída pelas subcategorias “melhoraria estrutura física”, “melhoraria disposição física do material no barracão”, “aumentaria quantidade de associações”, “aprimoraria o estatuto”, “estabeleceria renda conforme o trabalho”,

“delegaria trabalho mais pesado para os homens”, “expulsaria quem não trabalha de acordo” com 4,17% para cada subcategoria. A terceira categoria “melhorias das relações sociais” teve 16,68% das indicações, constituída pelas subcategorias “acabaria com confusão/brigas/desavenças/discussão”, “promoveria respeito”, “promoveria união”, “melhoraria convivência” com 4,17% para cada subcategoria.

TABELA 3.17

**DISTRIBUIÇÃO DAS QUANTIDADES E PERCENTUAIS DE INDICAÇÕES
FEITAS POR ASSOCIADAS DE UMA ASSOCIAÇÃO ACERCA DO QUE
MUDARIAM NA ASSOCIAÇÃO (N=21)**

| CATEGORIAS DE INDICAÇÕES | TIPOS DE INDICAÇÕES | QUANT. INDICAÇÕES | % |
|---|--|--------------------------|---------------|
| 1 - Nenhuma mudança | 1.Nada | 13 | 54,13 |
| SUBTOTAL | | 13 | 54,13 |
| 2 - Melhorias operacionais | 2.Melhoraria estrutura física | 1 | 4,17 |
| | 3.Melhoraria disposição física do material no barracão | 1 | 4,17 |
| | 4.Aumentaria quantidade de associações | 1 | 4,17 |
| | 5.Aprimoraria estatuto | 1 | 4,17 |
| | 6.Estabeleceria renda conforme o trabalho | 1 | 4,17 |
| | 7.Delegaria trabalho mais pesado para os homens | 1 | 4,17 |
| | 8.Expulsaria quem não trabalha de acordo | 1 | 4,17 |
| | SUBTOTAL | | 7 |
| 3 - Melhorias das relações sociais | 9.Acabaria com confusão/brigas/desavenças/discussão | 1 | 4,17 |
| | 10.Promoveria respeito | 1 | 4,17 |
| | 11.Promoveria união | 1 | 4,17 |
| | 12.Melhoraria convivência | 1 | 4,17 |
| SUBTOTAL | | 4 | 16,68 |
| TOTAL | | 24 | 100,00 |

Na Tabela 3.18 estão apresentadas as distribuições das quantidades e percentuais de indicações feitas pelos homens ao indicarem o que mudariam na associação. Os tipos de indicações foram agrupados em três categorias gerais. A primeira categoria “melhorias operacionais” teve 54,55% das indicações, constituída pelas subcategorias “melhoraria

estrutura física” (18,19%), “escolheria melhores compradores de material”, “faria a admissão de novos associados com maior quantidade de critérios”, “implantaria um relógio ponto”, “expulsaria quem não trabalha de acordo” com 9,09% cada subcategoria. A segunda categoria “melhorias das relações sociais” teve 36,36% das indicações, constituída pelas subcategorias “promoveria humildade”, “promoveria união”, “acabaria com fofoca” e “promoveria respeito” com 9,09% cada subcategoria. A terceira categoria “nenhuma mudança” teve 9,09% das indicações, constituída pela subcategoria “nada”.

TABELA 3.18

DISTRIBUIÇÃO DAS QUANTIDADES E PERCENTUAIS DE INDICAÇÕES FEITAS POR ASSOCIADOS DE UMA ASSOCIAÇÃO DE RECICLAGEM ACERCA DO QUE MUDARIAM NA ASSOCIAÇÃO (N=9)

| CATEGORIAS DE INDICAÇÕES | TIPOS DE INDICAÇÕES | QUANT. INDICAÇÕES | % |
|---|--|--------------------------|---------------|
| 1 - Melhorias operacionais | 1.Melhoraria estrutura física | 2 | 18,19 |
| | 2.Escolheria melhores compradores de material | 1 | 9,09 |
| | 3.Faria admissão de novos associados com maior quantidade de critérios | 1 | 9,09 |
| | 4.Implantaria relógio ponto | 1 | 9,09 |
| | 5.Expulsaria quem não trabalha de acordo | 1 | 9,09 |
| SUBTOTAL | | 6 | 54,55 |
| 2 - Melhorias das relações sociais | 6.Promoveria humildade | 1 | 9,09 |
| | 7.Promoveria união | 1 | 9,09 |
| | 8.Acabaria com fofoca | 1 | 9,09 |
| | 9.Promoveria respeito | 1 | 9,09 |
| SUBTOTAL | | 4 | 36,36 |
| 3 - Nenhuma mudança | 10.Nada | 1 | 9,09 |
| SUBTOTAL | | 1 | 9,09 |
| TOTAL | | 11 | 100,00 |

IV

**ASSOCIAÇÃO DE CATADORES DE MATERIAIS RECICLÁVEIS:
DE FATO ELA OFERECE CONTINGÊNCIAS SUFICIENTES PARA
O CATADOR DE RUA SE TORNAR UM CATADOR ASSOCIADO?**

As associações de materiais recicláveis têm sido indicadas como a melhor forma de garantir um ambiente com melhores condições aos catadores que trabalham na catação de rua, por apresentar uma estrutura física adequada e condições de trabalho dignas ao catador, promovendo um trabalho coletivo e expectativa de renda maior. No entanto, a literatura tem indicado que a rotatividade de associados tem se mostrado alta e prejudicado o desenvolvimento dessas associações. Como forma de avançar no conhecimento com relação aos aspectos que mantém os associados nas associações foram investigados: aspectos pelos quais ingressaram na associação; atividades laborais anteriores; definição de associação de catadores de materiais recicláveis, importância para sociedade e ambiente; vantagens para o catador trabalhar em associação de catadores de materiais recicláveis; porque permanecem na associação; desvantagens para o catador trabalhar em associação de catadores de materiais recicláveis; ocorrência de acidentes durante o trabalho na associação; aspectos pelos quais sairiam da associação e o que mudariam na organização.

As Tabelas 2.1 e 2.2. apresentaram as características dos associados. Dos participantes da pesquisa 70% eram mulheres e 30% eram homens. A média de idade entre as mulheres era de 41 anos, sendo dezessete com mais de 30 anos e entre os homens era de 33 anos, sendo seis participantes com mais de 30 anos. Do grupo de mulheres 90,48% das associadas possuía o ensino fundamental incompleto ou era semi-analfabeta. Para ilustrar a baixa escolaridade a verbalização de uma delas: *“Porque eu tava parada né? Já tinha... tava parada, não tava trabalhando né? É um serviço sujo, claro! Mas né, faz parte né? E depois quem sabe trabalhar nesse serviço nunca passa falta de nada em casa porque nunca falta serviço! ...a gente que não tem estudo né?”*, a verbalização pode revelar a condição que a pouca escolaridade propicia ao catador, um trabalho às vezes precário, mas uma alternativa para a necessidade de ter renda. Do grupo das mulheres apenas 28,57% tinha sido catadora na rua, com tempo mínimo de três meses na atividade, do grupo dos homens 33,33% tinha sido catador na rua, com tempo mínimo de dois meses. Resultados que podem mostrar que os catadores de rua eram poucos dentro da associação de catadores de materiais de recicláveis.

As mulheres apresentaram menor escolaridade que os homens entrevistados e constituíram o grupo que apresentou faixa etária mais alta.

As informações fornecidas pela assistente social também mostravam que a baixa escolaridade, a falta requisitos para ocupar outro emprego e a faixa etária, eram aspectos pelos quais as pessoas procuravam ingressar na associação. Uma das assistentes sociais afirmou que comumente os catadores eram alvo de marginalização atribuída às escolhas sexuais, aparência, uso de drogas (apesar de ser proibido o uso de substâncias ilícitas no espaço da associação), uso de psicotrópicos, violência doméstica e desagregação familiar, aspectos que poderiam impedir a contratação desses trabalhadores em empregos com carteira assinada.

Com relação à quantidade de dependentes 76,19% das mulheres possuíam dependentes e 23,81% usavam a renda obtida na associação apenas para sustento próprio. Verbalizações ilustram a preocupação das mulheres em trabalhar em um lugar que as permitisse sair quando necessário para resolver dificuldades com relação à criação e cuidado dos filhos: *“Que eu entrei, o motivo foi porque eu tinha meus filho... e se eu, igual eu te falei... por isso que eu vejo essas mulher aqui, às veze você vai trabalhar como se você tem que ficar faltando? Ahã... você não tem como você trabalhar...”* e *“É... eu não conseguia emprego por causa do meu nenê que tem pobrema... Daí... só... daí eu peguei conversei com a presidente., daí ela deixou eu ficar... Ele tem lábio leporino! Só que já fez duas cirurgia e daí agora vai fazer do ouvido, porque ele é surdo de um ouvido... É... daí vai por dreninho no ouvido... Pra poder ouvir... É... porque daí a presidente já sabia do meu pobrema daí ela não... daí ela sabe que quando é pra eu faltar, pra levar o nenê no médico ela não, não acha ruim...”* Outras verbalizações ilustram a necessidade de trabalhar para ajudar nas despesas da casa porque o cônjuge se encontrava doente e incapacitado para o trabalho: *“É o que eu falei... a C. me encaminhou pra cá porque eu realmente precisava... Ele (o marido) ficou muito doente... até ficou de cama! Por um bom tempo, aí eu não sabia mais o que fazer... aí a C. me encaminhou... comecei a trabalhar... e gostei e... Daí eu ajudava em casa...”*;

Com relação à quantidade de dependentes 66,67% dos homens possuíam dependentes e 33,33% usavam a renda obtida na associação apenas para sustento próprio. A porcentagem de associados que não possuíam dependentes poderia ser explicada ou pela idade avançada, ou seja, poderiam ser pessoas que já têm seus filhos criados, ou pessoas que estavam vivendo sozinhas depois de uma separação, por exemplo.

Os dois grupos (57,14% das mulheres e 55,56% dos homens) afirmaram ter exercido alguma atividade relacionada à reciclagem que não a catação na rua, ou em outra associação ou em barracão de atravessadores. O tempo mínimo e máximo na associação entre o grupo de mulheres era entre

sete dias e cerca de dois anos, e entre o grupo dos homens, entre 10 dias e dois anos. 77,78% dos homens estavam trabalhando na associação de 15 dias a três meses. A rotatividade entre os homens parece ser maior que entre as mulheres.

De acordo com os dados obtidos a partir das respostas dos associados dos aspectos pelos quais ingressaram na associação (Tabelas 3.1 e 3.2.) é possível destacar que mais da metade das respostas femininas (55,56%) foram por “necessidade financeira” (estar desempregada ou necessitando de renda). O desemprego foi destacado por Bosi (2008) como um dos aspectos pelos quais pessoas ingressavam nas associações de reciclagem. Para Fernandes (2004) a quantidade de pessoas sem emprego aumenta, quando essas estão despreparadas, desqualificadas ou incapazes de assumir vagas oferecidas no mercado de trabalho. De acordo com as respostas fornecidas pelos homens é possível destacar que mais da metade das indicações para os aspectos pelos quais ingressaram na associação foram por “necessidade financeira” (estar desempregado ou necessitando de renda) e por “dificuldades em conseguir outro emprego por algum impedimento pessoal”, por ter algum problema de saúde ou pela idade, totalizando 61,55%. Os dados coletados entre mulheres e homens parecem identificar que os catadores muitas vezes não são catadores por opção, mas por necessidade financeira. As duas assistentes sociais entrevistadas apresentaram a necessidade de renda como o fator mais importante para a entrada dos catadores na associação. Algo que pode ser ilustrado pela verbalização de uma das associadas: *“Ah! O motivo é precisão né? Precisava tinha que ir, porque o meu marido trabalha, mas ele tem o dinheiro dele, eu tenho o meu... eu queria ter o meu né? E eu tenho muita coisa que eu consegui através daqui né? Porque falar bem a verdade pra você eu não tinha nada dentro de casa, quando eu entrei trabalhar, eu não tinha guarda-louça, eu não tinha jogo de mesa e cadeira... Eu não tinha nada... sofá eu não tinha, televisão eu não tinha... Hoje eu tenho! Tudo que eu consegui daqui!”*

As categorias seguintes indicadas diferem entre mulheres e homens. As mulheres apresentam como segunda categoria “ser recém-chegada à cidade”, aspecto apresentado por Bosi (2008) e Castilhos Júnio e col. (2013) e “problemas familiares” (“trabalhar com horário mais flexível para atender os filhos” e/ou “auxiliar nas despesas da casa, cônjuge”). Parece que a partir dos resultados as mulheres também procuram o trabalho em associação para poderem exercer a função de cuidar de filhos, pois as faltas justificadas não causam desconto em sua renda e nos dois grupos é apresentada o convite feito por associado para ingressar na associação, prática comum entre os associados, há associados com grau de parentesco

ou de convivência anterior ao trabalho na associação ser vizinho ou amigo, por exemplo). A migração do interior para uma cidade mais próxima à capital pode ser ilustrada a partir das verbalizações de duas associadas: *“Ah! Tava difícil emprego em outro lugar né? Foi daí... onde que eu procurei aqui né? Eu era lá de outra cidade... Eu vim pra cidade atual., daí começou a ficar difícil as coisa e daí eu procurei aqui...”* e *“Porque é um serviço que eu gosto de fazer... e como eu era da roça, então tipo eu gosto mais desse serviço do que trabalhar de doméstica ou empresa...”*.

Os homens apresentam como segunda categoria “dificuldades em conseguir outro emprego por algum impedimento pessoal” (ter problema de saúde ou faixa etária), o que pode ser ilustrado por meio das verbalizações de associados: *“Ah! É que eu tava desempregado esse tempo né? ...e daí é... daí não tinha o que fazer, e eu, tava difícil de eu entrar no outro serviço... Ah! Eu vou entrar na associação até eu arrumar outro melhor né? ...daí depois se eu não se dá bem com a turma da associação eu saio e pego outro serviço né? E daí ali entrei, nós se damo bem... tudo... aí né... até falar a verdade, até tinha uma namorada memo no serviço...(rindo) A gente se via todo dia e daí nós se dava bem com a turma, nós não saímo mais...(rindo) Ah! Eu acho que pra mim agora é o único lugar pra mim, eu acho que é aqui né? Que até por modo do meu problema assim uma firma já vai ser meio difícil de eu entrar né? Que se a firma descobrir assim do meu pobrema, nem uma firma vai querer pegar né?”*; *“Um motivo por eu já ter essa experiência na minha vida... Foi o que eu falei né? Eu tenho curso, tudo, eu tenho profissão mas não consigo por causa da idade... Então, enquanto isso não ocorre lá fora eu tenho que arrumar um meio de me sustentar né? E aqui, já faz quatro meses que eu tô aqui, até hoje empresa nenhuma me chamou, já mandei currículo em todas, não me chamaram, eu falei, eu acho que o melhor é eu ficar por aqui mesmo porque... Continuar aqui mesmo, tô pagando o INSS tudo normal, tranqüilo...”* e *“É um serviço mais tranqüilo né? Que, que tipo assim já pra eu fichar, já é mais difícil por causa dos meus pobrema, eu tenho bastante pobrema entendeu? Apesar da idade eu já sou bem judiado de serviço né? Eu trabalhava com corte de madeira, daí acabei judiando dessa perna minha, eu tirei até... ela é atorada... Atorei com uma motosserra, daí eu já tenho pobrema respiratório também né? Já é difícil entrar na empresa e outra que é um serviço que eu toda vida gostei de mexer né? Reciclar... É um serviço que eu... que eu me identifico mais...”* A referência à existência de problema de saúde também é relatada pelas mulheres, no entanto em ordem de categoria posterior que a dos homens.

As Tabela 3.3 e 3.4. apresentaram as atividades que os associados executavam antes de entrarem para a associação. Sobre ter

exercido anteriormente alguma atividade relacionada à reciclagem que não a catação na rua 53,41% (23,41% das mulheres e 30% dos homens) trabalharam em outra associação, em barracões de atravessadores ou projeto social da prefeitura. É possível observar que da quantidade total de associadas menos de 30% das mulheres tinha sido catadora de rua. Medeiros e Macedo (2006); Pereira, Carvalho e Ladeia (2008) identificam que catadores que trabalhavam em barracões de atravessadores, podiam executar a atividade de separação em local insalubre e com renda muito inferior às alcançadas nas associações, não tendo os direitos básicos de qualquer trabalhador. Mas na associação essas condições estão garantidas?

De acordo com os dados da tabela das mulheres é possível destacar que na primeira categoria o número de mulheres que já havia trabalhado como catadora na rua (14,85%) é menor que a soma de indicações para o trabalho anterior em outra associação e em barracões de atravessadores (21,28%). O trabalho no “comércio ou serviços” é o segundo mais indicado (31,91%) pelas mulheres. As experiências profissionais podem ser ilustradas pelas verbalizações das associadas: *“...então pra mim ficar hoje, que eu tenho que fazer exame né? Então pra entrar tem todos os exames pra fazer e eu já não passo... E por causa da idade também né? E hoje em dia você tem que ter estudo né? Se você não tiver estudo, trabalhei bastante tempo mas era uma época que não exigia muito estudo... Exigia mais a experiência tua com o trabalho...”* e *“Antes de eu vir trabalhar aqui eu trabalhava carpindo quintal... pros outro...lavando roupa por dia... e trabalhava de doméstica em capital, quando tinha serviço eu ia né? Mas daí depois eu arrumei aqui daí não fui mais trabalhar de doméstica... Não gostava mais, eu gosto de trabalhar aqui...”*

De acordo com os dados da tabela masculina é possível destacar que na primeira categoria a quantidade de homens que já havia trabalhado como catador na rua (15%) é menor que a soma de indicações para o trabalho anterior em outra associação e em barracões de atravessadores (30%). O trabalho em “comércio ou serviços” teve 30% das indicações enquanto que “indústria” 15%. Para ilustrar, as verbalizações de associados: *“É, eu trabalhava com os atravessadores... Trabalhava numa empresa, numa metalúrgica registrada, fiquei um ano... Eu era operador de ponte rolante... tenho curso de operador de ponte rolante, tudo... mas não consigo serviço por causa da idade... quarenta e um ano, depois dos quarenta o pessoal já começa a barrar já na entrevista...”* e *“Construção civil...Pedreiro! Há uns quinze ano na construção!”*

Foi citada a condição de “presidiário” por um dos associados como condição anterior ao trabalho da associação: *“Ah! Eu trabalhava no sítio... depois do sítio eu fui preso, da prisão eu trabalhava dentro da*

prisão, trabalhei quase três ano, daí eu saí agora né? Tá com... hoje tá fazendo um mês que eu saí... ”. Ex-presidiários trabalhando com reciclagem de materiais recicláveis foi relatada na pesquisa de Vieira (2011) e Santos e col. (2013). Segundo a autora os ex-presidiários buscam na catação uma ocupação, pois sofrem a marginalização da sociedade quanto a sua condição anterior. O mesmo foi relatado pela assistente social que indicou que, na associação, havia dois ex-presidiários trabalhando.

Segundo informações de uma das assistentes sociais a formação inicial do grupo era em sua maioria de homens, o que poderia ser explicado pelo grupo ter se formado a partir de catadores que percorriam as ruas da cidade com carrinhos, em busca do material a ser separado, o que não acontecia mais na associação, pois o material era entregue pelos caminhões da prefeitura. Não havia a necessidade de procurar materiais nas ruas ou puxar o carrinho, atividade indicada como penosa e difícil para ambos os sexos, devido às condições climáticas adversas (sol, chuva, vento, frio, calor), mas principalmente para as mulheres, já que muitas relataram que tinham mais idade e problemas de saúde. Parece que o trabalho na associação proporciona condições melhores que as da rua, principalmente para o trabalho feminino, visto a quantidade de mulheres na associação e as verbalizações delas sobre esses aspectos.

Os dados obtidos acerca dos trabalhos anteriores dos associados confirma o que já havia sido indicado na pesquisa realizada por Bosi (2008) e Castilhos Júnior e col. (2013) uma grande quantidade de catadores veio do campo em busca de novas oportunidades, assim como exerceram trabalhos que já não estão mais qualificados para ocupar ou pela idade ou por terem algum impedimento de saúde. O que pode ser ilustrado pela verbalização de uma das associadas: *“Então eu trabalhei assim né? Eu ia pra colheita de batata, terminava a safra da batata, aí eu ia pra colheita de, pra plantação do tomate, aí eu plantava o tomate, quando tava no ponto eu ia lá e colhia o tomate né?”* Parece que a falta de qualificação profissional fez com que esses trabalhadores continuassem em profissões com piso salarial baixo.

As assistentes sociais e a presidente indicaram nas entrevistas que para a grande maioria dos associados há a necessidade de trabalho, mas também há casos de pessoas que apreciam o trabalho na associação, como pode ser ilustrado pela verbalização de uma associada e um associado: *“Eu, faz tempo que eu tava parada... Por causo que a gente não conseguia mais serviço né, na idade da gente... Não conseguia serviço em lugar nenhum... e daí de dois ano pra cá daí eu consegui, a assistente social que me... me encaminhou pra cá... A assistente social lá do meu bairro... E daí ela, ela, ela mandou e vim na C. ali, daí eu trabalhei uns três mês na C. ali, fazendo*

aquele de estopa né? Daí depois eu falei pra ela que eu queria vir pra cá, ela até falou: 'A senhora não guenta dona nome da associada!', eu falei: 'Guento!' E nessa brincadeira já tô com dois ano! Ah! Eu gosto! Eu adoro trabalhar aqui!" e "Olha... eu tenho... eu sou cabelereiro... Eu tenho diplomas, tenho estudo... mas eu não consigo assim é... eu gosto, eu faço os cursos... eu continuo fazendo... Mas eu gosto de trabalhar aqui... Eu me sinto bem aqui... eu tenho meus diplomas pra quando eu ficar mais de idade eu posso ter um salão meu mesmo... Mas por enquanto eu estou aqui..."

Parece que alguns associados mesmo tendo outras oportunidades de trabalho continuam trabalhando com a reciclagem por opção. As assistentes sociais e a presidente da associação que o trabalho na associação não é fácil, muitas pessoas que chegam sem experiência anterior, não chegam a completar o primeiro dia de trabalho por terem que lidar com matéria orgânica decomposta (animais, fraldas e comida, por exemplo) que podem estar impregnados aos sacos de materiais recicláveis que são triados pelos catadores.

Nas Tabelas 3.5 e 3.6 estão indicadas as respostas dadas pelos associados sobre a definição de associação de materiais recicláveis, a sua importância para a sociedade e ambiente. De acordo com os dados obtidos no grupo feminino é possível destacar que a primeira categoria (“ênfase no resultado do trabalho dos associados para ambiente e população”) e a segunda categoria (“ênfase na dimensão coletiva do trabalho dos associados”) representam 69,77% das indicações da definição apresentada pelas associadas. Parece que para as associadas o trabalho possibilitava a preservação do ambiente, separando o reciclável do lixo, algo útil para a população trabalho que propicia um futuro melhor para as novas gerações, ilustrado por: *“...associação pra mim é, eu penso assim pra mim... é como se... né... eu tivesse prevenindo o futuro dos meu filho, que eu tenho filho pequeno! Né? Prevenindo o futuro do meu neto... que eu tenho um netinho que tem um aninho e pouquinho... né? ...e ajudando a colaborar muito com a natureza né? Porque a gente sabe né, a poluição, essas coisas, tudo... né?”*. Os benefícios do trabalho dos associados poderiam servir como reforçadores positivos para eles e população, como forma de valorização do trabalho dos catadores na associação. Na segunda categoria “ênfase na dimensão coletiva do trabalho dos associados” elas enfatizam que o trabalho é coletivo, onde não há chefe, pois todos têm direitos e deveres iguais, baseados em um estatuto, pode ser ilustrado pelas verbalizações: *“É a união de um grupo procurando renda né? É... eu acho, associação de catadores uma, acho um trabalho bonito, eu gosto... É, ali você tá ajudando a questão de meio ambiente, tá tendo a tua própria renda, sem precisar pedir, sem... e dá pra ajudar várias pessoas... várias famílias que não tem como, às veze*

tem uma pessoa de idade aí, que não tem um ganho, não tem nada, vem pra cá... é... o que a gente pode ajudar, a gente ajuda... hoje nós tamo com uma pessoa de, de rua aí, a gente volta e meia a gente tenta ajudar um... Tem uns que dá certo, tem uns que não... Hoje tá aí uma pessoa aí que chegou da rua, ele não tem onde morar, sabe? Sabe? É, é uma oportunidade pra quem, aqui, é uma oportunidade pra quem não tem estudo... Pra quem não consegue emprego mais... Pessoa que não tem qualificação... eu, sei lá, eu acho que é assim a associação.” e “Pra mim é... uma associação é um trabalho coletivo né? Um trabalho conjunto... onde todos trabalhamos iguais né? E dividimos iguais... Pra mim associação é isso... é o trabalho em conjunto...em equipe...”; “São pessoas que trabalham com lixo, reciclagem... E agora... Onde lá todo mundo é reunido! Um ajuda o outro... É... tem que fazer conforme é o mandato... Obedecer as ordem... que aqui não tem nenhum chefe, todo mundo são, são donos!’. Duas associadas definiram a associação como “empresa” e “cooperativa”, o que pode indicar confusão ou falta de clareza nos conceitos de associativismo.

Uma associada respondeu que a associação era lugar para pessoas que não conseguiriam emprego formalizado, não apenas para catadores, outra respondeu que era lugar de catadores, o que pode identificar conflito acerca da entrada de pessoas que nunca foram catadoras na associação. Conflito que também foi apresentado quando duas associadas solicitaram que não queriam ser denominadas “catadoras” durante a entrevista, justificando que nunca tinham exercido a atividade da catação como experiência profissional anterior. Uma associação definida como associação de catadores de materiais recicláveis não deveria ser composta exclusivamente por catadores? Fossem eles trabalhadores que tivessem exercido a catação na rua ou em outras associações?

Na segunda categoria, “trabalho coletivo”, “grupo de pessoas” e “renda coletiva igual” representam, juntas, 17,45% (15 indicações) do total para as nove subcategorias. Na terceira categoria (“ênfase na interação social e afetiva entre os associados”) a subcategoria mais indicadas foi “possibilitar a união entre os associados” (4,65%) ilustrados por: “Olha... eu... eu... eu tiraria esse barracão... como exemplo, o que ele é... Tipo... aqui a gente é uma família, porque a gente pára mais aqui, do que na casa... a gente chega aqui eu venho seis e meia porque eu quero, eu tenho que fazer café pro pessoal... da manhã... É... então eu, é... daí vamo até às seis... né? Então... pra mim isso daqui é uma família... que nem tem uma amiga nossa que tá na filha lá na UTI, lá dona F. ... É... dona F., a filha dela tá na UTI por causa que deu... fez uma operação lá, não deu certo... então a gente sente junto com ela... a gente quer saber como é que tá... então isso aqui pra gente é uma família... Uma associação é questão do

quê? Que todos trabalham junto e todos tem esse consideração... não é só um trabalho onde cê vem todo dia, recicra e sai... não... isso aqui é um ambiente da gente também... Então não é... tipo que você entra e sai e você não liga pras pessoas... não... a gente é uma família! Uma associação pra mim... pelo menos essa aqui que eu trabalho, desde quando eu trabalho aqui é uma família...”

De acordo com os dados sobre a definição de associação de materiais recicláveis, importância para a sociedade e ambiente para o grupo de homens é possível destacar que a primeira categoria (“ênfase na dimensão coletiva do trabalho dos associados”) e a segunda categoria (“ênfase na interação social e afetiva entre os associados”) representaram 80,63% das indicações da definição solicitada aos associados. Os homens indicaram a associação como o espaço do trabalho coletivo, com direitos e deveres iguais, afirmaram que não há chefe, mas também fazem uma indicação que é como “uma empresa”, ilustrada pela verbalização: *“Ah! Pra mim é, é normal né? Mema coisa de uma empresa né? Ah! Como se fosse uma empresa...”*

Na segunda categoria mostram que é um lugar de união entre os associados, um lugar para aqueles que não conseguiriam outro emprego formal, ilustradas pelas verbalizações de dois associados: *“Porque nós, nós somos anônimos (autônomos), nós trabalhamo pra nós mesmo, o que nós trabalhamos nós ganhamos... Se nós trabalha ganhamos, se não trabalha infelizmente né? Não tem como... E a associação é... é uma união de pessoas que precisam, a trabalhar e a ganhar... Não os que vem aqui pra tirar proveito... porque tem pessoas que vem, fica, uns cinco, seis dia e vem aqui pra tirar um aproveito pra, ele não precisa, ele só vem pra tirar proveito, e tirar o lugar daquelas pessoa que precisa... Daí que não precisa, porque veja bem... tem pessoa, aqui tem pessoas que precisam trabalhar... Tá? Nós precisamos porque veja bem, as pessoas tem filhos, tem mulheres, tem crianças, pessoas de idade... Pessoas que precisam mesmo! E tem pessoas que não precisa que vem e daí tomam o lugar daqueles que precisam, por exemplo, tem pessoas que, que moram que moram na rua, tem pessoas que não tem onde ficar... tem pessoas que não tem mesmo condições, de ter um dinheiro, que catam papel na rua porque, por exemplo, se você olhar na rua, veja que catador tem... veja... e com isso e são explorados pelos, pelos atravessadores... Que a.. é... que os atravessadores, eles, eles, eles exploram os catadores! Se é um tanto, eles dão menos, daí eles ganham mais... né? Então o caso assim... então o caso, seria que todos os catador de rua viesse para a associação... a gente, eu, eu levava um, dois carrinhos, um carrinho até meio dia cheio... e à tarde levava outro... Basicamente não dava quase nada, porque a metade, o bom*

mesmo ficava pra eles... E é com chuva, sol, frio, não tem horário para catar papel na rua...”; “Uma associação né, o nome já fala, associação... associação, sei lá é um trabalho em conjunto né? ...todo mundo tem que trabalhar em conjunto, todo mundo tem que tar em entendimento... tem... se for pra tomar uma atitude todo mundo tomar junto né? Então tipo uma parceria né, todo mundo tem que se ajudar... isso é uma associação pra mim...” e “É... como se diz... ganha conforme produz...”.

A partir das verbalizações a condição de “não ter chefe” parece ser reforçadora para os associados, tendo sido citada por uma das assistentes sociais durante a entrevista quando da formação do grupo inicial: “Tinham medo que na associação haveria gente mandando neles”. Carmo (2009), Fernandes (2004) e Ferreira e col. (2006), identificam que os catadores apreciam a ideia de liberdade, principalmente entre os catadores de rua, pois escolhem seu material, suas pausas e não tem alguém lhe dando ordens diretamente, no entanto salientam que tal liberdade os deixa a mercê dos atravessadores, trabalhando em condições precárias.

Um associado se referiu à associação como sendo uma “empresa” o que pode revelar, como no grupo das mulheres, que falta conhecimento sobre conceitos básicos do associativismo ou da economia solidária, dados semelhantes foram revelados em outras pesquisas (Sousa e Mendes, 2006; Pereira, Carvalho e Ladeia, 2008).

Os associados também vincularam seu trabalho a um trabalho importante para a população e para as futuras gerações, provavelmente por serem os maiores responsáveis pela coleta de materiais recicláveis: cerca de 90% dos resíduos que são encaminhados às indústrias de reciclagem brasileiras são produto do trabalho desses profissionais (Farias, 2003, em Vieira e Ricci, 2008).

Parece que os associados apresentaram respostas sobre uma “associação ideal”: que preserva o ambiente, é importante, separa o lixo do reciclável, um trabalho coletivo com direitos, deveres e renda iguais. Mas tais aspectos parecem não terem sido os mais importantes como aspectos que os fizeram ingressar na associação, conforme dados apresentados nas Tabelas 3.1 e 3.2, nas quais os aspectos são citados por apenas um associado ou nem mesmo são citados pelos demais.

Durante as entrevistas ocorreram relatos de problemas de relacionamento e descontentamento entre associados, principalmente relacionados à falta de união no grupo, “fococas” e divisão da renda, ilustrados pelas verbalizações: “Onde que o pessoal tem união, um que ajuda o outro... É, eu tô vendo, não, eu tô vendo o que eu já passei lá no antigo barracão... o companheirismo, coisa que a gente tá com essa dificuldade aqui...”; “Ah! Eu pra mim, ao meu ver, acho que numa

associação assim o povo tem que ser tudo unido! Né? Trabalhar a união né? E saber um levar o outro também né? Se não vira muita confusão né? ...que já como já aconteceu muitas veiz aqui né? É acontece aqui né? Às veiz de brigarem, tudo... Só que não, que nem numa associação assim, não pode tá acontecendo isso aí...”; “Associação é onde todo mundo se ajuda, todo mundo trabalha igual né? O que não acontece na nossa aqui né? Porque tem gente que não faz por onde tá aqui... E tem que se ajudar, tem que trabalhar, tem que... a hora que precisar ficar, tem que ficar... é... até mais tarde. É, tem gente que não trabalha de acordo com, como uma associação né? Tem gente que, tem gente que quer tá ali só pra ganhar o dia...” e “O que que é pra mim isso aí? Somos! Não, não todos né? Não todos... Porque não é todos que colabora com nós... É porque tem muita gente aí que, é... vamo supor... não cumpre os seus deveres né? Isso... às vezes a gente trabalha mais, associação tem que trabalhar todo mundo igual né? Tem gente que trabalha mais, tem gente que trabalha menos... Chega atrasado, dez, dez da manhã, onze hora... E quem chega mais cedo ganha tudo igual né? Não é descontado... ganha tudo igual... meio dia... É tudo igual, e isso não é associação... pra mim não é isso! Todo mundo pensa assim, um monte de gente aí...pra mim é assim... Não muda... Eu queria, eu queria não, quase todo mundo quer isso aí né? Um cartão de ponto aqui... E que faltou, chegou atrasado tem que descontar... Falta um dia o povo não desconta de ninguém? A gente que não falta tem que ficar trabalhando pelos otro... Bem tarde... tem gente que chega depois do almoço, duas hora da manhã, da tarde! E recebe o dia ainda!”

Nas tabelas 3.7 e 3.8 foram apresentadas as vantagens para o catador trabalhar em uma associação de materiais recicláveis. De acordo com os dados obtidos é possível destacar que a primeira categoria “ênfase na estrutura física oferecida para o associado trabalhar”, e a segunda categoria, “ênfase na dimensão econômica ou financeira do trabalho dos associados” representam 65,51% das indicações das mulheres acerca das vantagens para o catador trabalhar em uma associação, ilustrado por verbalizações das associadas: “A vantagem é o local né? O ambiente... porque antes saía pra rua, tomava sol, tomava chuva... pras própria saúde, pra própria saúde e po trabalho era bem dificultoso, hoje não... eles, não precisa tá mais na rua, vem direto o material aqui, eles trabalham, não tem o risco de tá ficando doente por causa do tempo... Eu acho que melhorou bastante... É bem diferente, porque lá é mais explorado... né? Como aqui tem homem que faz carga e descarga e tem o elevador... lá eu ajudava a fazer... Esses fardo tudo, era tudo erguido... então... bem... Não. Lá nem tinha homem. Só tinha um. Era só as mulheres que tinha que fazer tudo... Ah! Ele falava o salário de seiscentos, você pegava duzentos no mês...

duzentos, duzentos e cinquenta, tinha desconto de tudo, não era registrado e um monte de desconto! Duzentos, duzentos e cinquenta... Agora tem, antes não... antes era... não era fechado... só tinha as telha e... daí tinha que limpar poço também quando o poço entupia, tinha que ir lá fazer limpeza de poço, fazer manutenção do maquinário... Tudo isso eu aprendi fazer um pouquinho... Aqui é bem melhor... Vichi... dez vezes melhor!”, o que demonstra que a estrutura física é considerada a maior vantagem para os associados. A subcategoria com o maior porcentagem (18,88%) foi “boa estrutura física para trabalhar (cobertura, banheiros, esteira, elevador, horários de descanso, recebimento de VT, manutenção das máquinas, água potável)” ilustrada por: *“Na minha opinião tem mais segurança. Ao salário! É mais... você tem uma garantia que você vai receber, porque você catando sozinha, você tem que procurar o comprador... Às vezes o comprador vai lá, compra e te dá os cano, não te paga... Já... já passei... Vantagens mesmo, é que nem eu te falei... é a segurança que você tem, o teu dinheiro pra receber... É... também cômodo né? Você não tá se expondo na rua... não tá passando frio... não tá... você vem de ônibus... você volta de ônibus... você não tem que andar horas e horas com um carrinho puxando... Nem enfrentando o frio... chuva... sol...”* e na segunda categoria a subcategoria com a maior porcentagem (5,55%) foi “maior valor na venda do material separado em grande quantidade, maior renda” ilustrada pelas verbalizações das associadas: *“Eu acho que, o pessoal que trabalha na catação aqui, ele vai ter mais valor, o material dele vai ter mais valor... se ele vender pra um atravessador, ele vai cair a metade do que vende, do que ele trazer na associação...pra vender, porque ele vai conseguir mais valor... Tem... porque pra ele vai ser melhor, em tudo, em tudo que é questão, é, é, ele vai ter acesso a cursos... vai ter educação, bastante coisa, vai ter consciência que ele não tá fazendo um trabalho tão comum assim, que ele tá ajudando o meio ambiente... Que ele tá preservando a natureza! E tá, tá trabalhando! Né? A estrutura ajuda bastante! Ajuda muito! Eu acho assim que ganha muito conhecimento... ganha, ele aprende muita coisa... Até a questão dele pagar INSS, tudo, que o pessoal sempre tá conscientizando... A maioria tá pagando! Aqui, aqui uma vantagem dele é que ele não vai precisar mais ir pra rua... Porque já tem material aqui... Eu acho que ele tinha que procurar a associação que é o espaço dele né? Só vejo vantagem... Que aqui, eles tão perdendo, tem gente que tá perdendo o espaço que é dele! Porque eu não, eu nunca, jamais numa reunião que tiver aqui, que falar cês vão mudar pra recicladores, mudar o estatuto, alguma coisa, eu não, eu não voto pra, é pra catador... É isso, é pra catador aqui... e é o direito do catador! Eu criei meus filho do lixo! Eu criei eles e vesti! Olha, aqui em baixo, acho que de setecentos a oitocentos reais... Melhorou*

pro pessoal que já era daqui, pra nós lá de cima não melhorou...”; “Bom, vantagem pra mim aqui é até pelo horário que entra... né? Como pelo horário que sai... que é pertinho né? É, não sei... É perto pra mim né? Porque eu venho de cidade vizinha. É pertinho, é... coisa de vinte minutos... então... tipo, se fosse pra capital., que nem eu já fui muitas vezes fazer faxina... Eu tinha que sair muito cedo! Tem vantagem assim né? As vantagem que eu tenho e também o dinheirinho que a gente né... consegue com a venda dos material tudo... Pra gente já é uma vantagem, então né? É... ter um emprego, não ter que sofrer muito... não ter que deixar as criança, tipo quando eu trabalhava lá capital. eu chegava tarde, então eu saía muito cedo, o meu pequenininho de seis ano, eu saía ele tava dormindo... eu chegava à noite, ele tava dormindo... Eu acordava quatro e quarenta da manhã né... deixava o café pros meu filho pronto, roupa arrumada pro colégio... e eu tinha que sair muito cedo... eu pegava o ônibus lá em C., cinco e... cinco e vinte sabe? Aí eu chegava tarde da noite né? Aí, sábado e domingo que eu ficava em casa, ele olhava pra mim no sábado e falava assim: “Mãe, porque você não dormiu em casa a semana inteira!” Eu falava não, a mãe dormiu em casa sim, é que a mãe chega muito tarde... cê tava dormindo sabe? É... tipo, né... se chove você trabalha, se não chove você trabalha... É, porque eu já trabalhei em muitos lugar embaixo de chuva né? Isso é muito ruim, tipo colheita de tomate, essas coisa... A gente não tinha vantagem né, pegava... É... não, a gente trabalhava mesmo com chuva... É porque o tomate não podia passar do ponto dele né? ...davam aquela capa de chuva, mas mesmo assim... resfriado um em cima do outro, é gripe... então já é uma vantagem você ter um lugar né? Protegido... Né? Protegido... ter lá seu banheirinho né? Tem, tem o seu café... Isso é uma vantagem... E eu acho assim, pra mim já é uma vantagem...” e “As vantagens são que é melhor né? Aqui a gente tira mais né? O lucro da gente é melhor... que na ruas às veze a gente tirava bem, às veze não...” Para alguns autores (Quissini e col., 2007; Pacheco e Silva e Ribeiro, 2009; Ribeiro e col., 2009) o catador de rua ganha menos ao vender em pequena quantidade ao atravessador como ilustrado pela verbalização de um associado: “Ah... eu acho que é por causa dos atravessadores né? Porque aqui você tem chance de arrumar um comprador... que dê valor no teu serviço... dê valor no material que você recicra tudo né? E o catador que trabalha na rua não, ele tra, fica o dia inteiro trabalhando... daí ele vai lá, e troca... no português... por banana né? Porque ou ele vende, ou ele dá o aquele tanto que eles pede, ou ele volta com o material pra casa... Óó... eu acho que tem... os benefício né? Que nem aqui a gente ganha as coisa no final de ano né? Ganha... ganha as coisa pras criança! Quem tem filho... quem não tem ganha a cesta de Natal... ganha as coisinha...”

As associadas corroboraram com as descobertas da pesquisa de Pereira, Carvalho e Ladeia (2008), na qual a estrutura física é uma das maiores vantagens para o catador trabalhar em uma associação. Tais resultados talvez se justifiquem pela vivência de alguns associados na catação na rua, em barracões de atravessadores, nos quais a estrutura física de trabalho era precária, ou em outra associação que não possuía todos os recursos disponíveis que essa dispunha. Outro aspecto relatado é que o catador não precisa catar mais na rua, não precisando fazer esforço excessivo, estar sujeito a acidentes ou intempéries. Na segunda categoria as catadoras indicam que o valor mais alto obtido pela venda de material em grande quantidade também é aspecto importante.

As assistentes sociais indicaram a infraestrutura como a principal vantagem para os catadores e o apoio da prefeitura (Ferreira e col., 2006), pois o governo municipal fazia o pagamento do transporte dos catadores para suas casas, da água e da energia elétrica, fornecia os uniformes, consertava os equipamentos com defeito, além de fazer a retirada do lixo e do lixo tóxico que tinham sido encaminhados indevidamente, entre os materiais recicláveis, para a associação. Elas salientaram que os catadores vinham recebendo mais apoio dos governos municipais, estaduais e federais. Outra vantagem citada por elas seriam as relações afetivas entre os catadores, apesar de conflitos serem corriqueiros na associação. Apesar dos modelos de parceria variarem de acordo com a legislação municipal (Ribeiro e col., 2009), o estabelecimento de acordos, parcerias, apoios e políticas públicas municipais, segundo alguns pesquisadores, é necessário para a manutenção das associações e das cooperativas de catadores (Vieira e Ricci, 2008).

De acordo com os dados obtidos com o grupo de homens a “ênfase na estrutura física oferecida para o associado trabalhar” pode ser ilustrada por algumas verbalizações de associados: *“Mas dentro da associação a vantagem é que se chover o material vai tá aqui dentro pra nós a gente vai ter condição de trabalhar... e na rua não, choveu, você tem que ficar em casa... Ah... vantagem que cê tem toda hora um lugar pra cê fazer tua necessidade, um banheiro... a tua disposição... tem água potável pra beber né? Cê quer dar uma descansada cê também dá uma descansada, tem onde lavar a mão toda hora... Não é como na rua! Na rua você vai ter que ficar dependendo dos outros né? ...pra você conseguir essas coisas...”* e *“No nosso caso aqui a vantagem é... não tem chefe pra mandar... você trabalha sossegado, tranquilo... e... o que mais que tem de vantagem? O horário, o horário é bom... pega oito e meia pára cinco e meia seis horas... cê não tem aquela pressão de voltar no horário de almoço voltar a tal horário, então tem várias vantagens, tem a amizade também né? Apesar de*

muitas divergências aqui entre pessoas, mas tem as amiga, as amizade da gente né? É bom trabalhar assim...”.

No grupo dos homens a “ênfase na estrutura física oferecida para o associado trabalhar” e “ênfase na dimensão da valorização e aprimoramento do trabalho do catador” somaram 71,44% das indicações totais para as vantagens para o catador trabalhar em uma associação de catadores de materiais recicláveis, sendo que as subcategorias “boa estrutura física para trabalhar (cobertura, banheiros, esteira, elevador, horário de descanso, recebimento de vale transporte, manutenção das máquinas, água potável)” com 17,89% e “valorização do trabalho do catador” com 7,14% foram as subcategorias que alcançaram o maior número de indicações nas suas respectivas categorias, ilustradas por: *“Ah! Eu não falto ao meu trabalho... porque o meu trabalho é essencial... eu dependo de mim eu sou uma travesti... eu, eu, eu tenho que manter minha casa... Manter minhas conta...Tenho que manter a minha vida pessoal... né? Que não é pouca coisa... Então, quer dizer, pra mim, eu tenho que trabalhar pra mim... Né? Então... é um dinheiro que tem que ser suado... E mil vezes trabalhar assim como eu trabalho, do que ficar na rua... né? Porque na rua eu to arriscado a pegar uma doença, morrer... aqui não, aqui estou trabalhando... e aqui o dinheiro é um dinheiro abençoado...”*

Sobre as relações entre os associados uma associada verbalizou: *“É porque ele, sabe, ele é, tem bastante sabe, amizade aqui e uma, um pessoal como se fosse um, uns irmão! Sabe? Eu pra mim é? Eu o dia que eu, que eu não posso vim mesmo, por causa que meu pai tá aí né, e é muito doente... Nossa! Eu fico péssima! Porque não to com os meu amigo né? ...é a mesma coisa que irmão pra mim! Tem! Eu sou muito querida aqui!”* e outra: *“Tá sozinho, não tem ninguém pra você contar um, falar um “a” ou um “b”... né? Aqui não, aqui você pode contar seus pobrema pra alguém... O pessoal pode até te ajudar né... na rua já não tem esse tipo né? Que geralmente, a maioria na rua também, tem bastante gente que já olha, tipo com outro olhar também né? Já não acha assim, pra eles não tem muita vantagem deles tá na rua... pro povo né? É... já falam né? Ficam pensando né? “Como essa pessoa tá aí se matando aí, às veze não dá lucro nenhum... não sei o que...” mas eles não sabem o quanto é importante pra pessoa que tá ali... Eu acho que sofre... Sofre bastante porque lá na minha cidade, a maioria não tem sabe, tem tipo um barracão de reciclagem lá, mas eu nunca fui, eu ouvi falar... E o povo de lá não ajuda, não colabora... Que sempre, porque passa lá o caminhão do reciclagem né? Pra levar pro barracão... uma amiga minha que trabalhava lá me falou que o máximo que vai lá é um caminhão... e ainda não chega a tar cheio... então aí já vê... E lá eu já cansei de ver lá gente catando, e não é carrinho que nem daqui... que*

é aqueles carrinho grande... lá eles catam com aqueles carrinho pequeno de mão mesmo... Já cansei de ver um monte de gente maltratando gente assim... Fala... é... “lixeiro”... “Fidido”, essas coisa...”

A subcategoria “amizade” e “preservar o ambiente” foram apenas 3,33% e 2,22% das indicações para as mulheres e a “amizade” 7,14% para os homens. A estrutura é considerada algo importante entre os associados, mas a capacitação para o trabalho associativo e as condições de desenvolvimento dos trabalhadores parece ser um pouco negligenciado.

As respostas fornecidas pelos associados ao indicarem porque permaneciam na associação estão apresentadas nas Tabelas 3.9 e 3.10. De acordo com os dados obtidos é possível destacar que para as mulheres a primeira categoria “benefícios individuais” teve 60,53% das indicações ao indicarem o porquê permaneciam na associação, as subcategorias “gostar da atividade que executa” (31,58%) e “gostar da associação” (26,32%) somam 57,90% das indicações. Na segunda categoria “benefícios mútuos” a subcategoria “amizades” teve 18,42% das indicações da categoria que foram 21,05% na sua totalidade. Podem ser ilustradas pelas verbalizações: “Ah! Eu gosto muito da associação! Eu acho que eu dou a vida por essa associação! (rindo) Eu adoro trabalhar na associação! Nossa! Eu tinha feito cirurgia, eu não consegui ficar em casa... eu tinha feito cirurgia de câncer eu fui pro meio do lixo! Meu médico nem sonha isso... Uhum... é, eu não guentei... é tem uma senhora que lembra, ela brigou comigo... tava com os, com os, foi colada a minha cirurgia e os ponto por dentro... Não sei como é que foi lá... sei que eu fui desse jeito mesmo, esperei uns dia, não cicatrizava, fui coloquei um plástico, protegi bem a barriga e fui... eu não consigo ficar em casa... Eu gosto... eu gosto de trabalhar aqui... Ah! Eu gosto bastante!” e “Olha... eu vou te falar bem a verdade... com esses seis meses aí que eu fiquei fora aqui do barracão... eu senti... parecia que eu... tava faltando alguma coisa ni mim sabe? Porque aqui eu me sinto... eu me sinto bem! Sabe? Eu gosto daqui, gosto assim, gosto mesmo de coração sabe? Então ... eu acho assim que eu não consigo ficar longe daqui! Prefiro fica aqui memo!” e “Aqui? Por causa dos amigos!” e “Eu até conversei com a presidente né? Que eu ia sair por causa de muita fofoca né? Encrenca... Da encrenca aqui comigo também né? Daí eu tinha até comentado com a presidente que eu só ia ficar aqui até me aparecer alguma coisa né? Porque eu não queria sair daqui tipo... brigado com alguém... Prejudicando a presidente. né? Com mágoa, porque na hora que eu precisei ela me acolheu de novo... Então, eu gosto de trabalhar aqui né? Então, até ela falou pra eu não sair né? Porque aqui bem ou mal se a gente falta, né? Um dia não é descontado né? Pode resolver né? Uma escola, a

creche das criança, tudo... e na firma? Tem firma que eu já fui mandada embora né? Por causa de um atestado de médico...

De acordo com os dados obtidos no grupo masculino é possível destacar que a subcategoria “precisar trabalhar” representaram 33,33% das indicações gerais para o porquê permanecerem na associação, ilustrada por: *“Necessidade... necessidade todo mundo tem de trabalhar né? Tem que trabalhar... que nem eu falei lá fora tá difícil... Não tem condições...”*; *“O que que faz eu permanecer aqui? O trabalho né? E a precisão de trabalhar né? Que na cidade, se a gente não trabalhar a gente não come né? Roubar eu não sei, porque não sou ladrão! Eu cometi esse erro aí, mas é um homicídio, já é diferente de ladrão né? A gente, família da gente toda vida trabalhando... e não tem esse negócio de pegar as coisa dos outro”*. A subcategoria “amizades” teve 25,01% das indicações ilustradas por: *“A minha amizade que eu tenho aqui... Muita amizade! Tem gente aí que parece irmão, pai, mãe...”* e *“Permanecer na associação é amizade, é convivência com as pessoa né? Daí é um serviço muito gostoso, e como já te expliquei, eu gosto muito, me identifico muito com esse serviço...”* e a subcategoria “gostar da atividade que executa” teve apenas 16,67% das indicações. Um dos sujeitos indicou o trabalho na associação como “trabalho temporário” (8,33%).

Parece que as mulheres indicam mais benefícios individuais e benefícios mútuos que as mantêm na associação, talvez pelo ambiente ser mais seguro, pois muitas mulheres são fisicamente mais vulneráveis, o ambiente coberto proporciona mais proteção e o trabalho de triagem e separação era exercido quase que exclusivamente por mulheres. Os homens se mantinham na associação por necessidade de trabalho ou por não conseguir emprego formal, as mulheres pareciam permanecer porque apreciavam o trabalho na associação e as relações envolvidas no desempenhar do trabalho.

Na pesquisa realizada por Andrade (2008), a opinião dos catadores sobre a associação se traduz no desejo de um espaço de união, de trabalho, respeito, conversa e trabalho conjunto, sem um “chefe”. Ao mesmo tempo, afirmam ser necessário alguém que coordene, direcione, diga o que fazer, na figura do presidente da associação, ou de alguém de fora que saiba mais sobre associação de catadores (Andrade, 2008). Nesta associação pareceu que, ao mesmo tempo em que tinham uma presidente, muitas vezes esta não se sentia confortável no papel de líder do grupo ou na resolução de conflitos, apesar de ser reconhecida pela maioria dos associados entrevistados como uma mulher “de fibra” e muita experiência no trabalho.

As respostas fornecidas pelos associados ao indicarem quais são as desvantagens para o catador trabalhar em uma associação de

catadores de materiais recicláveis foram apresentadas Tabelas 3.11 e 3.12. De acordo com os dados obtidos é possível destacar que a subcategoria “não há desvantagem” teve 69,95% das indicações entre as mulheres. A segunda categoria “ênfase no aspecto relacionado à renda”, com as subcategorias “falta de colaboração entre associados” e “fofoca entre associados” apresentaram 10,35%. A “fofoca entre os associados” pode ser ilustrada por: *“A desvantagem é a fofoca... Acontece... aqui Deus o livre! A gente vê fala, aqui uma tem ódio da outra... é feio isso aí...”*

De acordo com os dados obtidos no grupo dos homens é possível destacar que a categoria “não há desvantagem” obteve 37,50%. E a categoria “ênfase nas dificuldades de relacionamento entre associados” teve 31,25%, indicando problemas de relacionamento entre os associados, ilustrada pelas verbalizações dos associados: *“Desvantagens no momento... falta de colaboração dos colega! Acontece muito! Eu não sei... porque nunca trabalharam mesmo, né, que nem a gente já começou né, faz tempo! Eles começaram agora... ou até não entendem muito, nem o significado disso daqui... né? Mas eu acho que a maioria mesmo é falta mesmo de interesse!”* e *“Exatamente... como tem muita falta também, como diz, que eu que anoto o caderno, vem muita falta, aí tipo falta, às vezes falta sem motivo e acaba sobrecarregando a outra... Na reunião, em pauta foi colocado três faltas, sem justificativa, suspensão de quinze dias!”*; *“Só assim... a desvantagem é essa... as pessoas quererem ser mais que o outro... há desunião... e pessoas querendo humilhar as pessoas...”* As assistentes sociais indicaram conflitos entre o grupo devido a “fococas” como algo comum, assim como a rotatividade e a discussão sobre a renda, pois alguns se consideram prejudicados por trabalharem mais que outros e ganharem a mesma renda, o que também está indicado como aspecto de descontentamento entre os associados na pesquisa de Pereira, Carvalho e Ladeia (2008).

As mulheres relataram que a separação inadequada do lixo e materiais recicláveis feita pela população era uma das desvantagens para o catador associado, ilustrada pela verbalização: *“Ah! Os materiais que vem né? Tipo... que é totalmente lixo mesmo, papel higiênico, às vezes resto de comida...”*, já os homens não citaram esse aspecto, provavelmente porque quase em sua totalidade trabalhavam na prensa, e não na separação do material. As assistentes sociais relataram alto índice de rejeito na triagem, a qual devia ser feita com muito rigor, senão o material era rejeitado pelos compradores. Para os cooperados, uma má separação feita pela população reduz a renda por horas trabalhadas, já que quantidade considerável do material separado não teria valor no mercado de materiais reciclados. Uma quantidade maior de rejeito eleva os custos com transporte para a prefeitura,

pois há necessidade de encaminhar os resíduos das associações aos aterros sanitários. A quantidade do rejeito funciona como indicador da eficiência do sistema de coleta e da qualidade da separação do material na fonte geradora e na central de triagem. Quanto menor o índice de rejeito maior a participação da população na separação correta entre o lixo e materiais recicláveis. Os altos índices de rejeito revelam a necessidade de intensificar as campanhas de educação para a separação correta dos materiais entre a população (Ribeiro e col., 2009).

As respostas fornecidas pelos associados ao indicarem se já haviam se acidentado durante o trabalho na associação estão apresentadas nas Tabelas 3.13 e 3.14. De acordo com os dados obtidos é possível destacar que a segunda categoria teve 42,86% de indicações para sua única subcategoria “sim, corte com vidro”, ilustradas pelas verbalizações das associadas: “*Ah, um cortezinho de pé, alguma coisa... Com vidro. Não! Aqui é comum cê pegar e cortar a mão no vidro!*”; “*Ah... caco é normal você fazer um cortinho na mão de vez em quando...*” e “*Não. Ah! Só corte mesmo... Não! Só de raspão mesmo!*” De acordo com os dados obtidos no grupo dos homens é possível destacar que a segunda categoria teve 22,22% de indicações para a subcategoria “sim, corte com vidro”, ilustrada por: “*Ah! Eu me machuquei sexta-feira que eu de burrice... Eu consegui cortar o dedo! (rindo)*”. Pesquisas (Sousa e Mendes, 2006; Albizu, Lima e Piaskowy, 2008; Ribeiro e col., 2009; Lanzillotta, Saldanha, Silva e Mattos, 2007; Batista, Lima e Silva, 2013; Castilhos Jr e col. 2013) revelam que há ocorrência frequente de acidentes de trabalho nas associações, mas parece que para os catadores esses acidentes são inerentes ao trabalho que realizam. Segundo as pesquisadoras as técnicas operacionais para a compactação, extração e armazenamento, evidenciaram situações de contínuos riscos a acidentes mediante a ausência da utilização de equipamento de proteção, específicos para cada operação e emprego de ferramentas inadequadas. A precariedade do ambiente de trabalho e as insuficientes técnicas empregadas pelos catadores de materiais recicláveis, também somam, de forma negativa, aos riscos operacionais desempenhados (Batista, Lima e Silva, 2013). Para a maioria dos associados o corte com o vidro não é considerado como acidente, mas sim algo corriqueiro e sem importância, o que foi constatado quando respondiam que nunca haviam se machucado, mas ao serem inquiridos sobre corte com vidro afirmavam que já haviam se acidentado com o material, o que pode demonstrar uma falta de informação sobre os problemas decorrentes do manejo inadequado dos materiais que estão sendo separados nas esteiras, por exemplo, para a saúde desses trabalhadores.

As respostas fornecidas pelos associados ao indicarem os aspectos pelos quais sairiam da associação estão apresentadas nas Tabelas 3.15 e 3.16. De acordo com os dados obtidos no grupo de mulheres é possível destacar que a primeira categoria “razão alheia” teve 40,92% das indicações de resposta (doença; desentendimentos na associação; outros associados decidirem que deve sair da associação; falta de colaboração dos outros associados), ilustrada por: “*É, só se eles mandar embora.*” e “*Óia tem que ser um motivo muito grande pra eu sair daqui... (rindo) Muito grave, porque eu gosto daqui! Ói, pra mim sair daqui é só por motivo de doença mesmo... ou se eu brigasse dentro do barracão... Se chegasse a uma agressão...*”. “Decisão própria” (encontrar emprego melhor; retornar à cidade de origem; cansaço do trabalho; dedicar-se ao cuidado dos filhos pequenos) obteve 31,83% das indicações das mulheres ao indicarem os aspectos pelos quais sairiam da associação, ilustrado por: “*Ah! Eu acho que só se fosse por precisão mesmo, ou voltar embora pra minha... pra cidade natal.*” e “*Ah! Se um dia eu saísse eu ia sair pra arrumar um serviço melhor...*”

De acordo com os dados obtidos no grupo dos homens é possível destacar que na primeira categoria a subcategoria “encontrar emprego melhor” teve 44,45% das indicações dos homens ao indicarem os aspectos pelos quais sairiam da associação, ilustrado por “*Olha... talvez o motivo, não teria motivo... talvez eu sairia pra... sei lá, se conseguisse assim... um emprego que eu ganhasse muito bem!*” A segunda subcategoria com maior número de indicações foi “por desentendimentos na associação” (22,22%), ilustrado por: “*Ah! Só se for o caso de uma encrenca com alguém...*”.

Os dados parecem indicar que as mulheres sairiam por motivos alheios a elas e os homens por um emprego melhor. As mulheres permanecem por conta de reforços positivos e os homens por conta de reforços negativos apresentados ao comportarem-se no exercício de suas atividades.

As respostas fornecidas pelos associados ao indicarem o que mudariam na associação estão apresentadas nas Tabelas 3.17 e 3.18. De acordo com os dados obtidos é possível destacar que a primeira categoria “nenhuma mudança” teve 54,13% do total de indicações para as mulheres ao indicarem o que mudariam na associação. Em segundo lugar elas indicaram a categoria “melhorias operacionais” (29,19%) e em terceiro “melhorias das relações sociais” (16,68%). Ilustradas pelas verbalizações: “*A única, poderia melhorar, em ter mais associação!*”; “*Aqui dentro... eu mudaria o quê? Não precisa as mulher ficar se matando puxando bag de lixo... pega dois home só pra puxar bag do lixo!*”; “*Mas... eu acho que eu*

mudaria principalmente a parte de colocar o lixo... de empilhar o material né, na hora que chega os caminhão... isso eu mudaria...”; “Eu? Eu mudaria assim se fosse né? Eu tirava as pessoas que não trabalham, porque eu tô aqui durante esses seis meses eu já sei quem trabalha e quem não trabalha... Então eu já... fazia uma reunião pra tirar fulano... Né? Se não trabalha por que tá aqui? Além da gente tá ganhando pouco... a gente ainda tem que dar o... o dinheiro pra quem não merece!” e em terceiro “melhorias das relações sociais” ilustrada por: “Ah! Eu mudaria só a convivência... melhorar...” e “é ter mais assim... como se diz... as sim... mais união né?”

De acordo com os dados obtidos no grupo dos homens é possível destacar que a categoria “melhorias operacionais” teve 54,55% das indicações para os homens ao indicarem o que mudariam na associação, sendo a subcategoria mais indicada “melhoraria estrutura física” (18,19%). A categoria “nenhuma mudança” obteve uma indicação (9,09%), ilustradas pelas verbalizações: “Ah! O que eu queria de melhor aqui é uns banheiro mais né? Pra gente tomar um banho, e sair, que às vez a gente sai, só lava a mão e o rosto... pega ônibus... tem chuveiro ali...mas só tem um...Tem um, então precisava de mais né?”; “O que eu mudaria? Sei lá, é que tem um funcionário que não merecia tá aqui dentro né? Se eu tivesse um, sem falar que é uma associação, todo mundo tem que tomar a decisão junto, mas se dependesse de mim algumas pessoa eu cortaria... assim... É tipo assim... não é que trabalham, é que chegam a hora que quer né... não faz esse balanceamento que todo mundo trabalha junto... tem hora pra começar e tem hora pra sair... Todo mundo, acho que todo mundo tem que cumprir isso daí né? É... tinha que trabalhar igualmente né?”; “Ah! Eu memo, se fosse eu memo que comandasse, eu, o que eu mudaria, era terminar esse negócio... das fofocas!” .

A partir dos dados obtidos parece que as mulheres estão mais satisfeitas que homens na associação, pois eles percebem maior necessidade na melhoria das relações, mostrando-se mais insatisfeitos que elas. Melhorias das relações parecem ser necessárias na associação, os dados indicam que valor maior são atribuídos à renda e à estrutura física, mas e as relações entre os associados? Parece que se torna necessário que haja uma “liderança” que se preocupe em capacitar os associados a lidarem com aspectos técnicos do trabalho, mas também com aspectos do relacionamento entre os associados, algo além das “falácias” e engodos expostos por um discurso aprendido, mas não praticado.

Este estudo possibilitou observar que muitos dos indicadores da permanência de catadores em associações de materiais recicláveis também aparecem na associação estudada, são os reforçadores positivos e

negativos que influenciam a permanência ou não dos associados na associação, neste sentido há diferença entre o grupo dos homens e das mulheres, as mulheres parecem ter comportamentos reforçados pelo trabalho que executam, estão mais satisfeitas, os homens parecem estar só esperando uma proposta melhor ser feita para deixarem a associação. Talvez para as mulheres seja reforçador trabalhar em um lugar onde a idade, o baixo grau de escolaridade, os problemas de saúde não sejam levados em conta e no qual elas possam continuar exercendo seu papel de mãe e provedora da família sem muitas restrições. Dentro da associação havia um tipo de “divisão do trabalho” no qual a maioria das mulheres se ocupava da separação dos materiais e a grande maioria dos homens da prensagem e do enfardamento, a separação um trabalho minucioso que exige atenção e a prensagem e o enfardamento um trabalho que exige força.

Apesar do aumento no número de membros na maioria das associações, a quantidade é muito baixa ao ser comparada ao número de catadores autônomos que estão nas ruas das cidades. Quais são as condições como estrutura ou sistema de interação entre pessoas que não se torna reforçador para o catador e os mantém nas ruas? Quais medidas são necessárias para que os catadores autônomos se tornem associados e para que os que já são associados se sintam participantes de uma organização legítima, na qual os trabalhadores se sintam valorizados, tenham boas condições de trabalho e relações? Percebe-se a partir das características dos associados que poucos são os que exerceram a catação na rua e essa quantidade vem diminuindo cada vez mais para dar lugar a novos associados que estão sem trabalho, apresentam problemas de saúde que dificultam a sua contratação ou apresentam faixa etária superior a desejada nos empregos formalizados. Mas a associação por definição não deveria ser composta exclusivamente por catadores? Todo o investimento feito pelos órgãos governamentais nas associações por meio de infraestrutura e cursos não está voltada para a finalidade maior que seria tirar os catadores das ruas e das condições insalubres a que estão expostos ao trabalharem com atravessadores? Algumas associadas indicaram durante as entrevistas que não gostariam de ser denominadas “catadoras”, mas sim “recicladoras” ou “agentes ambientais”, enquanto a presidente mantém um posicionamento firme para que não se cogite mudar a denominação de “catador” para “reciclador” ou “agente ambiental” daqueles que participam da associação. Alguns dos desentendimentos no grupo parecem vir daí, pequenos grupos se formam a partir de afinidades e interesses comuns e os conflitos entre esses grupos são comuns. Mesmo o termo “reciclador” parece ser empregado de uma forma errônea, pois as atividades executadas na associação são de separação, prensagem e encaminhamento dos materiais recicláveis. Talvez a

“legítima reciclagem” seja feita pelo grupo da oficina de vidro que transforma o vidro separado em peças de arte, utilizando um material que já havia sido descartado pela população e aparentemente não teria mais utilidade.

O que deveria fazer uma associação? Tirar o catador da rua, trazer para a associação e disponibilizar uma condição melhor de trabalho, condições físicas e de relações. A rua parece continuar sendo para o catador de rua ambiente mais reforçador, no que diz respeito a trabalhar por conta própria, estar ao ar livre, trabalhar para si. Enquanto as associações não se tornarem verdadeiros “ambientes associativos”, com desenvolvimento profissional do trabalhador, proporcionando, por exemplo, maior grau de escolaridade e melhores condições de trabalho e resolução de conflitos, a rua parecerá mais atraente para muitos desses trabalhadores que ainda têm dificuldades em comportar-se como associados.

V REFERÊNCIAS

ALBIZU, E.J.; LIMA, C.A.; PIASKOWY, P. Segurança e saúde no trabalho do catador de material reciclável. In: XIV Seminário Sul-Brasileiro da ANAMT- XXIII Jornada Paranaense de saúde ocupacional. Curitiba: 2008. Disponível em: <http://www.apamt.org.br/anais_2008/jornada2008-anais/temas-livres/TL-10%20Catador%20Material%20Reciclavelf.pdf>. Acesso em: 07 mai. 2010, 22h26min.

ALIANÇA EMPREENDEDORA (s.d.). Reciclagem inclusiva – apoio a organizações de catadores. Disponível em: <<http://www.aliancaempreendedora.org.br/menu-superior/mao-na-massa/linhas-areas-de-atuacao-2/reciclagem-inclusiva-apoio-a-organizacoes-de-catadores/>>. Acesso em: 03 mai 2010, 09h50min.

ANDRADE, M.C. O nascimento de uma associação de catadores de material reciclável: um estudo de caso. In: *Psicol. Amb. Lat.* N. 14. México out 2008. Disponível em: <<http://scielo.bvs-psi.org.br>>. Acesso em: 05 jun 2009, 08h54min.

Aterro da Caximba provoca caos à saúde pública. *Jornal laboratório online do curso de Jornalismo da PUCPR*. Caderno política: 29 out 2009. Disponível em: <<http://www.curitibaagora.com.br/noticia.php?id=1673>>. Acesso em: 10 mai 2010, 13h24min.

BARBOZA, D.; ZANELLA, A.V. O movimento de potência/impotência de ação de catadores de material reciclável: o diálogo com a assessoria. In: *Pro-posições*, v.18, n.2(53)-maio-ago 2007. Disponível em : <http://mail.fae.unicamp.br/~proposicoes/textos/53-artigos-barbosad_et al.pdf>. Acesso em: 15 mar 2010, 15h17min.

BORTOLI, M.A. Catadores de materiais recicláveis: a construção de novos sujeitos políticos *Rev. katálysis* vol.12 no.1 Florianópolis Jan./June 2009. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S1414-49802009000100013>> Acesso em: 09 de fevereiro de 2014

BOSI, A.P. A organização capitalista do trabalho "informal": o caso dos catadores de recicláveis. *Rev. bras. Ci. Soc.* vol.23 no.67 São Paulo June 2008. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0102-69092008000200008>> Acesso em: 10 de fevereiro de 2014.

BOTOMÉ, S.P. Sobre a noção de comportamento. In: FELTES, H.P.M. e ZILLES, U. (Orgs). *Filosofia: diálogo de horizontes*. Caxias do Sul: EDIPUCRS, 2001. P. 687-708.

BOTOMÉ, S. P.; KUBO, O. M. *Esquema ilustrativo de um conjunto de relações básicas entre os componentes de um comportamento e as possibilidades de alteração na força dessas relações*. (J. F. Gomes, Org.). (Texto didático) Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC, Brasil. 2003

BOTOMÉ, S. P.; KUBO, O. M.. Exercícios sobre a noção de variável. *Texto elaborado para uso didático em disciplinas, derivados e adaptados de vários textos didáticos ou de manuais de metodologia de pesquisa científica. Não publicado*. 2006.

CABRAL, T. Curitiba venceria com inclusão de catadores. *Gazeta do Povo – Vida e Cidadania – Meio Ambiente*. 08 jul 2009. Disponível em: <<http://www.gazetadopovo.com.br/vidaecidadania/conteudo.phtml?tl=1&id=903290&tit=Curitiba-venceria-com-inclusao-de-catadores>>. Acesso em: 03 mai 2010, 10h17min.

CARMO, S. A semântica do lixo e o desenvolvimento socioeconômico dos catadores de recicláveis: considerações sobre um estudo de caso múltiplo em cooperativas na cidade do Rio de Janeiro. In: *Cad. EBAPE.BR* [online]. 2009, vol.7, n.4, pp. 591-606. Rio de Janeiro, dez. 2009. Disponível em:<http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1679-39512009000400005&script=sci_abstract&tlng=pt>. Acesso em: 18 maio 2010, 20h05min.

CARMO, M.S.; ARRUDA, R.G.L. O trabalho com resíduos – considerações sobre reconhecimento social e identidade profissional de classificadores. In: *RGSA – Revista de Gestão Social e Ambiental*. Jan. – Abr. 2010, V.4, Nº1, p. 178-194. Disponível em: <<http://74.125.155.132/scholar?q=cache:xRma7DQh56QJ:scholar.google.com/+rotatividade+em+cooperativas&hl=pt-BR&as-sdt=200>>. Acesso em: 18 mai 2010, 20h56min.

CASTILHOS JUNIOR, A. B.; RAMOS, N. F.; ALVES, C. M.; FORCELLINI, F. A.; GRACIOLLI, O. D. *Catadores de materiais recicláveis: análise das condições de trabalho e infraestrutura operacional no Sul, Sudeste e Nordeste do Brasil*

Ciênc. saúde coletiva;18(11): 3115-3124, ILUS, GRA. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-81232013001100002> Acesso em 09 fev 2014.

COMPROMISSO EMPRESARIAL PARA RECICLAGEM - CEMPRE. Disponível em : <<http://www.cempre.org.br>>. Acesso em : 07 mai. 2010, 22h33min.

CUNHA, F.L.; MELCHIOR, L. Cooperativas populares: a (re) qualificação do trabalho dos catadores de resíduos sólidos recicláveis em Ourinhos e Santa Cruz do Rio Pardo – SP. In: Revista Ciência em Extensão. V.2, n.1, p. 91, 2005. Disponível em: <http://ojs.unesp.br/index.php/revista_proex/article/download/210/121>. Acesso em 24 mai 2010, 08h54min.

CRUZ, R.C. *Tipos de atividades que constituem as rotinas do trabalho de diretores de cursos de graduação de uma universidade e aprendizagens para o exercício da função*. 2008. 233 f. Tese (Doutorado em Psicologia) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2008.

FERNANDES, S. Catadores de papel: caminhos e descaminhos. In: Revista Ágora: políticas Públicas e Serviço Social, Ano 1, nº 1, out 2004. Disponível em : <<http://www.assistentesocial.com.br/agora1/fernandes.doc>>. Acesso em: 24 mai 2010, 09h51min.

FEITOSA, L.B; AQUINO, C.A.B. Coesão social em grupos organizados de catadores de material reciclável no cenário de Fortaleza. In: XV Encontro Nacional da Associação Brasileira de Psicologia Social (ABRAPSO). Maceió, 30 out a 02 nov 2009. Disponível em: <http://abrapso.org.br/siteprincipal/images/Anais_XVENABRAPSO/367.%20coes%C3o%20social%20em%20grupos%20organizados%20de%20catadores%20de%20material%20recicl%C3vel%20no%20cen%C1rio%20de%20fortaleza.pdf>. Acesso em 24 mai 2010, 09h08min.

FERREIRA, S.L.; RABELO, F.C.; VASCONCELOS, S.M.S.; MARQUES, R.G.; MUNIZ, J.A.C. Importância ambiental do trabalho dos catadores de materiais recicláveis em Goiânia, Goiás, Brasil. In: Ingeniería Sanitaria y ... Uruguai, 2006. Disponível em: <http://www.bvsde.paho.org/bvsaidis/uruguay30/BR05415_Rabelo.pdf>. Acesso em: 24 mai 2010, 09h35min.

FÓRUM LIXO E CIDADANIA (s.d.). Disponível em:

<http://www.lixoecidadaniapr.org.br/index.php?option=com_content&view=article&id37&Itemid=39>. Acesso em: 03 mai. 2010, 13h22min.

FRANCESCHINI, G.; RIBEIRO, C.L. Economia solidária e cooperativas de catadores: competências e habilidade para emancipação financeira-política-social. In: VI ENEDS. Campinas, 17 e 18 set 2009. Disponível em:

<<http://www.itcp.unicamp.br/eneds/sites/default/files/artigo%2047.pdf>>.

Acesso em: 24 mai 2010, 09h27min.

GARCEZ GHIRARDI, M.I.; LOPES, S.R.; BARROS, D.D.; GALVANI, D. Vida na rua e cooperativismo: transitando pela produção de valores. In: Interface (Botucatu), Botucatu, v. 9, n. 18, Dec. 2005. Disponível em:

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-32832005000300014&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 18 Mai 2010, 19h44min.

GOMES, A. Para onde irá o lixo de Curitiba? (s.d.) *Revista Uninter*. Disponível em:

<http://revista.grupouninter.com.br/index.php?edicao_id=52&menu_id=3&id=241>. Acesso em : 10 mai 2010, 13h18min.

GOMES, J.F. *Dimensões críticas dos comportamentos que caracterizam a tarefa profissional de “triar objetos” de um agente de entrega de correspondência*. 2005. 134 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2005.

GORE, A. *Uma verdade inconveniente: o que devemos saber (e fazer) sobre o aquecimento global*. Barueri: Manole, 2006.

LANZILLOTTA, H.; SALDANHA, P.C.; SILVA, J.A.; MATTOS, U.A.O. Medições ambientais e mapeamento de risco: cooperativa de catadores no bairro de Benfica, Rio de Janeiro. In: 24º Congresso Brasileiro de Engenharia Sanitária e Ambiental. 02 a 07 de set 2007 - Belo Horizonte. Disponível em:

<<http://www.saneamento.poli.ufrj.br/documentos/24CBES/III-235.pdf>>.

Acesso em: 15 mar 2010, 10h47min.

LUIZ, E.C. *Classes de comportamentos componentes da classe “projetar a vida profissional” organizadas em um sistema comportamental*. 2008. 239

f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2008.

MARCON, S.R.A. *Comportamentos que constituem o trabalho de um gestor de curso de graduação*. 2008. 249 f. Tese (Doutorado em Psicologia) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2008.

MEDEIROS, L.F.R.; MACÊDO, K.B. Catador de material reciclável: uma profissão para além da sobrevivência? *Psicol. Soc.* vol.18 no.2 Porto Alegre May/Aug. 2006. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-71822006000200009>. Acesso em 11 de fevereiro de 2014.

MICHALSKI, A. Catadores têm papel fundamental na coleta seletiva de Curitiba. In: *Jornal Comunicação UFPR*. 27 abr. 2009. Disponível em: <<http://www.jornalcomunicacao.ufpr.br/redacao3/node/287>>. Acesso em 03 mai 2010, 10h05min.

MINISTÉRIO DO TRABALHO E EMPREGO. *Classificação Brasileira de Ocupações, CBO*. Brasília, 2010. Disponível em: <<http://www.mtecbo.gov.br/cbosite/pages/pesquisas/ResultadoFamiliaCaracteristicas.jsf>>. Acesso em: 08 mai. 2010, 11h30min.

Novo alfabeto brasileiro tem entre 30 e 40 anos está no mercado de trabalho. R7. Disponível em: <http://noticias.r7.com/educacao/noticias/novo-alfabeto-brasileiro-tem-entre-30-e-40-anos-e-esta-no-mercado-de-trabalho-20140209.html>

PACHECO E SILVA, M.; RIBEIRO, H. Grupos de catadores autônomos na coleta seletiva do município de São Paulo. In: *Cadernos Metrôpole* 21, pp. 261-279, 1ºsem. 2009. Disponível em: <http://observatoriodasmetrolopes.net/download/cm_artigos/cm21_159.pdf>. Acesso em: 18 mai 2010, 21h10min.

PEREIRA, A.C.L.; CARVALHO, AMR; LADEIA, CR. Entre os princípios da economia solidária e sua aplicação em uma cooperativa de catadores de materiais recicláveis: contradições e desafios. In: *Anais VI Seminário do Trabalho: trabalho, economia e educação no século XXI*. Marília: 26 a 30 mai 2008. Disponível em: <<http://www.estudosdotrabalho.org/anais6seminariodotrabalho/anacarolinapereiraanacarvalhoecarlosrodrigues.pdf>>. Acesso em: 27 mai 2010, 16h09min.

PIRES, A.S. O que é economia solidária? As percepções dos trabalhadores e trabalhadoras de uma cooperativa incubada e as relações de gênero (s.d.). Disponível em : <http://www.fflch.usp.br/ds/pos-graduacao/simposio/m_9_Aline_Suelen_Pires.pdf>. Acesso em 18 mai 2010, 20h21min.

QUISSINI, C.S.; CONTO, S.M; SCHNEIDER, V.E.; CARLI, L.N; GELATTI, F. Informações de catadores sobre dificuldades relacionadas ao manejo de resíduos sólidos em centrais de triagem; estudo de caso do município de Caxias do Sul. In: 24º Congresso Brasileiro de Engenharia Sanitária e Ambiental. Belo Horizonte: 02 a 07 set 2007. Disponível em: <<http://www.saneamento.polli.ufrj.br/documentos/24CBES/III-322.pdf>>. Acesso em 18 mai 2010, 20h49min.

RECH, G. Catar papel, modo de sobreviver. Paraná online.19 jul 2008. Disponível em: <<http://www.parana-online.com.br/editoraia/mundo/news/137794/>>. Acesso em: 24 mai 2010, 13h15min.

RIBEIRO, H.; JACOBI, P.R.; BESEN, G.R.; GÜNTHER, W.M.R; DEMAJOROVIC, J; VIVEIROS, M. *Coleta seletiva com inclusão social: cooperativismo e sustentabilidade*. São Paulo: Annablume, 2009.

RIBEIRO, H.; BESEN, G.R. Panorama da coleta seletiva no Brasil: desafios e perspectivas a partir de três estudos de caso. In: Revista de Gestão Integrada em Saúde do Trabalho e Meio Ambiente – InterfaceHS. V.2, n.4, artigo 1, ago 2007. Disponível em : <http://www.interfacehs.sp.senac.br/images/artigos/71_pdf.pdf>. Acesso em: 15 mar 2010, 14h05min.

SANTOS, J.B.F.; MACIEL, R.H.M.O; MATOS, T.G.R. Reconquista da identidade de trabalhador por ex-detentos catadores de lixo Cad. CRH vol.26 no.68 Salvador May/Aug. 2013. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-49792013000200011>. Acesso em 10 de fevereiro de 2014.

SINGER, P. Entrevista Paul Singer. Cadernos de Psicologia social do Trabalho. In: V.6. São Paulo: dez.2003. Disponível em : <<http://www.revistasusp.sibi.usp.br/scielo.php?pid=S1516->

[37172003000200008&script=sci_arttext](#)>. Acesso em: 15 mar 2010, 08h55min.

SKINNER, B.F. Contingências de reforço: uma análise teórica (1969). In: Os Pensadores. Textos escolhidos: Pavlov e Skinner. São Paulo: Abril Cultural, 1980.

SOUSA, C.M.; MENDES, A.M. Viver *do* lixo ou *no* lixo? A relação entre saúde e trabalho na ocupação de catadores de material reciclável cooperativos no Distrito Federal – Estudo exploratório. In: Rpot. Vol.6, nº2, jul-dez 2006, p. 13-42. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/rpot/article/view/1105>>. Acesso em 27 mai 2010, 16h59min.

VIEIRA, A.C.M; RICCI, F. Cooperativas populares de reciclagem e a articulação entre geração de renda, reciclagem e gestão ambiental. In: Simpósio de Excelência em Gestão e Tecnologia. 2008. Disponível em : <http://ww.aedb.br/seget/artigos08/275_275_Cooperativas_Populares_de_Reciclagem_-_Seget_2008.pdf>. Acesso em 18 mai 2010, 20h29min.

VIEIRA, M.E.A. *Percepção de autonomia entre catadores de materiais recicláveis de associações e organizações privadas de Fortaleza*. [documento na Internet]. Disponível em: http://www.abrapso.org.br/siteprincipal/images/Anais_XVENABRAPSO/138.%20percep%C7%C3o%20de%20autonomia%20entre%20catadores%20de%20materiais%20recicl%C1veis%20de%20associa%C7%D5es%20e%20organiza%C7%D5es%20privadas%20de.pdf. Acessado em 11 de fevereiro de 2014.

APÊNDICE A

Roteiro de entrevista com as assistentes sociais

- 1) Conte-me sobre a história de formação da associação.
- 2) Quais são, na sua opinião, as vantagens para um catador entrar em uma associação de materiais recicláveis?
- 3) Quais são, na sua opinião, as desvantagens para um catador entrar em uma associação de materiais recicláveis?
- 4) Quais são, na sua opinião, as facilidades para um catador que entra em uma associação de materiais recicláveis?
- 5) Quais são, na sua opinião, as dificuldades para um catador que entra em uma associação de materiais recicláveis?
- 6) Como é feito o processo de ingresso dos novos catadores na associação?*
- 7) Como é feito o processo de desligamento dos catadores na associação?*

*Perguntas feitas apenas à assistente social que está assessorando o grupo nos dias atuais.

APÊNDICE B

Roteiro de entrevista com a presidente da associação

- 1) Há quanto tempo você trabalha como catadora de materiais recicláveis?
- 2) Você já trabalhou como catadora na rua?
- 3) Há quanto tempo você é presidente desta associação?
- 4) Quais os motivos que levaram você a se candidatar à presidência da associação?
- 5) Como presidente da associação quais são os tipos de dificuldades que você enfrenta?
- 6) Qual a quantidade diária/semanal/mensal de materiais recicláveis que são triados na associação?
- 7) O que você espera para o futuro da associação que preside?
- 8) O que é necessário para que a associação “fique melhor”?
- 9) O que você acha do trabalho feito pelos apoiadores e da prefeitura que auxiliam a associação?
- 10) Você acha que seria necessário mais auxílio? De que tipo?
- 11) Conte-me sobre as relações de amizade entre os associados (Existem? Ultrapassam os limites físicos da associação? Há boa convivência entre os associados?)
- 12) Conte-me sobre as decisões referentes ao funcionamento da associação (Partilha do dinheiro, definição de tarefas, cumprimento das obrigações, decisões a serem tomadas)
- 13) Conte-me sobre a resolução dos conflitos entre os associados (quem media, como?)

- 14) Quais os cursos necessários para os catadores melhorarem seu trabalho?
- 15) O que é feito quando os associados não querem participar dos cursos oferecidos?
- 16) Quais são os principais motivos que levam o(a) catador(a) a sair da associação?
- 17) Quais são os principais motivos que fazem com que o (a) catador(a) permaneça na associação?

APÊNDICE C

Roteiro de entrevista com os associados

- 1) Data de nascimento/ Idade
- 2) Sexo
- 3) Grau de escolaridade
- 4) Há quanto tempo trabalha como catador? Já trabalhou na rua como catador?
- 5) Há quanto tempo trabalha nesta associação?
- 6) O que é para você uma associação de catadores de materiais recicláveis? (Qual a sua importância para a sociedade e ambiente?)
- 7) Quais são as vantagens para o catador trabalhar em uma associação de catadores de materiais recicláveis?
- 8) E quais seriam as desvantagens?
- 9) O que você fazia antes de vir trabalhar na associação?
- 10) Como foi que você soube da associação?
- 11) Você considera melhor o trabalho do catador na rua ou no barracão? Por quê?
- 12) O que levou você a entrar na associação? Qual o motivo?
- 13) O que faz você permanecer na associação?
- 14) Se um dia você sáísse, qual seria o motivo?
- 15) O que você acha bom na associação? O que você gosta?
- 16) O que você acha ruim na associação? O que você não gosta?

- 17) O que você mudaria?
- 18) Você já se machucou durante o trabalho na associação?
- 19) O que você acha das amizades na associação?
- 20) Conte-me sobre a relação com os técnicos (É cordial? Que tipo de tarefas executam? São importantes para o bom funcionamento da associação? São sempre os mesmos? Facilitam ou atrapalham?)
- 21) Quantas pessoas você sustenta com o seu trabalho de catador(a)?

APÊNDICE D

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Meu nome é Ana Rubia Wolf Gomes, aluna do Programa de Pós-graduação - Doutorado em Psicologia da Universidade Federal de Santa Catarina e estou desenvolvendo a pesquisa "Determinantes de permanência de catadores em associação de catadores de materiais recicláveis", sob a orientação da Prof. Dra. Olga MitsueKubo. Esta pesquisa tem como objetivo *identificar quais são os determinantes de permanência de catadores em associação de catadores de materiais recicláveis*. Para isto, realizarei entrevistas com perguntas relativas ao catador associado e as suas condições de trabalho. Para garantir que todas as informações prestadas sejam registradas, utilizarei o gravador, mas lembro que esta pesquisa não traz riscos ou desconfortos ao participante. Se você estiver de acordo em participar, garanto que as informações fornecidas serão confidenciais, o resultado da pesquisa somente será divulgado com o objetivo científico, sua identidade será mantida em sigilo, tal como a identidade da instituição profissional onde você trabalha. A sua participação nesta pesquisa não é obrigatória e você pode manifestar a intenção de não continuar participando, sem qualquer prejuízo pessoal. Se você tiver dúvidas em relação à pesquisa ou não quiser mais seus dados utilizados, entre em contato pelo telefone (41)3313-5221.

Assinaturas:

Pesquisadora: _____

Eu, _____

Estou ciente do objetivo da pesquisa "*Determinantes de permanência de catadores em associação de catadores de materiais recicláveis*", do compromisso da pesquisadora sobre a condução da mesma e da utilização das informações na realização deste estudo e concordo que minhas informações sejam gravadas em áudio, para posterior transcrição das mesmas.

Araucária, _____ / _____ / _____

Assinatura do participante: _____

RG: _____